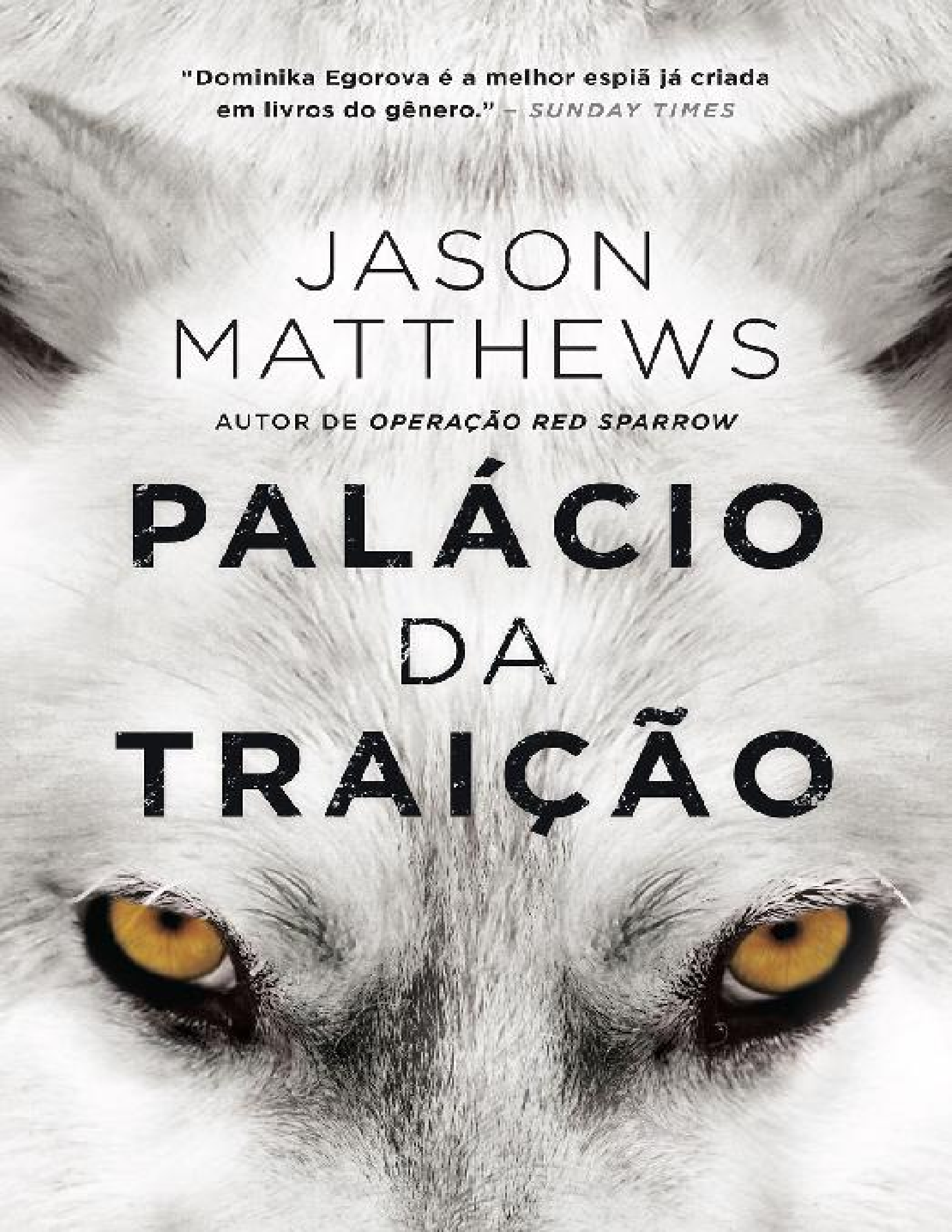


"Dominika Egorova é a melhor espiã já criada
em livros do gênero." – *SUNDAY TIMES*

JASON
MATTHEWS

AUTOR DE OPERAÇÃO RED SPARROW

**PALÁCIO
DA
TRAIÇÃO**





**PALÁCIO
DA
TRAIÇÃO**



O ARQUEIRO

ERALDO ORDÃO EREIRA

O menino do dedo verde

Minha vida

Muitas vidas, muitos mestres

O Código Da Vinci

JASON
MATTHEWS
PALÁCIO
DA
TRAIÇÃO



Título original: *Palace of Treason*

Copyright © 2015 por Jason Matthews
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Diogo Henriques

revisão: BR 75 | Clarisse Cintra, Luiz Felipe Fonseca e Taís Monteiro

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Penguin Books UK

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: Shutterstock

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M388p

Matthews, Jason

Palácio da traição [recurso eletrônico] / Jason Matthews; tradução de Marcelo Mendes.
São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital

Tradução de: *Palace of treason*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-843-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

18-48214

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meu irmão William, com admiração

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

CAPÍTULO 1

DOMINIKA EGOROVA, CAPITÃ DO SERVIÇO

*Je bande pour toi
Você me deixou de pau duro*

*Va voir ailleurs si j'y suis
na esquina*

Vá ver se eu estou

Rodina

siloviki

ubiitsa

Sistema Rukopachnogo Boia

eles

Sistema Boia

Q

Q

Q

svini

operupolnomochenni



elektricheskii pistol

petit jaune

resident

nunca

chliukha

uma década e meia

Vilami na vode pisano.



À poil

Venechnei Razvedki

Slujba

proteger

Shaitan

estupidez

Ranche siadiech, ranche vidiech

big brother

ESPETO DE PORCO

Marinar tirinhas de carne de porco numa pasta espessa de óleo de gergelim, cardamomo, cúrcuma, alho amassado, caldo de peixe, açúcar mascavo e suco de limão. Grelhar sobre brasa quente até deixar a carne caramelizada e crocante.

CAPÍTULO 2

ÀS TRÊS DA MADRUGADA, O

Tant pis.

para

Qu'est-ce que j'en sais?

rezidentura

polovaia zapadnia

Invaginirovatsia.



Dessa vez não foi sua mãe quem lhe apareceu. Foi Marta, uma ex-colega da Escola de Pardais. Cabelos muito louros e escorridos, olhos azuis, lábios delicados. Não suportando mais as exigências obscenas da escola, ela se enforcou no quarto do dormitório. De início Dominika ficara muito triste, depois furiosa: mais uma alma consumida nas fomalhas do Kremlin. Marta sentou-se na borda da banheira, correu os dedos pela água. Mais tarde haveria tempo suficiente para acionar os americanos, disse ela. O mais importante naquele momento era voltar para casa e colocar a corda no pescoço do Diabo.



maliutka.

migalka

Nate podia estar morto

Spasibo

Pokazat kuzkinu mat.

COGUMELOS À LA KREMLIN

Fatiar os cogumelos e refogá-los no azeite até que as bordas fiquem escuras. Acrescentar alcaparras e verduras (espinafre, couve ou acelga) e deixar cozinhando até que as folhas amoleçam. Temperar, acrescentar mostarda e vinagre, ir misturando até o caldo engrossar. Servir à temperatura ambiente ou frio.

CAPÍTULO 3

O ZUNZUM DO TRÂNSITO NA

pobeda

gerojin.

gerojin

izgnanie.

Gavorite po-russki?

Glavnoie Razvedivatelnoie Upravleniie

dokumenti

Voiennii billet.

Zolotaia Zvezda

nadzirateli

Neit.



Rodina.

chachlik.

chachlik

mais ninguém

=====

quer

ESPETOS DE CORDEIRO À LA LYRIC

Cortar o filé de cordeiro em pequenos cubos e marinar em suco de limão, orégano, azeite, sal e pimenta. Montar os espetos e grelhar a carne até o

ponto desejado. Regar com iogurte batido. Servir com cebolas e salada de pepino.

CAPÍTULO 4

O CORONEL ALEKSEI ZYUGANOV NÃO

apparatchik

Kommandatura

rezident

vziatochnichestvo

khuliganstvo

prisvoenie

nizost

Visshaia Mera Nakazaniia

específicas

strappado

slona.

Delatiz mukhi

=====

=====

conquistar de fato

Gospoja

Kremlova

Rodina

Duas outras pessoas observavam de um canto da sala, duas velhas

amigas: Marte, com seus traços finos e delicadeza de sílfide, e Marta, com suas sobrancelhas grossas e porte de Juno, a veterana da Escola de Pardais que havia sido sua confidente em Helsinque e que numa noite de inverno desaparecera sem deixar rastros. Ambas olhavam para ela como se quisessem apressá-la, como se pedissem muita cautela.

Diga a ele!

ARENQUE EM CONSERVA À LA LEFORTOVO

Numa tigela, enfileirar os filés de arenque já limpos (sem ossos e pele), depois cobrir com vinagre, azeite, açúcar e endro picado. Deixar na geladeira por algumas horas. Servir sobre torradas de pão preto e cobrir com fatias finas de cebola crua.

CAPÍTULO 5

SIMON BENFORD ERA O CHEFE da Divisão de Contrainteligência da CIA. Baixinho, pançudo e papudo, andava sempre descabelado devido ao hábito de puxar as próprias madeixas grisalhas sempre que gritava com um dos subordinados, ou com qualquer pessoa da Diretoria de Inteligência do FBI, da Agência de Inteligência da Defesa, do Departamento de Inteligência e Pesquisa do Ministério das Relações Exteriores, do Setor de Inteligência e Análise do Departamento de Segurança Interna ou de qualquer órgão governamental com a palavra “inteligência” no nome, cujos funcionários, na sua abalizada opinião, não entendiam rigorosamente nada da espionagem clássica e não tinham o menor preparo para colher ou analisar dados de inteligência externa.

Benford não era apenas um *enfant terrible* ou um misantropo. Com seus olhos bovinos, era um lendário caçador de informantes, um estrategista, um sacerdote operacional, um papa que os espões estrangeiros viam como sua cruz mais pesada: mais traiçoeiro do que o SVR russo, mais inescrutável do que o MSS chinês, mais elegantemente perverso do que o DI cubano, mais irascível do que o RGB coreano. Na CIA, seus asseclas mais próximos secretamente o descreviam como “um bipolar com um pé na sociopatia”, mas no íntimo tinham verdadeira adoração pelo homem. Os aliados externos ora o amavam, ora o odiavam, mas sempre o ouviam. Anos antes ele havia ajudado os ingleses a desbaratar uma rede de informantes liderada por Moscou durante quinze anos na Câmara dos Comuns, e, para tanto, tal como ele próprio havia explicado ao Comitê Conjunto de Inteligência, bastara seguir “o último dos heterossexuais no Parlamento inglês até o encontro com seu operador russo”. Os ingleses não riram.

Benford havia ligado para Tom Forsyth em Atenas para felicitar a todos da estação pelo recrutamento de Lyric. As primeiras informações

entregues pelo general russo haviam sido aprovadas na avaliação preliminar realizada em Langley, e até então Nash vinha tendo um ótimo desempenho como operador.

– Estou ansioso pra ter notícias de Diva – disse ele ao telefone.

– Todos nós estamos, Benford – disse Forsyth. – Nash está pronto pra ir ao encontro dela assim que receber algum sinal. Malas feitas e tudo.

– Não temos nenhuma informação sobre a situação atual dela. Ninguém ouviu nenhum boato, ninguém viu a garota na rua. Nenhuma nota na *Rossiiskaia Gazeta*.

Por “nota” ele queria dizer “aviso de falecimento” no obituário do jornal. Desde os tempos do velho *Pravda*, a CIA acompanhava diariamente os obituários russos.

– Ela é muito esperta – disse Forsyth. – E muito corajosa também.

A decisão de reintroduzir Dominika na Rússia havia sido de Benford, mas Forsyth sabia tão bem quanto ele como era aflitivo ficar de braços cruzados enquanto um agente não se manifestava, estivesse ele em Cuba, na Síria, na Birmânia ou na Moldávia.

– Só nos resta esperar – completou Forsyth.

– Eu sei, porra – retrucou Benford. – Estou careca de saber.

Estivesse falando com algum frangote de Langley ou Washington, ele explodiria uma veia com os berros que daria ao telefone, mas ninguém berrava com um funcionário tão graduado, e sobretudo tão competente, como Tom Forsyth.

– Assim que ela estalar os dedos, Nate corre pra onde ela estiver – disse Forsyth, procurando acalmá-lo. – Fique tranquilo. Somos que nem patos: calmos da água pra cima, batendo os pés furiosamente da água pra baixo.

Benford grunhiu do outro lado da linha.



Na manhã seguinte à sua chegada a Viena, Dominika voltou a fazer suas flexões na sala do minúsculo apartamento que ocupava na Stuwertstrasse, relativamente longe do Danúbio, mas a uns 400 metros das elegantes torres curvas da Agência Internacional de Energia Atômica. A brisa de

verão entrava pelas janelas abertas e por elas era possível avistar, à claridade do dia, um vago contorno da célebre roda-gigante do parque Prater, a qual ficava bem mais evidente à noite, quando se acendiam os milhares de luzinhas que decoravam aros e vagões.

Apenas de lingerie, com os pés apoiados numa cadeira, ela exalava o ar dos pulmões ao flexionar lentamente os braços até comprimir o peitoral contra o carpete. Quando já não aguentava mais, ela terminou a série e começou a seguinte, agora com as mãos apoiadas no assento da cadeira, os calcanhares plantados no pequeno sofá, os braços flexionando a cada descida dos quadris. Vinte ou trinta repetições, até que ela deu a sessão por encerrada. Dali a pouco o telefone tocou na cozinha. Ainda ofegante, ela contornou o balcão e atendeu. Imediatamente reconheceu a voz gutural de Udranka.

– *Devuchka*, e aí, garota? – disse.

– *Devchonka*, sua vaca – devolveu Udranka em russo. *Devuchka* e *Devchonka*. Senha e contrassenha. Até aí, tudo certo. – Por que está ofegante assim? Está fazendo o quê? São nove da manhã.

Menção às horas: “Preciso vê-la em uma hora.” Técnicas operacionais da Escola de Pardais. Curtas, grossas, infalíveis.

Um banho rápido, seis paradas de metrô até a estação de Hardegasse, quatro lances de uma escada perfeitamente limpa e pronto, lá estava Dominika. Udranka abriu a porta antes mesmo que ela batesse. O apartamento era um amontoado de coisas e cores: espelhos nas paredes, almofadas extravagantes no sofá e, do outro lado de uma porta aberta, um quarto de muitos babados e badulaques cor-de-rosa. Tudo cortesia do SVR, inclusive os grampos de áudio e as câmeras escondidas em todos os cômodos. Udranka abriu seus braços compridíssimos para um abraço de boas-vindas, sua aura vermelhíssima como sempre, ardendo como ferro em brasa.

“Este é um pardal diferente”, pensou Dominika, abraçando-a de volta. A criatura não tinha a perfeição tradicional daquelas deusas eslavas de pele alvíssima, mamilos rosados e depilação francesa. Não. Tomadas separadamente, as partes do corpo de Udranka não eram as de uma beldade libidinosa. Com mais de 1,80 metro de altura, seu corpo era o de um espantalho de cotovelos, joelhos e quadris muito ossudos e salientes. Peitos praticamente não havia, e implantes estavam fora de questão. Uma cicatriz fina corria do canto da boca até a orelha esquerda,

sequela deixada na sua infância pelo chicote de um miliciano. As mãos eram irrequietas, de dedos muito finos e unhas pintadas de um vermelho-hibisco. Ao percorrer com o olhar aquelas pernas impossivelmente longas, chegava-se aos pés de unhas também vermelhas. Naquela manhã ela estava usando dois pingentes de coral nas orelhas e um quimono rosa-choque que pouco ou nada cobria das coxas.

Os cabelos ruivíssimos (o tom poderia ser chamado de “Ferrugem dos Bálcãs”) eram curtos e rentes à cabeça, num corte quase masculino. A boca era um escândalo de lábios carnudos e dentes muito brancos, sempre em movimento: sorrindo, fazendo beijos, molhando-se com a língua, escancarando-se numa gargalhada, censurando isto ou aquilo com um muxoxo. Os olhos eram de um verde claro, pintalgados de preto, um sorvete de pistache com flocos de chocolate, e podiam transmitir, no tempo que as pupilas levavam para dilatar, um irrefreável desejo sexual.

Udranka era uma mulher naturalmente sensual. Os olheiros da Escola de Pardais imediatamente reconheceram os seus instintos primitivos, os quais seriam refinados mais tarde pelas orientadoras e especialistas do lugar. Dominika era experiente o bastante para saber que, com mulheres assim, bastava apontar o canhão, acender o pavio e sair de perto. Nunca vira nada igual: Udranka podia transformar sua personalidade forte, porém nada glamorosa, em algo extremamente cativante, usando o corpo magro para hipnotizar, paralisar e *devorar* os alvos que, como passarinhos indefesos, volta e meia lhe caíam nas mãos.

Dez anos antes, a sérvia havia arrumado sua mochila e ido para Moscou, uma adolescente em busca de trabalho, uma juvenzinha de risada escandalosa. Começara modelando para grifes populares, quase sempre de joias ou sapatos, e passara pelos relacionamentos de praxe com músicos, publicitários e ministros. Aos 26 anos dera por encerrada a carreira de modelo, mas ainda fazia cabeças virarem para olhá-la sempre que entrava em certo restaurante de Moscou. Entre elas estava a do embaixador italiano de então, um conde atarracado, descendente dos Barberini de Palestrina, que não conseguia tirar os olhos daquele sorriso de alta voltagem, e muito menos daquela estatura incomum. O diminuto italiano nunca havia trepado com uma mulher assim tão alta e mal via a hora de descobrir como se encaixavam as partes. Era um sujeito gentil, falante e simpático, mas também casado, e por isso seu namorico com

Udranka teria de permanecer na clandestinidade.

O FSB logo descobrira a aventura do embaixador. Dali a mais ou menos um ano Udranka foi recrutada como agente de acesso, depois requisitada pelo SVR e enviada para a Escola de Pardais. Estava sem um tostão sequer e eles haviam ameaçado mandá-la de volta para Belgrado. Caso ficasse, ela teria um apartamento para morar, uma cama para transar. Por que não?

Dominika tropeçara no nome dela três anos depois, ao procurar por uma isca que pudesse usar no caso Jamshidi, alguém singular o bastante para fazer o iraniano esquecer os dogmas de sua religião e colocar a própria cabeça na forca. Os dossiês do SVR indicavam Udranka como um dos melhores pardais da casa, perfeitamente habilitada nas técnicas da espionagem e nas “artes da sedução”, e pouco depois ela foi despachada numa transferência temporária para Viena. Dominika a enxergava como uma garota ferida por dentro, desconfiada, calejada pela vida, uma sobrevivente. No entanto, dava-se muito bem com ela, sobretudo porque conhecia de perto as dificuldades da vida de pardal.

Uma vez em Viena, bastara colocar a sérvia diante do nariz de Jamshidi mediante uma encenação razoavelmente simples: Udranka tivera a bolsa roubada por um motoqueiro na frente do bar em que estava o iraniano. Como esperado, ele rapidamente se oferecera para levá-la de táxi para casa e ela, inocentemente, convidara-o para um cafezinho de agradecimento.

No colorido apartamento (silenciosamente vigiado pelas lentes e microfones da Linha T), Jamshidi vencera as primeiras rejeições da sua presa ingênua e, orgulhoso de si mesmo, deleitara-se com os três orgasmos que conseguira tirar dela (dois fingidos e um real), vendo um charme especial na cicatriz do rosto da garota, avermelhada em razão do fluxo sanguíneo.

Não satisfeito, partira para uma segunda rodada, dessa vez com variações geralmente associadas aos rapazes dos *hammans* tunisianos. Esperara protestos e uivos de dor da sua acanhada girafinha pescoçada (outro charme), mas jamais poderia ter imaginado a reação dela, muito menos que pudesse ter sido especialmente treinada para fazer um homem perder a cabeça no ardor do sexo, e foi exatamente o que aconteceu com ele em algum momento da técnica nº 73 do cardápio de delícias da Escola de Pardais (“Entrada no Kremlin pelo Portão

Nikolskaia”). Depois dessa noite ele já estava irremediavelmente fígado pelo anzol de Vladimir Putin.

– Vem, entra – disse Udranka, sinalizando para que Dominika se acomodasse à mesinha da cozinha de azulejos amarelos.

Uma chaleira verde-limão esperava vazia numa das bocas do fogão.

– Como é que você não fica cega aqui? – perguntou Dominika.

– Em Belgrado tudo era cinza – explicou Udranka, dando de ombros.

– Em Moscou também. Um puteiro não pode ser cinza.

Seu halo incandescente expandiu com a gargalhada que ela deu, os dentes cintilando entre os lábios fartos.

– Como vai o seu *sich*, o corujinha tarado? – disse Dominika.

– Um pequeno progresso. Talvez algo importante.

Udranka se levantou da mesa e sem a menor dificuldade tirou de um dos armários mais altos da cozinha uma garrafa bojuda de tampa dourada. Ao esticar o braço, abriu uma pequena fresta no quimono, deixando entrever o modesto contorno dos seios.

“Os meus são maiores”, pensou Dominika, imediatamente se sentindo ridícula.

– O que é isto? – perguntou.

– *Srpska Sljvovica*, um conhaque de ameixa de Sumadija, uma região da Sérvia – respondeu Udranka, já servindo duas doses.

Conhaque às dez da manhã? Resignada, Dominika não fez mais do que molhar os lábios enquanto Udranka esvaziava o copo inteiro com a cabeça para trás e se servia de uma segunda dose.

– Mas e aí? – disse Dominika, observando a outra com atenção, procurando ler os olhos dela entre um gole e outro de conhaque.

Seus instintos estavam especialmente aguçados naquele multicolorido ninho de amor.

– Corujinha veio me ver ontem à noite como se nada tivesse acontecido. Não estava bravo, só queria trepar.

Dominika já havia advertido Udranka que Jamshidi talvez a acusasse de ter armado a arapuca na qual ele havia caído em Paris. Udranka dera de ombros, nem um pouco preocupada. Pardais eram treinados para alegar inocência nas mais diversas circunstâncias.

– Ele não comentou nada sobre ter sido abordado? Não perguntou se tinha câmeras no apartamento?

– Não. Aparentemente não me culpa de nada. Estava muito excitado,

impaciente. Aquele cavanhaque ridículo tremia para cima e para baixo enquanto eu fazia as “asas de beija-flor” – disse Udranka com total naturalidade, uma profissional mencionando técnicas do seu ofício.

– Número 33 – recordou Dominika, resgatando da memória o que ainda sobrava da sua passagem pela Escola de Pardais. – “Sobrecarregar as terminações nervosas com estímulos constantes.”

– Exatamente. Você ainda lembra – disse Udranka sem grande entusiasmo, talvez porque não quisesse tocar no assunto. – Se estiver com saudades dos velhos tempos, pode se juntar a nós na cama.

Dominika deu uma sonora gargalhada. O sol forte refletia no tampo da mesa, por pouco não incendiando a garrafa de *Sljivovitsa*. Udranka ameaçou rir também, mas mordeu o lábio e olhou para Dominika, que se calou de repente e estendeu o braço para apertar de leve a mão da sérvia, notando a aura dela, agora bem menos vívida e pulsante do que antes.

– Você devia experimentar o cara – falou Udranka, seca. – Ele gosta de morder. Só quer saber de uma coisa. Adora me machucar. Espero que seja um ativo valioso.

– Muito valioso – respondeu Dominika, mas sem nenhuma intenção de dar maiores detalhes.

Encarando-a, Udranka grunhiu alguma coisa, depois jogou a cabeça para trás e entornou mais uma dose de conhaque. Serviu-se de outra e por um tempo ficou muda.

– Ah, já ia me esquecendo – falou de repente. – Ele disse que quer usar este apartamento pra um encontro importante. Daqui a dois dias, à noite. O *meu* apartamento. Filho da puta.

Dominika meneou a cabeça, aliviada. Aparentemente, o iraniano não pretendia fugir do seu primeiro interrogatório.

– Imagino que esse encontro seja com você – deduziu a sérvia. – Vou abrir a porta pra ele e sair, pra que vocês fiquem sozinhos.

– Não. Preciso de você por perto, caso ele pare de falar. Vendo você, vai lembrar melhor o que está em jogo.

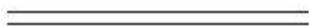
– Vou usar alguma roupa bem justa – disse Udranka, decidida, as chamuscas vermelhas voltando à aura. – Pode até ser que ele não me dê ouvidos, mas o amiguinho dele dará. O careca de gola rulê.

Dominika precisou se conter para não rir. Fazia anos que não ouvia a expressão, desde os tempos da Escola de Pardais.

– Depois que isto acabar, vou recolher você – falou. – Não só de Viena, mas de tudo.

– Sei – foi só o que respondeu Udranka, e serviu mais conhaque nos dois copos sobre a mesa. Erguendo o olhar até Dominika, sussurrou: – Nem ficar bêbada eu consigo mais.

Dominika se levantou e passou o braço sobre os ombros do seu pardal de pernas compridas, daquela destruidora de homens capaz de iluminar uma sala inteira apenas com seu sorriso de dentes perfeitos. Podia sentir na camisa as lágrimas que ela agora derramava.



Verão em Viena: parques verdejantes, prédios claros com seus telhados inclinados e gloriosas fachadas imperiais, maçanetas e ornamentos dourados, asfalto riscado pelos trilhos do metrô de superfície, atmosfera perfumada pela infinidade de cafés, vitrines coloridas por uma inesgotável variedade de bolos, doces e pães. E sob o agudo onipresente dos violinos de Strauss, o grave nada musical dos tanques de um passado bem menos feliz.

Dominika estava de volta a Viena com uma maleta repleta de perguntas formuladas pela central de Moscou, mais duas pistolas em formato de batom e uma boa dose de apreensão. A iminência do encontro com Jamshidi obrigava-a a agir com rapidez. Era chegada a hora de retomar o contato com a CIA. E com Nate. A aflição diante da possibilidade de rever o americano era tanta que ela mal conseguia respirar. Não podia prever qual seria o comportamento dele, ou como ficariam as coisas entre os dois. Pelo menos isto era certo: seu orgulho de mulher e de russa não permitiria que fosse ela a tomar a iniciativa novamente. Desta vez ela não se jogaria nos braços dele. Não queria vê-lo novamente recuando sob o pretexto da obediência às normas e dos riscos de segurança, cedendo ao peso da própria consciência.

Ela se sentiu mais tranquila quando ouviu a voz calma da telefonista do outro lado da linha Sentry. Informou o código de segurança, seu codinome e a cidade onde estava, depois designou como ponto de encontro a torre de relógio do Stadtpark, o maior parque de Viena.

Hora de cuidar dos negócios. Dos *seus* negócios.

Nate levou doze horas para chegar a Viena após o sistema Sentry automaticamente enviar um cabograma para a estação de Atenas, informando que o ativo Diva, com base em Moscou, havia ligado para estabelecer contato. Viena. Stadtpark. Começando no dia seguinte, diariamente ao meio-dia. Ele tomou o primeiro voo para Munique, depois um trem para a capital austríaca. Era de praxe percorrer de trem um dos trechos das viagens como medida de segurança. Uma vez dentro das fronteiras permeáveis da União Europeia, não havia mais o risco de deixar rastros na apresentação de passaportes, e bastava um disfarce bobo para ludibriar as câmeras onipresentes dos terminais. Gable fez outro itinerário, passando por Praga (ele poderia ser útil de alguma forma, pois Dominika confiava nele), e ambos se hospedaram no Schick Hotel Am Parkring, às margens do parque.

Assim que entrou no quarto, Nate correu para a janela e passeou o olhar pelo horizonte vienense, perguntando-se sob qual daqueles tantos telhados estaria Dominika. Ela havia ligado; tinha conseguido sair da Rússia. Era como se dez anos tivessem passado desde a volta dela para casa, dez anos sem nenhuma notícia. Ele precisou fazer um esforço para ordenar os pensamentos. Questionários técnicos, instrumentos de comunicação, acesso, segurança, códigos, endereços... a lista era longa. Aquele encontro era de fundamental importância, o primeiro desde o recrutamento de Dominika. Embora ela mesma os tivesse procurado, estaria disposta a continuar? Quanto a ele, sua intuição e experiência diziam que o mais prudente seria abordá-la da maneira mais profissional possível. E manter esse profissionalismo a qualquer custo. Assim era o mundo da espionagem.

No primeiro dia ela não estava no relógio do parque, o que era preocupante, mas Nate vestiu seu chapéu de operador e ficou esperando por perto, observando o movimento ao redor. No dia seguinte, do banco que escolheu junto a uma cerca de arbustos baixos, ele a avistou na aleia de tílias, caminhando na sua direção com o mesmo coxear de uma das pernas, imperceptível para quem não soubesse dele de antemão. Dominika não estava muito diferente do que ele lembrava, talvez um tantinho mais velha, com os traços mais definidos, mas o olhar era o mesmo, a cabeça tão erguida quanto antes. Ele a viu passar e a deixou esperar junto da balaustrada de mármore à base do relógio. Ela conferiu

as horas no seu próprio relógio de pulso, apenas uma vez, e muito discretamente. Nate ficou onde estava, observando os passantes, procurando localizar algum agente da contrainteligência à sombra das árvores mais distantes.

Depois de quatro minutos (a janela estabelecida tanto pela CIA quanto pelo SVR para os contatos públicos), ela seguiu adiante. Não dava nenhum sinal de que estava esquadrinhando o parque à sua volta, mas Nate sabia que nada escapava aos olhos muito bem treinados da garota. Sentindo-se seguro (não tinha identificado nenhum rosto repetido pelo caminho), ele a seguiu e ficou admirando de longe a nuca exposta pelo coque alto, as panturrilhas fortes. A certa altura Dominika reduziu o passo para admirar uma estátua. Ele a ultrapassou e seguiu na direção do hotel, que já avistava do outro lado das árvores. Agora foi ela quem seguiu.

Eles estavam sozinhos no elevador, cada um no seu canto, ambos olhando para o painel luminoso com os números dos andares. Dali a pouco, não se contendo, Nate a encarou e ela o fitou de volta, imediatamente notando sua aura, que continuava tão violeta quanto antes. A cartilha rezava que eles não deviam se falar ali, mas Nate não podia simplesmente ficar calado.

– Que bom te ver outra vez – disse o operador da CIA para sua agente russa.

Ela permaneceu em silêncio, os olhos impassíveis, e dali a pouco saiu com ele para o corredor. Nate tomou a dianteira e bateu de leve à porta do quarto. Gable abriu e, assim que viu Dominika, conduziu-a para o centro do cômodo (carpete bege, sofá verde-musgo, uma pequena varanda com vista para o pináculo da catedral de Santo Estêvão).

– Nove meses. Eu já estava aflito, garota – falou ele, rindo. – E você? Está bem?

– Olá, *Bratok* – saudou Dominika, apertando a mão do outro.

Desde que fora recrutada em Helsinque, ela o chamava pelo apelido carinhoso de *Bratok*, ou Irmão. Gostou de ver que o manto arroxado que o cercava também continuava igual: vibrante, circular, quase escandaloso. Virando-se para Nate, mas sem estender a mão, disse:

– Olá, Neit.

– Que bom te ver de novo, Domi.

– Tudo bem, tudo bem, todo mundo está muito feliz de ver todo

mundo – interveio Gable –, mas, antes que eu comece a chorar de emoção, quero saber as novidades, garota. Quanto tempo você tem? O dia inteiro? Ótimo.

Dominika sentou-se com ele no sofá de veludo. Nate puxou uma cadeira.

– Mas, antes, que tal comermos alguma coisa? – disse Gable. – Nash, liga pra cozinha... espera aí, deixa que eu mesmo ligo. – Pegou o telefone e, antes que fosse atendido, disse a Dominika: – Você está magrinha demais. Andou doente ou foi só saudade da gente mesmo?

Ela riu e se recostou no sofá, começando a relaxar, fazendo o possível para não olhar para Nate. Já havia esquecido como eram desenvoltos e profissionais aqueles homens da CIA, o quanto gostava deles. Cercavam-se de tons que iam do azul ao vermelho e ao roxo: pessoas fortes, confiáveis.

Gable pediu tanta comida que foram necessários dois carrinhos para subir com tudo para o quarto: truta e salmão defumados, uma salada de beterraba, outra de pepino, outra russa, filés de frango cozidos, maionese caseira, uma porção de brie e gouda, um pão bem torradinho, cubos de manteiga, fatias de presunto, dois tipos diferentes de mostarda, espetinhos de cordeiro, molho de iogurte, duas fatias de Strudel de maçã, uma porção de panquecas com recheio de geleia de damasco, uma bandeja de chocolates locais, uma garrafa de água mineral geladinha, outra de um Sauvignon Grüner Veltliner e mais uma de Ruster Ausbruch, o vinho de sobremesa local.

Foram quatro horas de conversa. Dominika falava praticamente sozinha. Não precisava que arrancassem a informação, sabia perfeitamente o que era mais importante, o que incluir e o que deixar de fora. Falava em inglês, vez por outra pedindo a ajuda de Nate com alguma palavra que não sabia traduzir do russo. Contou quase tudo: a volta a Moscou; a promoção a capitã; a designação para a Linha KR, agora sob a chefia de Aleksei Zyuganov; a entrevista com Putin; o interrogatório de Irina Mamulova em Lefortovo. Deixaria para mais tarde o pouco que havia conseguido descobrir das operações externas do SVR, as pistas de contrainteligência.

– Espera aí – disse Gable. – Você esteve *pessoalmente* com Putin?

– Duas vezes. Ele me parabenizou pela captura de Korchnoi – contou ela baixinho, olhando para as próprias mãos. – Falou que o general foi

morto. Aposto que foi ele quem deu a ordem. Cheguei a ver alguma coisa lá na ponte, mas não tinha como saber o que era. É verdade então? Ele foi morto mesmo?

– Atiraram da margem do rio, não muito longe da ponte – falou Nate secamente, sem nenhuma emoção. – Não deixaram que ele tivesse um único dia de liberdade.

– Nunca vou me esquecer dele – disse Dominika com os olhos úmidos.

Por um tempo eles ficaram calados, embalados pelo ranger de carros que vinha da porta aberta da varanda.

– Foi por isso que pedi que vocês viessem – continuou Dominika afinal. – No início eu não sabia direito se queria voltar a trabalhar com vocês. Mas depois vi que os *siloviki* não mudaram em nada, se é que não ficaram piores.

– Fico muito feliz que você tenha nos procurado – disse Gable, pegando um prato para si. – Eu *sabia* que você ia voltar. Está no seu sangue, gata. Somos um time outra vez.

– *Gata?* – perguntou Dominika, pousando a taça de vinho. – Será que ouvi direito?

“Essa não”, pensou Nate, já se preparando para a granada que estava prestes a explodir. Achou por bem intervir antes que fosse tarde demais.

– Ele não disse por mal. Não é depreciativo. É uma expressão de carinho, mais ou menos como o *baloven* do russo.

Dominika piscou os olhos, não acreditando inteiramente na explicação, mas decidindo deixar passar. Como se não fosse com ele, Gable se serviu de uma fatia de presunto com uma boa colherada de mostarda.

Bem, agora vinha o pior de toda a conversa: a preparação de uma operação interna em Moscou. Operações internas eram uma ciência, uma arte quase esotérica. Encontrar-se com espões em vespeiros proibidos como Moscou, Pequim, Havana ou Teerã, os mais perigosos em termos de contrainteligência, era o mesmo que caminhar nas águas rasas de um lago infestado de piranhas: todo cuidado era pouco. Em Helsinque, Nate havia protestado veementemente contra o risco de colocar Dominika numa enrascada semelhante. Agora, depois do que havia acontecido com Korchnoi, estava convencido de que a operação com Diva deveria seguir adiante a todo custo. Mesmo assim sentia o

coração na garganta ao vê-la ali naquele sofá, as pernas cruzadas com um pezinho balançando no ar, um velho hábito do qual nunca se esqueceria.

– Domi, precisamos acertar nossa operação, definir o melhor jeito de nos comunicarmos em Moscou – disse ele. – Se você puder continuar viajando pra fora, ótimo, é só estalar os dedos que a gente vem imediatamente. Mas, se algo acontecer, alguma guinada inesperada, alguma emergência, sei lá... se de repente proibirem você de sair do país... nesse caso precisamos dar um jeito de nos encontrarmos lá mesmo, em Moscou.

Dominika assentiu.

– Temos vários dispositivos de comunicação secreta à nossa disposição – prosseguiu Nate. – Muito rápidos e muito seguros. Com eles você poderá enviar mensagens curtas, receber orientações nossas ou planejar comigo um encontro cara a cara, seja na Rússia ou fora de lá. Você sabe de tudo isso, não preciso explicar. Mas o nosso primeiro desafio, talvez o mais perigoso de todos, é colocar esses dispositivos nas suas mãos. Precisamos entregá-los numa operação de curtíssimo prazo, de no máximo dois dias. Não adianta plantarmos esses equipamentos numa moita qualquer pra você buscar um ano depois.

O que ele não disse foi que a vida dela dependia da competência do funcionário da estação de Moscou designado para realizar a entrega, bem como do discernimento do seu superior da CIA no momento de aprovar os planos operacionais. Bastaria um único tropeço durante a RDV (Rota para Detecção de Vigilância), um mero descuido, e estaria tudo irremediavelmente perdido. Se algum vigilante do FSB o visse plantando os equipamentos no local acertado, esperaria o tempo que fosse necessário (semanas, meses, um ano) para pegar o receptor no flagra. Dominika morreria sem fazer a menor ideia do que lhe havia acontecido.

– Acho que pode dar certo – disse ela placidamente. – A Linha KR tem acesso a todas as planilhas das operações de vigilância na cidade. Com nomes, horários e itinerários de todos os agentes do FSB, da *militia*, da polícia e do próprio SVR, claro. A primeira coleta será perigosa, mas se tomarmos os devidos cuidados...

– Não temos pressa de nada, que fique bem claro – falou Gable. – Não quero saber de ninguém com a cabeça quente, porra. De nada adianta termos os dispositivos mais maravilhosos do mundo se não pudermos

colocá-los na sua mão com total segurança. – Ele serviu mais vinho para Dominika. – Lembra aquela conversa que a gente teve na Grécia, naquele restaurantezinho à beira-mar? Falei que, antes de mais nada, você deveria se estabelecer direito em Moscou, conseguir um posto bacana, e só então começar a bisbilhotar.

Dominika sorriu para ele.

– Bem, você fez tudo isso e muito mais. Estou muito orgulhoso.

Nate ficou com a impressão de que isso era um texto pronto por parte de Gable, algo como o pai que despeja o filho no campus da universidade e se despede dele pela janela do carro sem ao menos desligar o motor. Mas Dominika sabia que ele estava sendo sincero.

– Tudo bem, *Bratok*, mas fiz outra coisinha da qual vocês ainda não sabem – disse ela. Pegou sua taça e correu o dedo pelo cristal da borda, tirando dele uma solitária nota musical. – Abordei um iraniano, um especialista em energia nuclear. O caso ainda está muito no início. Ele se chama Parvis Jamshidi e está aqui em Viena, na AIEA.

Nenhum dos dois operadores da CIA tinha ouvido falar de Jamshidi, mas ambos sabiam que um iraniano especialista em energia nuclear não era de se jogar fora.

– Precisei armar para cima dele – prosseguiu Dominika. – Deixá-lo com o rabo preso, como vocês dizem, antes de convencê-lo a colaborar.

Gable, o lendário recrutador da espionagem americana, o escalpelador gente-bom da CIA, teve sua atenção capturada imediatamente. Queria saber mais.

– Como foi que você o deixou com o rabo preso? – perguntou.

Dominika observou-o com a frieza de um gim-tônica.

– Inseri um pardal na vida dele – disse, novamente brincando com a taça de cristal.

Estava fazendo aquilo de propósito, gotejando as informações apenas para provocar os americanos.

– Pardal? Que pardal? – perguntou Gable.

– O pardal que eu trouxe de Moscou e plantei num apartamento a dez minutos daqui, perto do prédio da AIEA – disse Dominika, e deu um gole no vinho.

– E como foi que convenceu o cara a colaborar?

– Mostrei a ele um vídeo em que ele desrespeitava a charia islâmica.

– Fazendo o que exatamente?

– *Il ramonait* – respondeu ela em francês. – É disso que ele mais gosta. Não pensa em outra coisa.

Gable começou a rir, não conseguiu dizer mais nada. Foi Nate quem perguntou:

– E o que foi que ele se dispôs a fazer?

– Por enquanto concordou com um primeiro encontro. Deve dar alguma informação sobre o programa nuclear do Irã. Está fazendo isso a contragosto, então deve omitir muita coisa. Mas cedo ou tarde vai acabar entregando o ouro.

Dominika pegou um bombom e sem nenhuma pressa foi tirando o papel da embalagem.

– Onde será esse primeiro encontro? – perguntou Nate.

Os dois americanos agora se inclinavam na direção dela, cada vez mais interessados.

– No apartamento do meu pardal – falou Dominika, e mordiscou o chocolate.

– Quando?

– Amanhã à noite.

– *Amanhã à noite?*

– Sim – respondeu ela. – E você vem comigo.

– Caramba, só falta a vaca tossir... – disse Gable.

SALADA RUSSA

Cozinhar batatas, cenouras e ovos. Fatiar os legumes e os ovos, acrescentar pedaços pequenos de pepino em conserva e misturar tudo numa tigela. Juntar presunto cozido cortado em cubos pequenos (ou camarões, ou as duas coisas), ervilhas e endro fresco. Incorporar com maionese caseira.

CAPÍTULO 6

GABLE NÃO TINHA CONHECIMENTO DE nada parecido: Diva, uma agente russa, propondo a Nate, seu operador americano, que ele se fizesse passar por russo também, um analista nuclear da Linha KR, e fosse com ela a seu primeiro encontro com um informante iraniano. Se tudo corresse como previsto, a CIA teria nas mãos uma cópia clandestina de toda a inteligência enviada para o SVR em Moscou, informações de valor incalculável sobre o programa nuclear iraniano.

– Meu Deus – disse ele, jogando suas roupas de volta na mala –, acho que nunca ouvi falar de um gato-por-lebre mais maluco do que esse.

A essa altura ele já havia passado à estação de Viena um resumo da proposta de Dominika para que ela fosse encaminhada a Langley. Nate voltaria imediatamente a Atenas para uma reunião com Forsyth. O que ele e Nate não estavam dizendo à sua adorável agente russa era que seriam avaliadas possibilidades de uma ação conjunta com uma das divisões mais secretas da CIA, internamente conhecida como PROD (Divisão de Proliferação na sigla em inglês), um grupo de feras incumbidas de conceber, desenvolver e executar operações de combate a programas de armas de destruição em massa no mundo todo. Tratava-se de uma equipe bastante eclética de físicos, engenheiros e agentes, alguns dos quais pessoas relativamente normais: na PROD, os mais extrovertidos eram aqueles que olhavam apenas para o outro lado, não para baixo, quando falavam com alguém.

Antes de ir embora, Gable parou à porta do quarto e disse a Nate:

– Não tenho autoridade para isto, mas vou dar o sinal verde pra esse esquema da Diva mesmo sem a aprovação prévia do QG. Nenhuma análise de risco, nenhuma consideração política, nenhum advogado pra dar palpite. Forsyth e o chefe da estação aqui de Viena vão me dar o reforço necessário. Mas isso significa uma coisa: nada de errado pode

acontecer amanhã. – Com o rosto avermelhado a poucos centímetros do de Nash, ele acrescentou: – Presta atenção. Amanhã à noite você precisa ser o mais natural possível. Nada de ensaios. Quando você e Dominika entrarem no tal apartamento, é preciso que o iraniano tarado acredite imediatamente que você é a porra de um... que você é russo. Qualquer mancada e o cara vai comentar com o pessoal dele sobre a presença de uma terceira pessoa, um analista, no encontro. Em cinco minutos a Central de Moscou fica sabendo de tudo e a Domi está ferrada. Você está me entendendo? Lembra o que eu disse lá em Atenas? Sobre as recepcionistas do Laos?

Dominika acompanhava a conversa do sofá.

– Ele sempre fala assim com você? – perguntou ela a Nate. – E o Laos? O que é que o Laos tem a ver com a história?

Gable virou-se para ela.

– Já disse, mas vou dizer outra vez: é uma grande felicidade ter você com a gente de novo, Domi. Caramba, você mal chegou e já entrega uma mina de ouro dessas. Você se superou. Mas tem uma coisa: não quero que você corra nenhum risco desnecessário. Ainda quero comer muita comida de hotel com você nos próximos cinco anos.

– Obrigada, *Bratok*. Mas pro SVR uma operação dessas é quase rotina. Uma encenação como outra qualquer. Nós, russos, somos muito bons nisso. Na falsidade.

Gable olhou uma última vez para os dois agentes, balançou a cabeça e saiu para o corredor, deixando a porta bater às suas costas.

A bagunça na suíte era a mesma de uma manhã de domingo após a festa do sábado: pratos espalhados por todo lado, guardanapos no chão, garrafas de vinho emborcadas no balde de gelo.

– O que foi aquilo que o *Bratok* disse? – perguntou Dominika, recolhendo alguns dos pratos. – Sobre as recepcionistas do Laos?

– Vamos sair daqui – sugeriu Nate. – As camareiras precisam arrumar o quarto.

Dominika encarou-o calmamente.

– O Laos. Estou esperando.

– Não tem nada a ver com o Laos – disse Nate. – É uma analogia, só isso. Um jeito que ele arrumou pra dizer que segurança nunca é demais, que as coisas precisam ser pensadas de antemão, que todo erro pode custar caro... essas coisas.

– Mas... e as recepcionistas? O que elas têm a ver com isso? Por acaso são mais seguras do que o resto da humanidade?

– “Seguras” não é bem a palavra, mas... Deixa pra lá, Domi. Outra hora eu explico.

– Você é mesmo um *mujlan*, não é? – resmungou ela. – Como é que se diz isso em inglês?

– Desculpa, não sei o que significa isso – disse Nate, preferindo não polemizar.

Sabia perfeitamente que tinha sido chamado de “caipira”.

– É uma pena deixar tudo isso pra trás, mas a gente precisa se preparar pra noite de amanhã. Quero lhe mostrar o questionário preparado pelos técnicos da Linha X. Vou falar com o iraniano sempre em francês, mas você deve falar apenas em russo. É bem provável que ele fale inglês. Quase todos os cientistas falam.

– Quantas páginas tem esse questionário? – perguntou Nate. – Você trouxe de Moscou?

– São quarenta páginas, algumas com gráficos e diagramas. Claro que trouxe. Não dava pra transmitir pela *rezidentura* aqui de Viena. É um caso extremamente compartimentalizado.

Nate fez um gesto de reprovação e disse:

– Você entrou com esses papéis *num avião*? Isso não é muito profissional, você não acha? E se tivesse perdido?

Ele não queria criticar Dominika. Simplesmente se preocupava com possíveis descuidos. Bastaria um único acidente para que a operação conjunta com Langley morresse antes mesmo de nascer. Mas os olhos de Dominika faiscavam de fúria. Gable já o havia alertado para isso: não havia no mundo nenhum espião que gostasse de ser acusado de negligência.

Com uma frieza polar, Dominika falou:

– Eu não perco documentos, Sr. Neit. Também não preciso de aulas de técnica operacional. Sua agência não é mais nem menos profissional do que a minha.

“Ah, é? Quem foi que recrutou quem?”, pensou Nate, mas não disse nada. Primeiro porque não seria justo. Segundo porque não queria levar uma bofetada na cara.

Dominika ainda não se dava por satisfeita.

– Foram os russos que inventaram a espionagem – disse ela,

brandindo um garfo na mão. – Já ouviu falar de *konspiratsiia*? Tudo aquilo que você aprendeu lá no seu manual de espião... fomos nós que inventamos.

Os russos inventaram a espionagem? E os chineses do século VI a.C.? Nate ergueu os braços num gesto de rendição, depois disse:

– Tudo bem, Dominika. Eu só estava pensando no seu próprio bem, me desculpe.

Ela olhou de esguelha para o seu operador. Vendo o brilho e a firmeza do halo dele, concluiu duas coisas: 1) ele realmente não tivera a intenção de diminuí-la, e 2) ela realmente estava apaixonada.

– Então, você vai ou não vai estudar os documentos que eu trouxe?

– Claro que vou. Preciso memorizar todo esse material da Linha X. Gable não terá tempo hábil pra mandar nosso próprio questionário antes do encontro de amanhã – disse ele. – De qualquer modo, as perguntas da central já seriam suficientes pra manter os analistas de Langley ocupados por muito tempo.

– Temos muito trabalho pela frente – disse Dominika.

Pausa.

– E não podemos ser vistos juntos na rua – acrescentou Nate.

Outra pausa.

– Podemos ir pro meu apartamento – sugeriu Dominika. – Pra continuar com o nosso planejamento operacional.

– Tem razão. Um apartamento é bem mais discreto do que um quarto de hotel. Vá na frente. Chego em meia hora. Qual é o endereço?

– Stuwertstrasse, 35. Apartamento 6. Venha em uma hora.

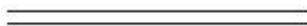
– Então é isso – falou ele com a boca seca. – A gente se vê daqui a uma hora.

– Quando tocar a campainha – disse ela, mal sentindo os próprios lábios –, dê dois toques curtos e um longo. Abro a porta pelo interfone.

– Positivo.

Positivo? Nate ficou se sentindo um idiota que agora falava como um piloto de avião. Antes de sair, Dominika virou-se para ele e disse:

– Você é um *mujlan*. Mas tudo bem, não me importo.



Foi aos 5 anos que Dominika começou a enxergar as cores das auras: azuis e vermelhos nas palavras que via nos livros; marrons e roxos nas melodias que ouvia a mãe tocar no violino; azuis e dourados nas historinhas que o pai professor contava na hora de dormir, ora em russo, ora em francês ou inglês. Aos 6 anos foi diagnosticada, secretamente, como uma portadora do dom da sinestesia por um psicólogo colega do pai, que também identificou nela um dom *adicional* para ler a emoção das pessoas a partir das cores na aura de cada uma.

A sinestesia fazia de Dominika uma candidata perfeita para a música e para a dança. Como previsto, ela teve uma carreira meteórica na Academia Estatal de Coreografia de Moscou e já estava com uma vaga praticamente garantida no corpo de baile do Balé Bolshoi quando teve os ossos do pé direito, e a carreira de bailarina, quebrados violentamente por uma rival. Vulnerável e sem saber direito o que fazer da vida, foi levada para o SVR pelas mãos de um tio carreirista, à época vice-diretor do serviço, que não teve o menor pudor em abordá-la ainda no velório do seu adorado pai.

Foi mais ou menos por aí que se instalou o *buitsvo*, a irascibilidade, a fúria que brotava em seu peito toda vez que ela se encontrava diante da falsidade e da má-fé. Sua ira era quase sempre direcionada aos burocratas que procuravam dominá-la, que atrapalhavam sua vida. Fazia muito tempo que ela tinha perdido o idealismo patriótico da juventude. A essa raiva somava-se uma tristeza profunda, dessas que somente os russos conheciam, tão vasta quanto as estepes e acionada sobretudo quando ela pensava no que andavam fazendo os sucessores do finado politburo soviético (os herdeiros truculentos da KGB, os oligarcas insaciáveis, os chefões do crime organizado, o presidente com sua cara inescrutável e seu famoso olhar enviesado), aquela corja que vinha mutilando todo o potencial da nação russa, vendendo o seu futuro, dilapidando o inestimável legado deixado por Tolstói, Tchaikovsky, Púchkin e Ulanova, a maior bailarina de todos os tempos, seu ídolo de infância. Tudo isso era feito por baixo dos panos, quase sempre nos bastidores do Kremlin e em nome de um suposto governo, de um Estado soberano.

Seus pais eram exemplos perfeitos da tradicional alma russa (o pai, professor de literatura; a mãe, violinista profissional), mas ambos haviam sido triturados entre a pedra soviética e o pilão stalinista, obrigados a trocar confidências apenas um com o outro, atravessando a vida o mais

discretamente possível (assim como faziam hoje os pedestres nas ruas de Moscou, diferentes mas todos iguais), resignados quando eram extorquidos de alguma propina, quando tinham de ferver a água marrom que saía das torneiras de casa, quando enfrentavam filas intermináveis para um mísero corte de carne, sempre sonhando com a possibilidade de um copo de leite, guardando a última latinha de caviar para a *Maslenitsa*, a celebração do fim do inverno, tão antiga quanto a própria Rússia, uma promessa de sol, calor, comida e mudanças que não vinham nunca. Nunca.

Tanto nos seus primeiros passos na Academia do SVR quanto na sua passagem pelas instalações da Escola de Pardais e na sua primeira missão fora do país, a sinestesia de Dominika se revelou uma vantagem operacional, permitindo-lhe identificar os falsos e traiçoeiros à sua volta, inclusive na *rezidentura* de Helsinque. Sempre que se achava na presença dos americanos que a haviam recrutado, ela via integridade na aura violeta que os cercava (igual à do pai), e, no caso específico de Nathaniel Nash, distinguia ainda uma pitada de paixão. Paixão pela CIA, pelo seu país, talvez por ela também.

Dominika e Nate foram vítimas de uma atração implacável, temperada pelos riscos que ela corria como agente dupla e pela preocupação que isso causava nele. Foram para a cama à revelia de todas as normas, de todo bom senso, de todos os princípios da segurança operacional. O raciocínio de Dominika era este: ela já estava espionando para os principais inimigos do seu país, motivo mais do que suficiente para que lhe metessem uma bala na cabeça, portanto, que diferença faria levar uma segunda bala por ter dormido com um deles? Mas, quando Nate hesitou, cedendo às normas da profissão e às ambições de carreira, ela ficou com o orgulho ferido, furiosa com ele, decidida a nunca mais perdôá-lo.

Mais ou menos um ano depois as coisas mudaram. Seu desgosto com os *zveri*, os animais de Moscou, ficou ainda maior. Ela sabia que Zyuganov não pensaria duas vezes antes de fazer algo para tirá-la do caminho. Sua única garantia era o apadrinhamento de Putin, a asa que aparentemente ele vinha arrastando para o lado dela. Isso bastaria para refrear Zyuganov, pelo menos por um tempo, mas ela já começava a pensar seriamente na possibilidade de matá-lo antes de ser morta por ele. Além disso, ainda não havia conseguido aplacar a revolta que

incendiava seu peito toda vez que pensava na crueldade do que haviam feito a Korchnoi, assassinado a poucos metros da liberdade. Talvez fosse mesmo inevitável que ela gravitasse na direção dos americanos, sempre tão profissionais e sorridentes, e era bem provável que eles soubessem disso. A retomada do contato com a CIA havia sido bastante satisfatória. Gable tinha razão: ela já sentia falta do jogo. E também havia refletido bastante sobre Nate. A última coisa que lhe ocorrera antes de pisar novamente em solo russo fora a certeza de que o americano ao menos queria o seu bem. Ótimo, mas nem por isso ela se jogaria nos braços dele outra vez.

Ela agora penteava os cabelos no banheiro minúsculo do apartamento, com a mesma escova de tartaruga que pertencera à sua bisavó em São Petersburgo, a mesma que a acompanhara na Academia do SVR, na Escola de Pardais e na missão de Helsinque, uma das suas poucas heranças de família. Com aquele mesmo cabo comprido e ligeiramente curvo ela havia libertado, e saciado sem nenhum pudor, os seus primeiros desejos de adolescente. Depois disso vira brotar dentro de si uma espécie de “eu secreto”, uma faceta mais sexual, ousada e aventureira da sua personalidade, que ela deixava trancada numa das gavetas mais profundas do seu ser até o momento em que, estimulada por algo ou alguém, resolvia abri-la.

Deixando a escova na pia, Dominika perguntou-se o que podia esperar da vida de espiã, da destemida e exuberante Udranka, do compenetrado e indeciso Nate, de si mesma. E era nisso que estava pensando quando ouviu tocar a campainha do interfone: *curto-curto-looooooongo*.



Já era noite quando eles pararam de trabalhar. A mesa estava atulhada de papéis. Dois copos d'água haviam deixado marcas circulares nas perguntas da Linha X do SVR sobre as temperaturas do gradiente termal nos rotores a gás das centrífugas iranianas em Natanz. Dominika se levantou da mesa, afastou os cabelos que caíam sobre os olhos e se esticou no sofazinho da sala, tirando os sapatos com movimentos

preguiçosos dos pés.

– Temos ótimas chances de sucesso amanhã – falou.

– Se é que Jamshidi não mudou de ideia – disse Nate, ainda à mesa.

– Não vai mudar. Não vai querer enfrentar o escândalo. Nem perder Udranka. Suas taras sexuais são maiores do que o medo.

– Caso ele se recuse a cooperar, você pretende levar sua ameaça adiante? – perguntou Nate. – Vai entregá-lo aos mulás?

– Claro. Não posso perder minha credibilidade com um blefe. – Ergueu o queixo com um maneio na direção de Nate e devolveu a pergunta: – E você? O que faria no meu lugar?

– Sei lá. Acho que tentaria persuadir o cara, apelar pra racionalidade dele como cientista.

– E se ele continuasse recusando?

– Nesse caso... acho que faríamos alguma coisa pra tirá-lo da AIEA. Alguma acusação menos escandalosa.

– E deixar que ele voltasse incólume pra casa e continuasse com o seu trabalho de destruição? – disparou ela, alongando pernas e dedos dos pés.

– Dominika, na CIA nós não eliminamos um alvo de recrutamento só porque ele não mordeu a isca da primeira vez – disse Nate. – Ficamos esperando, observando, depois tentamos outra vez dali a um mês, um ano, cinco anos. Além disso, não lançamos nossa isca antes de ter certeza quase absoluta do resultado.

Dominika parou de repente com os seus alongamentos.

– E quanto a mim, você tinha certeza também? Já sabia minha resposta antes de perguntar?

– Não, não tinha certeza alguma. Naquele dia em que a gente conversou... eu estava aflito, ansioso. Achava que sabia qual seria a sua resposta, mas não tinha certeza de nada. – Nate começou a organizar os papéis sobre a mesa. – Depois as coisas se complicaram...

De repente ele achou por bem fechar a boca.

– E aquilo? – perguntou Dominika. – Também foi parte da operação? Do meu recrutamento?

– Aquilo o quê?

Nate começou a suar acima da boca e os papéis começaram a grudar em suas mãos também suadas.

– Como assim, “aquilo o quê?” Quando a gente foi pra cama, ora.

– O que você acha, Domi? Já esqueceu o que eu lhe disse aquela noite na ponte, antes de você atravessar de volta pra Rússia? Eu disse que...

– Falou que não tinha tempo pra se desculpar pelo que tinha falado antes; pra dizer o que eu significava pra você como mulher, como amante, como parceira; pra dizer como ia sentir a minha falta.

Silêncio. Um carro buzinou na rua.

Baixando o olhar até as mãos, Dominika disse baixinho:

– Então? Lembrei corretamente?

– Fico mais aliviado em saber que, na véspera do nosso encontro com Jamshidi, sua memória continua tão prodigiosa quanto antes – disse Nate, largando os papéis, olhando diretamente para Dominika. – Eu estava sendo sincero quando disse tudo aquilo.

Dominika cerrou com força os lábios para suprimir um sorriso ou, talvez, alguma outra emoção.

– Bem... que bom que estamos trabalhando juntos outra vez – disse rapidamente. O momento tinha passado, ambos sabiam disso. Não havia outro jeito. – Está com fome? – perguntou ela. – Quer comer alguma coisa na rua? Uma dessas salsichas nojentas com *Sauerkraut*?

– Qual o problema com as salsichas austríacas? Elas são ótimas.

– *Protivno*. São nojentas – respondeu Dominika.

– Não mais que o tal *saló* que vocês adoram.

Dominika sentou-se no sofá, endireitou os ombros.

– O *saló* é uma iguaria – disse.

– É um toucinho que vocês gostam de comer frio e cru. E, quanto mais gordura, melhor.

Dominika suspirou e balançou a cabeça.

– *Nevinni* – disse. – Você não sabe de nada. É praticamente uma criança.

– Talvez seja melhor ficarmos por aqui – disse Nate.

– Conheço um restaurante com mesas no jardim. Der Gute Alte Walfisch: A Boa e Velha Baleia. Fica no parque, longe do centro – sugeriu Dominika. Sentindo a hesitação de Nate, continuou: – Não se preocupe, *duchka*. Protejo você.

Sabia que era boa nas táticas de rua, mas sabia também que Nate era duas vezes melhor.

Eles deixaram o prédio juntos. Nenhum dos dois se deu conta de que ambos olharam simultaneamente para os dois lados da rua antes de

tomar a direção do Prater. Chegando à *Ausstellungsstrasse*, uma movimentada avenida de mão dupla, novamente eles esquadrinharam a área, depois atravessaram para a *Zufahrtsstrasse*, uma via de pedestres no interior do parque, ladeada de árvores e barraquinhas de jogos e comidas. Ao longe, viam-se as luzinhas acesas nas árvores e na rodagigante com seus vagões suspensos. Dominika deu o braço a Nate e caminhou junto a ele, saboreando o aroma dos doces e dos churrasquinhos enquanto catalogava mentalmente rostos e roupas, atenta a possíveis repetições.

Apesar do verão, a noite estava fresca, agradável. Sentindo no próprio braço o toque relaxado e quente do braço de sua agente russa, Nate engoliu em seco, ciente de que precisava refrear todos os impulsos de afeto e carinho, mas sobretudo os de desejo. A certa altura, não se contendo, deixou o olhar escorregar em direção a ela, àquele perfil de traços clássicos que as lâmpadas do parque só faziam realçar. Percebendo isso imediatamente, Dominika o repreendeu com um puxão no braço, depois o arrastou para as mesas do restaurante, que se espalhavam sob um dossel de tília. Ambos fizeram seus pedidos: para Dominika, uma entrada de bolinhos fritos de *Sauerkraut* com mostarda e um prato de *Sauerbraten* com repolho roxo; para Nate, um *Nürnberger Rostbratwurst* com creme de rabanete. Ele também pediu uma garrafa de Grauburgunder, mas Dominika não se mexeu quando ele ergueu a taça para um brinde.

– Que foi? – perguntou ele, baixando a taça sem beber.

Dominika apontou para o banquete à mesa, depois disse:

– Isto aqui. Na Rússia, só os *siloviki* é que têm acesso a tanta fartura, aqueles gatos gordos que ficam ronronando e lambendo as patas toda vez que o nosso querido presidente coça as orelhinhas deles, cada um na sua *datcha* ou mansão à beira-mar. Você sabe que o Putin tem um palácio particular, não sabe? Em Praskoveevka, às margens do mar Negro. Construiu com os recursos que desviou de um hospital.

Nate novamente ergueu sua taça e disse:

– Nesse caso... ao diabo com os *siloviki*! Dominika Egorova cuidará pessoalmente de tirar o sono de todos eles! Igual àqueles demônios que assombram os lares russos... como é mesmo o nome deles? Aqueles que moram debaixo do assoalho e ficam batendo nas tábuas a noite toda?

Dominika enfim concordou com o brinde proposto.

– São os *domovie*. Os demônios batedores.

Nate bebeu um gole do vinho e falou:

– Pois é. Você é o *domovoi* que assombra o palácio do Putin. Só que ele ainda não sabe disso.

– Ah, muito obrigada – disse Dominika. – Os *domovie* são criaturas fedorentas e maliciosas.

– Fedorenta você não é, posso garantir.

– Engraçadinho... São todos assim na sua família? Fofos e engraçadinhos?

Nate revirou os olhos, dizendo:

– Foi só falar em demônios que...

– Como assim? – perguntou Dominika.

– Deixa pra lá. Vamos mudar de assunto.

– Não – insistiu ela, e se inclinou para a frente. – Agora fiquei curiosa.

– Não tenho muito o que contar – disse Nate, servindo mais vinho para ambos, desviando o olhar.

Dominika, por sua vez, cravava os olhos nele sem dar nenhum sinal de trégua.

– Sua obrigação é manter sua agente feliz e motivada – retrucou ela. – Vai, fala.

Nate respirou fundo.

– Não é nada muito dramático. Dois irmãos, ambos mais velhos do que eu e sócios na firma de advocacia da minha família. Meu pai é advogado; meu avô, juiz. Foi meu bisavô que começou com a história toda, ele que abriu o escritório. No condado de Dinwiddie, na Virgínia, perto de Richmond, a capital. O Velho Sul, você sabe o que é isso?

– Sei – disse Dominika. – A Guerra Civil de vocês. Abraham Lincoln. O filme... *E o vento levou*.

– Isso, um belo filme – falou Nate, batendo de leve na mão dela. – A gente era muito competitivo na juventude. Na escola, nos esportes... Meus irmãos principalmente. Vivíamos brigando. Eles gostavam de vencer em tudo, igual ao meu pai e ao meu avô. A família inteira adora uma boa discussão. Advogados. A única coisa em que eu era melhor do que todo mundo era a natação. Daí, um dia, numas férias de verão, o veleiro do meu irmão mais velho emborcou no meio do lago e eu o ajudei a nadar de volta pra borda. Acho que salvei a vida dele, mas assim que a gente saiu da água ele começou a lutar comigo, embora eu fosse

muito maior. Me jogou de volta na água, depois foi embora como se nada tivesse acontecido. Nem passou pela cabeça dele me agradecer. Não ia dar o braço a torcer, claro.

– Precisava vencer – emendou Dominika.

– Exatamente. Tanto ele quanto meu outro irmão se casaram com membros das tradicionais famílias sulistas, donzelas respeitáveis, aristocráticas e submissas. Repetiram o que já vinha sendo feito por quatro gerações. Sempre os vencedores. Minhas cunhadas, cansadas desse tipo de vida, acabaram buscando consolo em remédios e no uísque. Um dia descobri que uma delas, a mulher do mais velho, andava frequentando os dormitórios da universidade em Richmond. Eu poderia ter jogado isso na cara do meu irmão, ter dado o troco depois de apanhar tanto dele, mas um divórcio seria uma derrota pra família inteira, então deixei pra lá, não falei nada com ninguém. Simplesmente fui embora pra faculdade. O que, aliás, foi outro motivo de crise. Papai queria que eu me formasse em direito e entrasse para o escritório da família. Então, quando optei pelo russo e segui uma carreira diferente, o céu veio abaixo. Todo mundo apostou que em dois anos eu jogaria a toalha.

Dominika deu um gole no vinho.

– Mas agora está aqui comigo – disse. – Dois agentes ousados e perigosos, determinados a salvar o mundo, a destruir o mal.

– Pois é – concordou Nate. – Mas... cansei de falar de mim mesmo. Você vai comer esse último bolinho ou não?

– Pode ficar com ele – disse Dominika. – Mas, antes, me diz uma coisa, Neit. Você não odeia sua família, odeia? Então não deve se esquecer deles. Seus irmãos, seu pai... eles sempre estarão lá para ajudá-lo quando você precisar. Igual à minha mãe, que está sempre por perto quando preciso dela.

– Pensei que ela tivesse morrido anos atrás.

– Morreu. Mas continua por perto.

– A memória dela, é isso? Claro que você ainda se lembra dos seus pais. É assim com todo mundo.

– É mais do que uma memória. Às vezes eu a vejo. E ela fala comigo.

Nate se recostou na cadeira.

– Tipo um fantasma? – perguntou, já aventando se teria de alertar o QG quanto à possibilidade de uma agente esquizofrênica.

– Não me olhe assim – disse ela. – Não estou ficando doida. Todos os russos têm esse tipo de proximidade com seus parentes e amigos. Somos um povo espiritualizado.

– Isso que dá tomar uma garrafa de vodca por dia – brincou Nate. – Você vê outros fantasmas também? – perguntou ele displicentemente.

– Sim. Uma garota na Escola de Pardais, que se matou – disse ela, baixando o olhar. – E uma amiga que fiz na Finlândia, que desapareceu.

– Aquela que também era pardal? – disse Nate.

– Ela mesma. Posso jurar que foi eliminada pela central.

– E elas *falam* com você?

Dominika se inclinou para a frente, apoiou o queixo nas mãos.

– Não se preocupe, Dr. Freud. Não sou nenhuma maluca. Lembro das minhas amigas, só isso. Elas estão comigo em espírito e me ajudam a sobreviver quando você não está do meu lado. Pra mim, elas são como as nossas *Rusalki*, as sereias que ficam cantando na beira do rio.

– Lembro de ter lido alguma coisa a respeito delas. São do folclore eslavo, não são? Mas cantam pra atrair os homens e depois afogá-los nas águas do rio, não é?

– São perigosas, hum? – disse Dominika, um sorriso discreto nos lábios. – Mas hoje elas não estão por perto, porque você está – emendou, pousando a mão sobre a dele.

Uma garçonete loura veio à mesa para recolher pratos e talheres. Embrulhada num *dirndl*, o tradicional vestido das bávaras e austríacas, de corpete muito justo e uma blusa decotada por baixo, ela olhou de relance para Nate e praticamente se debruçou sobre a mesa para alcançar o pote de mostarda. Em seguida, equilibrando os pratos na mão esquerda, usou a direita para ajeitar os cabelos e perguntou a Nate, em alemão, se eles queriam mais alguma coisa. Nate abriu um sorriso e simplesmente pediu a conta com o gesto universal de uma assinatura no ar. Mas logo tratou de fechar o sorriso quando se virou novamente para Dominika e viu no rosto dela o esgar furioso de um cossaco, os olhos faiscando mais do que a bigorna de um soldador.

– Ah, deixa disso – falou ele. – Pensei que fôssemos dois agentes perigosos salvando o mundo.

– Você me ama? – disparou ela de volta, passando do inglês para o russo.

– Que foi, Domi? Por que isso agora? Achei a garçonete bonitinha, só

isso.

– Você sabe que o Danúbio está logo ali, não sabe? Conheço as *Rusalki* locais. Se você não tomar cuidado, vai acabar se afogando...

Dominika se calou de repente e olhou por sobre os ombros dele.

Nate era experiente o bastante para não virar o rosto e olhar também. Apenas ficou esperando.

– Dois homens, um alto e um gordo – falou ela baixinho. – Ambos de camisa de manga curta.

– O mais baixo está com um daqueles chapeuzinhos de tirolês? – perguntou ele.

Dominika arregalou os olhos, impressionada.

– Muito bem – disse. – Estavam na nossa frente quando entramos no parque.

– Depois pararam numa barraquinha e deixaram a gente passar.

– E seguiram em frente quando sentamos aqui.

– O que estão fazendo agora? – perguntou Nate.

– Voltando pela rua, os dois com um sorvete na mão.

– Três ocorrências. Hora de irmos.

Sem nenhuma pressa eles pagaram a conta e foram caminhando na direção oposta, rumo à Messestrasse, parando para um drinque no bar do Hotel Messe, depois saindo pela porta dos fundos, atravessando o salão do Messezentrum, por sorte ainda aberto, e saindo para a Ausstellungsstrasse. Sem esperar que o sinal fechasse para os carros, eles atravessaram a rua e irromperam na vizinhança do prédio de Dominika. Não haviam percebido nenhum movimento incomum em seu rastro, nenhum sinal mais óbvio de uma vigilância paralela por parte de pedestres ou veículos, nenhum homem com chapéu de tirolês. Na Arnejoferstrasse, entraram novamente num bar, sentaram-se junto à janela e ficaram ali, atentos ao lado de fora, cansados e meio ofegantes, mas animados pelo ritmo excitante das ruas. A adrenalina foi baixando aos poucos. Tudo indicava que eles estavam a salvo da curiosidade alheia. Dominika cogitava se Nate estava tão “animado” quanto ela, se pretendia levá-la para a cama. Rezava para que sim, mas que ele tomasse a iniciativa.

– Está nervoso com o nosso encontro de amanhã? – perguntou ela.

Roçando joelhos com Nate, sentia na própria pele o calor do corpo dele.

– Não. Acho que vai dar tudo certo. E você? – devolveu Nate, o halo violeta pulsando à sua volta.

– Imagino que num primeiro momento o iraniano vá ser um pouco arredo, mas não há muito que ele possa fazer. Meu pardal estará lá também – disse Dominika. – Só como um pequeno lembrete ao nosso safado cientista o *chalun* que ele tem sido.

– Por acaso você já pensou no que pode acontecer a essa moça caso a operação desande, caso Jamshidi apronte alguma? É bem provável que a central queira saber se ela teve participação direta no caso, ou até que ponto estava a par dos detalhes. Se algo der errado, vão fazer picadinho deste seu pardal.

“Um farto picadinho”, pensou Dominika, lembrando-se das medidas quilométricas da sérvia.

– Ela não tem pra onde ir, nem a quem recorrer – disse ela.

– Acho que podemos incluí-la num plano de contingência caso sejamos obrigados a exfiltrar.

Dominika o encarou na escuridão do bar.

– Você realmente faria isso por ela?

– A moça agora é parte da operação – respondeu Nate.

De fato se preocupava com o destino dela, mas não era só isso. Na eventualidade de um recuo, seria essencial tirá-la das garras dos russos para liquidar de antemão qualquer possibilidade de vazamento. Dominika sabia disso, mas mesmo assim ficou comovida.

Eles agora se entreolhavam, ambos calados, cada qual do seu lado da mesinha de plástico, rostos parcialmente iluminados pela luz que vinha do balcão. Não se tocavam, mas Dominika podia sentir os elétrons que saltavam de lá para cá no espaço que os separava, o coração batendo mais forte pela ação deles, os olhos passeando pelo rosto à sua frente, da boca ao nariz, até a mecha de cabelos que caía sobre a testa. A imaginação corria solta, mas Dominika dizia a si mesma que não começaria nada, por maior que fosse o seu desejo naquele momento. Ela precisava de Nate. Precisava aliviar-se um pouco do peso que acompanhava sua nova vida de informante, de traidora do seu país, sempre a um passo da guilhotina ou do paredão. Mas não. Ela não mexeria um dedo que fosse.

Nate notava um ligeiro tremor nos lábios dela. Se estivesse em Helsinque, não pensaria duas vezes antes de tomá-la nos braços e arrastá-

la para a cama. Mas estava em Viena, e não fazia nem 24 horas que Dominika havia ressurgido de Moscou para retomar seu trabalho como agente de infiltração no governo russo, a agente que cabia a *ele* pilotar. Seria um erro imperdoável colocar tudo isso em risco, um desrespeito à memória do general Korchnoi. Com o olhar fixado nela, ele refletiu sobre o que teria de fazer em seguida.

Dominika imediatamente percebeu a mudança em sua aura, geralmente firme e constante, agora um tanto esmaecida. Sua intuição extraordinária dizia que o americano ainda se debatia com a questão da disciplina profissional, apesar do fogo que ardia em seus olhos. Para ela seria um suplício ver novamente esse fogo se apagar quando eles estivessem lado a lado na cama.

– Depois a gente decide o que fazer com o meu pardal – disse ela. – Agora precisamos descansar.

– Quer que eu fique com você esta noite? – perguntou Nate, sem segundas intenções.

Dominika entendeu perfeitamente a preocupação dele como operador. O clima entre eles já havia acabado.

– Melhor não, Neit.

Ele pagou a conta e saiu com Dominika para o silêncio das ruas. Com sua experiência de operador, podia ler nos olhos de sua agente a decisão que ela já havia tomado ainda no bar. Uma decisão acertada. Prudência. Segurança. Tudo isso deveria vir em primeiro lugar. À porta do prédio eles se despediram com beijinhos no rosto, e Dominika entrou sem ao menos olhar para trás.

Uma vez no quarto, recostou-se à porta e por um tempo ficou ali, abraçando o próprio tronco de olhos fechados, aguçando os sentidos na esperança de ouvir algum barulho na rua, Nate tocando o interfone, pedindo para subir. Quase podia vê-lo correndo escada acima, jogando-se em seus braços. Mas não foi isso que aconteceu.

Resignada, tirou sapatos e vestido e se jogou na cama de solteiro, deixando o corpo afundar na colcha macia, procurando não pensar em nada: nem em Nate, nem nos abutres da central, nem na arriscada operação com Jamshidi, nem na umidade que sentia entre as pernas e que não dava nenhum sinal de que acabaria. Com um grunhido, rolou para o lado. Hesitou um instante, mas depois pegou a escova que havia deixado na mesinha lateral: a escova da sua *prababuchka*, a escova

proibida que ela conhecia tão bem. Sabia que em menos de cinco minutos já estaria estremeando com os olhos revirados, e dormindo logo em seguida. Correu o olhar pelo quarto para ver se não estava acompanhada de nenhuma das amigas mortas. Não vendo nenhuma delas, deixou o pensamento ir em direção a Nate, para a dificuldade dele de falar da própria família, para as olhadelas que ele havia lhe dado no caminho de volta, para a expressão que vira em seu rosto.

Com outro grunhido, arremessou a escova para longe, deitou-se de bruços e contemplou a noite irrequieten que teria pela frente.

BOLINHOS DE *SAUERKRAUT* DO PRATER

Refogar cebola e alho na manteiga, acrescentar presunto moído e farinha, e deixar cozinhando até a cebola dourar. Numa tigela, misturar o *sauerkraut* já escorrido, um ovo, cebolinha e caldo de carne, depois juntar ao presunto na frigideira e cozinhar até obter uma pasta grossa. Deixar esfriar. Modelar em bolotas, passar na farinha, pincelar com gema batida, empanar na farinha de rosca e fritar.

CAPÍTULO 7

NATE HAVIA CAPRICHADO ESPECIALMENTE no seu disfarce como analista nuclear da Linha X do SVR. Disfarces para uso na interação com pessoas eram tanto uma arte quanto uma ciência, menos uma questão de bigodes falsos e lentes de contato coloridas do que uma certa quantidade de pequenos detalhes que, somados, criavam as sugestões necessárias para que o observador completasse sozinho a ilusão pretendida.

No fim da tarde, ao encontrá-lo no local marcado, Dominika fez uma minuciosa inspeção do resultado. Imediatamente aprovou o novo corte de cabelo que ele havia providenciado pela manhã, mais curto e alto nas laterais. O paletó de três botões era o mesmo que todos os homens usavam dos Alpes até os montes Urais, mas a gravata era um grande equívoco (“Nenhum moscovita usaria uma coisa dessas”). Decidiu-se então que ele abriria mão da gravata e deixaria o colarinho da camisa azul-clara desabotoado. Os sapatos eram poloneses, comprados numa loja de artigos populares (“Horrorosos. É importante que ele veja esses sapatos”). Óculos vagabundos, de lentes transparentes e aro dourado, davam o toque final. Dominika se deu por satisfeita.

Naquela mesma tarde, num esbarrão de apenas alguns segundos, Nate havia recebido das mãos de um agente da estação vienense um kit preparado pelos técnicos da OTS, os especialistas em disfarces do QG em Langley. O kit continha uma coroa de ouro para os dentes, próteses de silicone para erguer as maçãs do rosto, palmilhas para forçar o usuário a coxear de uma das pernas, bastões para tingimento dos cabelos, verrugas e bigodes falsos, tubos de cola medicinal, mais um frasco com um produto químico capaz de criar manchas temporárias no dorso da mão ou na lateral do pescoço. Nate decidiu usar apenas este último.

– Nada chama mais a atenção do que um pequeno detalhe – disse ele

a uma cética Dominika, mostrando a ela a mancha arroxeadada que havia fabricado na mão esquerda, mais ou menos no formato de uma aranha. – Vocês paparam a mosca da *glasnost* porque ficaram olhando pra mancha na testa do Gorbatchov durante três anos.

– *Nekulturni...* – resmungou ela, e saiu com ele rumo ao apartamento de Udranka.

Automaticamente, sem trocar nenhuma palavra um com o outro, ambos traçaram um caminho de rato cidade afora, sempre olhando para os dois lados antes de atravessar as ruas, atentos a qualquer tipo de movimento estranho, sinalizando quando achavam seguro prosseguir. Dominika fazia o possível para impressionar seu companheiro americano, mas acabava invejando a indiscutível superioridade dele nas técnicas de rua.

Enquanto subiam a escada escura do prédio de Udranka, Nate parou de repente e tomou Dominika pelo antebraço, alheio aos barulhos que vinham dos apartamentos mais próximos.

– Antes de entrarmos – sussurrou ele –, eu queria dizer como é bom estar trabalhando com você outra vez.

Dominika não disse nada. Não sabia direito o que era aquilo, nem o *que fazer* com aquilo.

– Esta operação com o iraniano foi muito bem costurada – prosseguiu Nate. – Se tudo der certo, muita coisa vai mudar nesta equação.

Ele agora sorria feito um colegial, o halo violeta pairando acima dos ombros.

“Que tal brindarmos com um beijo?”, foi o pensamento que passou pela cabeça de Dominika. Mas não. Ela tinha seu orgulho para preservar.

– Também gosto muito de trabalhar com você – disse. Erguendo a mão dele, olhando para a falsa mancha, emendou: – Mesmo que você pareça um *napevat*, um desses mendigos que moram debaixo da ponte. Mas agora vamos. Ainda temos uns trinta minutos até o homem chegar.

Assim que o viu, Udranka examinou Nate de cima a baixo: o porte atlético, as mãos, o desenho dos maxilares. Um pardal avaliando a refeição. Em seguida olhou para Dominika como se dissesse: “E na cama, como é que ele é?” Estava usando um vestido cor de ferrugem, curtíssimo, justo no busto e nos quadris. Os saltos dos sapatos pretos deixavam-na ainda mais longilínea. Enquanto Dominika desligava as

câmeras e os microfones escondidos pelo apartamento, a sérvia sentou-se ao lado de Nate no sofá e perguntou em russo:

– Você é de Moscou?

– Sou. Cheguei ontem à noite.

Mais cedo ele havia decorado o horário de todos os voos da Aeroflot, já prevendo que Jamshidi lhe fizesse a mesma pergunta.

– E já trabalhou com a Egorova antes?

Udranka não sabia que estava falando com um operador americano. E o mais prudente era que nunca viesse a saber.

– Não, essa é a primeira vez – disse Nate.

Já ia cumprimentando a sérvia pelo belo trabalho realizado com o iraniano, mas se calou a tempo. Nenhum analista do SVR, focado apenas no interrogatório que estava para fazer, tocaria em detalhes semelhantes.

Udranka o avaliou de novo, depois cruzou as pernas como se quisesse exibir os músculos das coxas, deixando entrever uma nesga de bumbum.

– Se tivesse de adivinhar, eu diria que vocês dois já se conheciam – disse ela, olhando para Dominika, que já voltara à sala. – O jeito de vocês quando entraram... sei lá.

– Vamos deixar os joguinhos de adivinhação pra depois, *devuchka* – disse Dominika, rindo.

– Seja como for, gostei dele – falou Udranka. – Até que é bonitinho.

– Você acha? – perguntou Dominika.

– Claro que sim, você não? Talvez bonitinho demais para um analista de Moscou.

Nate abriu as fivelas de sua pasta, preferindo não olhar para a sérvia.

– Deixa de conversa e vai buscar a bandeja – disse Dominika.

Udranka riu e pegou na cozinha uma bandeja com copos e uma garrafa de uísque. Ao deixá-la na mesinha diante do sofá, deu a Nate um demorado olhar de volúpia e ele subitamente se viu na pele de um cristão no coliseu romano, pouco antes de ser devorado pelos leões. Nada disso escapou a Dominika, que havia estudado a mesma cartilha que a colega. Olhando para Nate, ela disse:

– Uma vez pardal, sempre pardal.

Udranka deu uma gargalhada, aprumou-se e voltou para o quarto, fechando a porta às suas costas.

“Essas mulheres...”, pensou Nate. “Forças indomáveis da natureza.” Agradeceu a Deus que dali a pouco eles estariam trabalhando. E foi

então que alguém bateu de leve à porta.

– Está pronto? – sussurrou Dominika.

Nate rapidamente foi para a mesa e espalhou sobre ela as suas anotações.



Já haviam se passado duas horas de conversa. Com o colarinho desabotoado, o Dr. Parvis Jamshidi inclinava-se para a frente no sofá, visivelmente tenso, uma maleta fechada a seu lado. Chegara com ares de indignação, irritado e petulante. Ameaçara um chilique ao se deparar com Nate, mas bastaram duas frases de Dominika para que ele visse como uma lisonja a necessidade da presença de um analista, um reconhecimento por parte de Moscou da sua eminência como cientista. Aparentemente, o iraniano não era imune à bajulação.

Ainda assim ele continuava com a crista erguida, exibindo uma arrogância que certamente advinha do medo, e Dominika, também no sofá, precisou empregar seu francês para assumir o controle da situação. Apesar do pouco conhecimento que tinha da língua, Nate ficou admirado ao ver o talento dela para fisgar o iraniano com a isca do orgulho profissional e gradualmente conduzi-lo da rebeldia para a resignação. Jamshidi era um pavão. Agora desfiava todo um rosário sobre as maravilhas da energia nuclear, sobre o inevitável sucesso do programa iraniano, e Dominika, ciente do que estava fazendo, aproveitava a oportunidade para enredá-lo cada vez mais.

A certa altura, atrapalhando-se com a tradução dos termos técnicos para o francês, Jamshidi perguntou a Dominika:

– Você fala inglês?

– Claro que sim.

– E você aí? – perguntou ele a Nate, que sequer ergueu a cabeça das anotações que vinha fazendo num caderno.

– Infelizmente meu colega fala apenas russo – interveio Dominika.

– Eu já imaginava – falou Jamshidi, e do nada acrescentou: – Conheço uma pessoa que pode tratar dessa mancha que ele tem na mão.

Nate precisou fazer um esforço consciente para não se trair com um

movimento brusco da mão. Continuou escrevendo como se nada tivesse ouvido.

– Voltando ao nosso assunto – disse Dominika em inglês. – Você estava descrevendo as unidades de centrifugação em Natanz.

– São três unidades distintas: A, B e C – falou Jamshidi. – Todas com 25 mil metros quadrados de área, telhado reforçado e alicerce de 22 metros.

Dominika traduziu para Nate.

“Tudo isso está na internet para quem quiser saber”, ele pensou. Já era hora de imprensar o cara na parede. Lamentando não ter consigo nenhum material da PROD, conferiu alguma coisa nas solicitações da Linha X e, impaciente, falou em russo com Dominika:

– Conhecemos a configuração da usina de enriquecimento de urânio. Mas, pelo que consta, são apenas duas unidades. Pergunte a ele sobre essa terceira, que é novidade.

Dominika perguntou. Jamshidi recostou-se no sofá e sorriu.

– As unidades A e B abrigam mais ou menos 5 mil máquinas. Mas, destas grandes cascatas, apenas uma fração opera com a regularidade necessária.

Nate esperou que Dominika terminasse de traduzir e só então consultou suas anotações.

– Qual o problema com essas cascatas? – perguntou em seguida.

Jamshidi deu de ombros e disse:

– Temos reaproveitado umas centrífugas paquistanesas mais antigas, do tipo P-1 e P-2, aprendendo ao longo do caminho. Nossas próprias máquinas, as IR-1, são infinitamente superiores, mas temos encontrado alguns problemas quando operamos as cascatas por períodos maiores.

Nate esperou pela tradução, depois esperou mais um pouco até que o iraniano prosseguisse:

– Ano passado tivemos um colapso simplesmente porque o técnico não usou luvas na montagem de uma centrífuga. As bactérias nas mãos dele, transferidas para a tubulação interna, acabaram por criar um desequilíbrio em todo o sistema. Quando atingiu uma velocidade mais alta, a centrifugação morreu. Suponho que não seja preciso explicar o efeito dominó que um acidente assim produz numa cascata. Temos tido outros tipos de problema também, como a irregularidade no suprimento de hexafluoreto de urânio e outras dificuldades operacionais.

– Que tipo de dificuldade? – perguntou Dominika.

– Uma série de problemas que vêm de fora do Irã. Embargo no fornecimento de matérias-primas críticas, vírus plantados em nossos sistemas pelos sionistas e pelo Grande Satã... coisas assim. – Jamshidi olhou para Nate, como se desconfiado de algo. – Três meses atrás, sabotadores ainda não identificados destruíram cinco torres de transmissão no deserto que cerca a usina.

– Mas... e a terceira unidade? – perguntou Dominika.

Jamshidi se empertigou no sofá.

– Este é um projeto pessoal meu. Concebido por mim. Essa terceira unidade vem sendo construída no mais absoluto segredo, com especificações muito rigorosas. Entre ela e as outras duas há um túnel e três portas blindadas. Vamos instalar pisos com isolamento sísmico. A atmosfera é absolutamente controlada e filtrada. Uma caixa impenetrável e indestrutível. Os inspetores da AIEA não sabem da existência dela – disse ele, orgulhoso.

Nate não esboçou nenhuma reação, nem mesmo quando Dominika traduziu. Isto, sim, era o que interessava. A coisa estava começando a esquentar.

– Continue – disse ele. – Qual é exatamente a função desta unidade?

Jamshidi olhou para ambos, sorriu e balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

– Aí vocês já estão querendo demais. Este é o meu projeto.

Nate viu o brilho que se acendeu nos olhos de Dominika. Com a mais doce das vozes e uma pontinha de veneno, ela disse:

– Dr. Jamshidi, já falamos sobre isso. O senhor não precisa se preocupar. Somos aliados do Irã. Nosso objetivo é justamente proteger o Irã dessas forças externas que o senhor mesmo acabou de mencionar, essas forças que ameaçam o seu próprio trabalho. Nossa conversa estava indo tão bem...

Ela sacou o celular do bolso e foi digitando algo com o polegar.

Ainda sorrindo, Jamshidi disse:

– Se vocês realmente querem ajudar meu país, que tal encerrarmos essa palhaçada agora mesmo? Vocês estão pedindo o impossível.

– O que posso fazer pra convencê-lo a mudar de ideia? – perguntou Dominika. – Nossos países têm laços muito profundos.

– Profundos e antigos. Faz séculos que vocês vêm metendo o nariz na

Pérsia sem terem sido chamados – ironizou o cientista.

Nate já tinha alguma experiência com o interrogatório de agentes difíceis. Certa vez vira Marty Gable erguer um adido chinês pelas lapelas do paletó e empoleirar o sujeito no consolo de uma lareira, dizendo que só o tiraria dali depois que ele voltasse a cooperar. Uma técnica não exatamente aceitável, mas eficaz o bastante para ferir os brios do homem, que em dois minutos já estava de volta ao chão, entornando uma garrafa de mao-tai com Gable e falando pelos cotovelos. Mas ali era diferente. Todo agente tinha alguma barreira interna, e Jamshidi parecia ter topado com a sua: ele entregaria informações sobre o programa iraniano como um todo, mas não se disporia a falar do seu projeto pessoal dentro desse programa. Era isso que o definia como informante.

Nesse momento Udranka saiu do quarto e iluminou a sala com sua ruiva presença, o microvestido agarrado ao corpo feito o couro de uma serpente. Nate teve a impressão de que ela aquecia o ar à sua volta e não demorou para identificar as notas de coentro e jasmim que exalava: Krasnaia Moskva, ou Vermelho Moscou, perfume criado em 1925 e associado àquela triste página da história soviética em que as primeiras famílias haviam sido enviadas para os gulags pela OGPU, a polícia secreta de Stalin.

Jamshidi lançou um olhar acanhado na direção da sérvia, depois virou o rosto e assim ficou, mesmo quando ela passou por ele a caminho da cozinha. Olhava apenas para Dominika, e Nate deduziu que ele tentaria blefar até onde fosse possível.

– Somos todos humanos, Dr. Jamshidi, temos nossos desejos e necessidades – disse Dominika com a frieza de uma rocha. – Não julgo ninguém, mas imagino que os membros da sua própria comunidade não veriam com bons olhos estas suas... atividades. Estou certa ou não?

Jamshidi não falou nada.

– Muito menos aqueles barbudos mais severos do Conselho Supremo. Desculpe, não foi minha intenção ser desrespeitosa. Mas pense no aiatolá. Imagine como ele ficaria desapontado. Imagine tudo aquilo de que o senhor seria obrigado a *abrir mão*.

O iraniano perdeu toda a cor do rosto.

Percebendo sua deixa, Udranka voltou da cozinha e pousou sobre a mesa um prato de biscoitos que nada tinham a ver com o uísque. Eram os *chirini kechnechi* que Dominika pedira a ela para comprar mais cedo

numa confeitaria árabe da cidade. Jamshidi mal acreditava no que estava acontecendo. Lá estava ele, cuspiendo segredos do seu país para uma espiã russa, e agora vinha aquela prostituta com um prato dos biscoitos prediletos da sua infância.

Udranka sentou-se numa cadeira à frente de Jamshidi e cruzou as pernas. O iraniano chegou a estremecer, mas desviou o olhar, claramente desconcertado, exalando culpa por todos os poros. Nate ficou imaginando o que exatamente ele conseguiu ver de onde estava.

– Pense no transtorno que vai ser caso Udranka, numa crise de saudades, resolva fazer uma visitinha ao senhor lá no prédio da AIEA – prosseguiu Dominika. – Esses assuntos devem ser resolvidos em lugares bem mais discretos, o senhor não acha? Como este apartamento aqui.

Udranka se inclinou para servir dois dedos de uísque num copo. Deu um pequeno gole, depois entregou o copo a Jamshidi. Vendo a marca de batom laranja que ela havia deixado na borda, ele estremeceu novamente e fechou os olhos. Dominika notou que o amarelo da aura dele já estava bem mais desbotado do que antes.

Manual dos paraísos, técnica nº 44: “Maximizar o desejo do parceiro mediante um choque de estímulos visuais, auditivos e olfativos.” Foi isso que veio à cabeça de Dominika quando ela viu a sérvia contornar o sofá, correr um dedo pelos ombros do iraniano e voltar sem nenhuma pressa para o quarto, deixando atrás de si um rastro de perfume, mais ou menos como um destróier de escolta que vai cuspiendo fumaça oceano afora. Nate se reacomodou na cadeira e rapidamente voltou a atenção para suas anotações, antes que pudesse ser enfeitiçado também.

Silêncio na sala. Jamshidi olhou para Nate, depois para Dominika, ao mesmo tempo furioso e apavorado. Dominika sequer piscava ao encará-lo com seus olhos azuis.

– A função da Unidade C de centrifugação é... – disse ela, como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse exposto seu interrogado ao charme selvagem de um pardal de mais de 1,80 metro de altura.

Nate ficou se perguntando o que o sujeito temia mais: enfrentar a ira dos mulás ou perder os seus “direitos de escavação off-shore” com Udranka.

– Nossa produção atual é de aproximadamente 6 toneladas de urânio com baixo teor de U-235, algo entre dois e cinco por cento – disse Jamshidi, seco. – Nestes últimos quatro anos investimos todos os nossos

recursos para aumentar o enriquecimento a vinte por cento, mas sofremos um baque forte quando um dos nossos cientistas, o mais importante de todos, foi assassinado pelos sionistas. Até agora não conseguimos produzir mais do que 110 quilos de urânio com vinte por cento de U-235.

Jamshidi pegou seu copo de uísque, parou um segundo para admirar a marca deixada por Udranka, depois bebeu, exalando no interior do copo, exausto e derrotado.

Nate olhou para Dominika para ver se ela tinha visto o mesmo que ele.

– E o que a Unidade C tem a ver com tudo isso? – perguntou ela, implacável.

– Tive permissão do Conselho pra montar dez cascatas numa unidade separada: 1.700 máquinas. A Unidade C é um tesouro tecnológico, projetado com a mais absoluta precisão. As máquinas novas já estão sendo instaladas com todo o rigor pelos melhores técnicos. Nosso objetivo é montar uma cascata de produção ininterrupta e absolutamente confiável.

Dominika repetiu tudo isso em russo para Nate.

– Pergunte a ele qual é o objetivo final dessa produção – disse o americano.

Outro gole de uísque, e depois:

– Estamos tentando aumentar em noventa por cento o nosso estoque de urânio enriquecido a vinte por cento, mesmo sabendo que isso será suficiente para alimentar uma única ogiva. Quando a Unidade C ficar pronta, vamos dar um salto importante na produção. Em termos industriais, podemos dizer que estamos fazendo um mutirão, um *hojoom*, para a produção de urânio enriquecido. – Jamshidi ergueu a cabeça e fez um gesto com o queixo em direção a Dominika. – Enquanto o mundo inspeciona nossas instalações... enquanto Tel Aviv, Washington e Londres ficam calculando quantos anos os caipiras persas vão levar pra conseguir produzir sua primeira bomba... Jamshidi e sua Unidade C vão entregar matéria-prima suficiente para uma ogiva, talvez duas, muito antes do que todos imaginam, se Alá assim quiser.

Mal conseguindo disfarçar o pânico causado por tudo que acabara de ouvir, Dominika traduziu para Nate, que àquela altura já imaginava o mal-estar que a revelação produziria não apenas no alto-comando da

CIA, mas sobretudo na Casa Branca e no Capitólio. Quase podia ver secretários e senadores borrando as calças ao projetar todas as ramificações possíveis da nova informação.

– Quando a Unidade C entrará em operação? – perguntou ele a Dominika, e ela repetiu a pergunta a Jamshidi.

– A nova cascata será testada em três etapas. Vamos avaliar o desempenho individual das máquinas à medida que elas forem entrando em operação, bem como o desempenho coletivo quando colocarmos a cascata para operar no nível máximo de capacidade, por um longo período de tempo. Isso deve levar um ou dois meses depois de terminada a construção das instalações.

– Pergunte se ele já tem os dados de desempenho para cada máquina – disse Nate, rapidamente conferindo algo no questionário da Linha X. – A unidade de medida é UTS, ou Unidade de Trabalho de Separação.

– Assim, de cabeça, eu não sei – respondeu Jamshidi.

“Conta outra”, pensou Nate.

Qualquer cientista de respeito, iraniano ou americano, teria esses dados na cabeça.

– Mas aposto que o senhor pode nos dar pelo menos uma estimativa – disse Dominika, destilando ácido na voz.

Mortificado, Jamshidi olhou para ambos, tirou um laptop da maleta e o abriu.

– Pode ser que eu tenha alguma coisa nos meus arquivos – disse.

Vendo o computador, Nate se perguntou o que mais poderia haver naquele disco rígido. “Nada menos que um tesouro”, ele pensou, e achou que talvez fosse o momento de tirar da cartola mais um pequeno truque. Sem que Dominika soubesse, ele vinha gravando toda a conversa com o tablet Talon que trouxera consigo. O aparelho estava dentro da bolsa que ele havia pendurado no encosto da cadeira. Os chefões de Langley queriam ouvir tudo: as informações, as vozes, o questionário dos russos, a atuação do pardal, o desempenho do ativo Diva ao interrogar um informante. Ele se sentia ligeiramente culpado por não ter contado nada a Dominika, sobretudo porque a ideia de incluí-lo no encontro havia sido dela, mas... trabalho era trabalho.

Nate pegou a bolsa e, vasculhando o conteúdo como se estivesse procurando uma caneta, acionou um poderoso recurso do Talon. Em seguida deixou a bolsa sobre a mesa, tomando o cuidado de colocá-la

exatamente na mesma direção do laptop de Jamshidi, alinhada com ele. Se tudo corresse como esperado, o dispositivo chuparia todo o conteúdo do disco rígido mediante um link infravermelho transmitido por uma placa de acrílico transparente colada ao fundo da bolsa.

Jamshidi não percebeu nada, ocupado com os dados que vinha procurando.

– Vou ter de pesquisar esses dados de UTS. Não encontrei nenhum arquivo com uma tabela resumida – disse ele rapidamente, não convencendo ninguém.

“Não se preocupe, meu camarada”, pensou Nate. Todos os dados do laptop já estavam em seu tablet.

– Então traga da próxima vez – falou Dominika. – Não vai esquecer, vai?

Jamshidi fez que não com a cabeça.

– Claro que não vai esquecer. Mas não custa nada repetir a pergunta: quando é que a Unidade C entrará em operação?

O halo amarelado do iraniano agora oscilava entre o forte e o fraco, sinal de que ele estava numa situação de conflito, sofrendo fisicamente a cada informação vazada. Não aguentaria por muito mais tempo. Estava exausto. Dominika já pensava no segundo encontro que precisaria marcar.

– Não posso botar a Unidade C pra funcionar sem um período de testes enquanto montamos a cascata inteira. Essas 1.700 máquinas são muito valiosas, a melhor cascata que já tivemos até agora – disse Jamshidi. – Ainda precisamos adquirir certos equipamentos estruturais específicos para garantir a estabilidade do piso.

Dominika traduziu.

– Detalhes – pediu Nate a ela.

– O processo ainda está muito no início. Os compradores da Organização de Energia Atômica do Irã ainda estão investigando certos fornecedores industriais.

Dominika olhou de relance para Nate, e por pouco ele não se virou para ela.

– Quem são estes fornecedores da OEAI? – perguntou ela. – Em que países estão? Há quanto tempo fornecem para o Irã?

– Por hoje chega – disse Jamshidi. – Preciso colher mais dados, pesquisar tudo isso que vocês estão querendo saber.

“Um pretexto para ganhar tempo”, pensou Dominika. Mas tudo bem. Informantes recrutados por coerção sempre eram casos mais delicados, sobretudo no início. Talvez o melhor fosse mesmo dar a noite por encerrada. Ela olhou para Nate e ele, lendo o pensamento dela, assentiu. Eles já tinham muito material com que trabalhar.

– Muito bem, Dr. Jamshidi – falou Dominika. – Da próxima vez o senhor nos trará todas estas informações a respeito dos equipamentos estruturais. Voltamos a nos ver daqui a sete dias, no mesmo horário, neste mesmo apartamento. Está bem assim?

– Está – resmungou Jamshidi.

Colocou o laptop de volta na mala e foi com ela até a porta.

Nate e Dominika permaneceram sentados. Não queriam congratular o homem com um gesto de respeito ou deferência.

Sempre atenta às suas deixas, Udranka saiu do quarto no momento exato, ajudou o iraniano a vestir o paletó e foi com ele para o corredor, deixando a porta aberta ao atravessá-la. De onde estavam, Nate e Dominika podiam ouvir os risinhos sensuais que ela agora dava, o francês açucarado com que dizia ao outro que ele poderia voltar no dia seguinte, que ela o faria esquecer de toda aquela história horrorosa, que eles passariam a noite inteira fazendo a brincadeira predileta dele. Mais risinhos, um último cochicho e Jamshidi enfim se despediu. Voltando à sala, Udranka serviu-se de uma generosa dose de uísque, deu um gole demorado, depois tirou os sapatos e ficou de pé onde estava, o rosto isento de qualquer expressão, uma das pernas flexionada com a elegância de uma modelo profissional.

– Adivinhem o que ele queria? – perguntou ela aos outros dois. – Queria voltar mais tarde. Hoje mesmo. Pode?

– De repente foi essa história toda de urânio enriquecido – disse Dominika.

BISCOITOS DA INFÂNCIA DE JAMSHIDI

Misturar farinha, açúcar, manteiga derretida, óleo vegetal e ovos. Acrescentar açafrão diluído em água morna, uvas-passas e extrato de baunilha. Misturar bem. Colocar bolotas da massa sobre uma assadeira

untada e assar em forno médio até dourar.

CAPÍTULO 8

DOMINIKA VOLTOU PARA MOSCOU NA

mistura

=====

sekretariat

datchas

château

croquet

pomerla vesnoi

Da pozabil tebe skazat, jena tvoia

não

Tenei

Turniri

Meshchanin vo dvorianstve.

predador

Amor por Nate?

virodki

ZAZUSKA – CANAPÉS DE BERINJELA

Grelhar as berinjelas até que fiquem macias e tostadas. Retirar a polpa com uma colher e processar até formar uma pasta. Refogar em azeite: cebola picada, pimentão vermelho, extrato de tomate. Acrescentar vinagre e açúcar, depois temperar a gosto. Acrescentar a pasta de berinjela, regar com um fio de azeite, baixar o fogo e deixar reduzir. Servir à temperatura ambiente sobre torradas amanteigadas, salpicadas com pedacinhos de cebola crua.

CAPÍTULO 9

ALEKSEI ZYUGANOV NUNCA TIVERA O

precisava

Salam

Pios iob tvoiu mat

tovarishch

=====

ela

duchka

Vspichka gneva

besnovati

genial

GRÃO-DE-BICO FRITO

Secar bem as favas de grão-de-bico com papel-toalha. Juntar dentes de alho e folhas de louro a gosto, depois fritar tudo em óleo quente (cuidado com os respingos) até que as favas estejam bem crocantes e o alho dourado. Retirar o excesso de óleo, salpicar pimenta e páprica. Servir em temperatura ambiente.

CAPÍTULO 10

ANOITECIA. NATE E DOMINIKA JÁ

Nevejda...

agora

bolota

Zatknis.

=====

vanguardia

Udranka

Morder shooreto bebaram

Udranka

collie

ele

Vstan

duchka

querida

GASPACHO

Num processador, triturar tomates maduros, pão italiano e um pepino sem sementes, acrescentando azeite, vinagre de vinho tinto, sal e cominho.

Peneirar a pasta resultante até obter uma consistência aveludada. Gelar e servir com cubos de pimentão verde, fatias de pepino e cebola branca.

CAPÍTULO 11

NATE TRAVOU A PORTA DO

Bingo.

Gipotermiia

Idiotka

Duchka

jangha vibhor

ela

duchka

Khorocho.

Rusalki

=====

gruyère

prosciutto

CROQUETES VIENENSES

Preparar um bechamel espesso e acrescentar *prosciutto* cortado em pedacinhos pequenos, queijo *gruyère* ralado e noz-moscada, incorporando bem. Espalhar a mistura sobre um tabuleiro e refrigerar. Modelar a massa fria em pequenas bolas, molhar num ovo batido, depois rolar em farinha de rosca. Refrigerar os croquetes, depois fritar em óleo vegetal até dourá-los. Servir com *aïoli* preparado com maionese, alho amassado, suco de limão e páprica defumada.

CAPÍTULO 12

ANOITECIA QUANDO NATE E DOMINIKA

lézard

Bratok

Gospodin

likhoradka

Dvorets v Izmene

pode

seu ativo

precisava

Runza

Runza

Gospodin

treugolnik

Gospodin

confiança

=====

els

O prisioneiro de Zenda



ispravit.

Gorbatogo tolko mogila

=====

como

Ravnovesie.

de

você

Oi bohze!

Gore mne

Duchka

Bratok

Bratok

Bratok

Grustnii

Bratok.

prepiatstvie.

mais importante

explorar

datchas

inflexão

RUNZA

Refogar cebola picada e alho amassado até que fiquem moles. Temperar a gosto, acrescentar endro e sementes de funcho (ou de cominho). Acrescentar carne moída, deixar dourar, depois juntar repolho fatiado, tampar a panela e deixar cozinhando até amolecer o repolho. A mistura deve ficar bem seca. Abrir uma massa de pão, cortar em quadradinhos de mais ou menos dez centímetros, rechear com a carne moída e o repolho, juntar as pontas e selar. Assar em forno médio até dourar.

CAPÍTULO 13

DICK SPOFFORD ESTAVA EM SUA

=====

=====

Hein?

James?

James

sagouine

brilhantismo

SALADA ASIÁTICA

Numa frigideira, preparar uma redução de molho shoyu, caldo de peixe e açúcar, depois acrescentar maionese para formar um molho espesso. Jogar o molho sobre uma salada de repolho roxo, cebolinha, cebola roxa, coentro e cenoura ralada, depois temperar a gosto com óleos de amendoim e gergelim, vinagre de vinho de arroz, flocos de pimenta-calabresa e sementes de gergelim torradas.

CAPÍTULO 14

AOS OLHOS DE SEB ANGEVINE, sua intempestiva decisão de vender segredos de Estado para os russos não entrava em conflito com a fidelidade que ele acreditava dever a esse mesmo Estado, e isso era uma boa medida para a desordem mental do agente. Ele ainda não havia se recuperado do golpe sofrido, estava apoplético. Não, aquilo simplesmente não podia ter acontecido com *ele*. Seu raciocínio era mais ou menos este: passar segredos aos russos daria mais equilíbrio ao cabo de guerra da espionagem entre os dois países; por conseguinte, o Kremlin ficaria mais tranquilo e Putin estaria menos propenso às suas investidas imperialistas mundo afora. Na realidade ele não estava nem aí para Putin, nem para o mundo, nem para quem quer que fosse. Era em si mesmo que estava pensando.

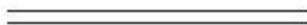
Escolhera o caminho da espionagem por dois motivos clássicos: dinheiro e vaidade. Queria dinheiro, muito dinheiro, e, pelo que já tinha lido em inúmeros relatórios de contrainteligência, os russos vinham pagando bem mais do que costumavam pagar. Além disso, o seu ego ferido ansiava por vingança, não só contra o diretor-geral, mas contra todos os vice-diretores, contra a CIA inteira. Aquela gente havia arruinado a sua vida, sobretudo aquela *salope* chamada Gloria Bevacqua. A raiva e o desprezo pelos colegas bastavam para enterrar qualquer sentimento de culpa que pudesse interferir nos seus intentos. Isto é, caso ele tivesse algum sentimento de culpa. Não tinha.

Sua maior preocupação agora era encontrar um meio seguro de passar as informações aos russos. Durante seu treinamento como operador de polígrafo, ele havia aprendido muita coisa com os casos clássicos da espionagem americana: Pollard, Ames, Hanssen, Pelton, Walker. Sabia como todos eles haviam sido descobertos: descuidos operacionais, ex-mulheres vingativas, comparsas burros. Tudo bem, mas

a hipótese mais provável era outra. O que os informantes americanos mais tinham a temer era a denúncia por parte de algum informante russo plantado nos quadros do SVR e recrutado pela CIA. Mesmo que eles não dessem um nome, que mencionassem apenas a existência de um traidor americano, isso bastaria para que a CIA desse início a uma rigorosa investigação.

Hanssen, por exemplo, tentara bancar o esperto. Desde seu primeiro contato com os russos, insistira em permanecer anônimo, recusando encontros pessoais e se identificando apenas como “Ramon”. O problema era que os russos haviam gravado um dos seus telefonemas para o operador e a fita acabara sendo roubada dos arquivos da central por um informante da CIA no SVR, e depois enviada a Langley. Seus colegas no FBI, estupefatos, haviam reconhecido a voz e ele acabara seus dias numa prisão de segurança máxima no Colorado.

Assim, o mais importante era encontrar um canal de comunicação com os russos que não deixasse rastros. Seb passou o fim de semana inteiro ruminando o assunto, exausto e irritadiço, mas nada lhe ocorreu. Ainda resmungava sozinho quando comeu seu jantar de domingo, rolinhos primavera que sua faxineira havia deixado prontos na geladeira. Foi então que se lembrou de um compromisso que teria na semana seguinte: um encontro de orientação com um agente duplo da OSI.



O Departamento de Investigações Especiais da Força Aérea americana (AFOSI, ou simplesmente OSI) era, assim como o SIC da Marinha, uma espécie de corregedoria interna destinada a identificar e punir os malfeitores da casa. Um pequeno setor de contrainteligência investigava pistas, mas sempre que o caso se revelava mais grave do que o imaginado era repassado para o FBI, ou para a CIA, quando havia envolvidos fora do país.

Seb Angevine sabia que todo aquele carnaval de agentes duplos era na realidade um enferrujado anacronismo com origem na Guerra Fria. Apenas uma coisa havia mudado: hoje, produzir informações autênticas e relevantes para entregar aos adversários era uma tarefa complexa,

laboriosa. Todos os serviços de inteligência do mundo já haviam caído na pegadinha de informantes voluntários previamente instruídos por seus verdadeiros chefes. Portanto, exigências cada vez maiores vinham sendo feitas no sentido de garantir a autenticidade das informações repassadas. O primeiro teste para qualquer informante era a entrega de algo realmente significativo, algo capaz de fazer um estrago concreto nos alicerces da segurança nacional. Não havia mais espaço para os peixes pequenos, para aqueles voluntários que entregavam apenas dados escassos, irrelevantes ou infundados.

Na qualidade de vice-diretor de Relações Militares, Angevine podia solicitar e receber relatórios confidenciais de qualquer operação de espionagem. Então ligou para um dos seus contatos no Pentágono, disse que queria se inteirar mais sobre o novo projeto da OSI da Força Aérea e ouviu com atenção os detalhes de uma operação batizada de Searchlight. Um certo major Glenn Forstad havia sido recrutado como agente duplo: um luterano de Minnesota, ruivo de olhos verdes. “Um caipira de verdade”, ele pensou. Mas ficou surpreso ao saber que o homem já havia feito contato com a embaixada russa em Washington, deixando um envelope sob o limpador de para-brisa do carro de um diplomata russo no Arboreto Nacional, na Avenida New York.



Ao entrar na sala de reuniões da OSI no Pentágono, Angevine deparou-se com Simon Benford sentado em uma cadeira encostada à parede. Conhecia-o apenas superficialmente, pois seus caminhos profissionais não se cruzavam com muita frequência. Sabia que Benford era o chefe da Divisão de Contrainteligência da CIA, o *enfant terrible* da comunidade de inteligência.

Fora isso, tinha apenas uma vaga ideia do mundo pelo qual ele transitava, um mundo povoado de espões, informantes, denúncias, pistas e vazamentos de informações confidenciais. Não gostava dele. Nas reuniões de alto escalão no sétimo andar, podia sentir sobre si o olhar crítico do sujeito, ouvir o desprezo que ele mal conseguia disfarçar na voz. Mas, ao que parecia, Benford era assim com todo mundo.

Angevine sabia que era visto com desdém por todos os veteranos da Agência (como Benford) porque ele havia conquistado sua vice-diretoria sem jamais ter passado por uma posição operacional fora do país. Era uma doce ironia que ele estivesse hierarquicamente acima de todas essas pessoas, embora não fosse possível esfregar isso no nariz de ninguém. No ambiente estranhamente igualitário do serviço clandestino, todos se dirigiam a seus superiores pelo primeiro nome.

Angevine sentou-se ao lado de Benford, curioso para saber o motivo da presença dele numa reunião tão sem importância da OSI. Eram os únicos ali que não vestiam uma farda da Força Aérea.

– Simon – disse ele, olhando para a frente.

– Sebastian – devolveu Benford, também olhando para a parede oposta.

– O que você está fazendo aqui nesta reunião de cozinha?

– Eu poderia perguntar o mesmo a você.

– Gosto de me manter o mais informado possível sobre as operações – explicou Angevine com uma ponta de ironia.

– Imagino que sim – disse Benford, duas vezes mais irônico. – Afinal, isso é o que faz um vice-diretor de Relações Militares.

– Mas e você?

Só então Benford se virou para ele.

– Você sabe o que eu penso dessas operações com agentes duplos. Consomem tempo e geralmente só produzem resultados inconclusivos – afirmou Benford. – No cenário internacional, não há mais quem leve muita fé nelas. Mas você sabe disso, não é?

E então foi a vez de Angevine encarar seu interlocutor.

– Então por que você está aqui? – disse.

– Deus conserve este pessoal do OSI. São empolgados, esforçados. E esta operação deles... Searchlight, acho que é isso... Parece que conseguiram fisgar os bolcheviques.

– Bolcheviques? – indagou Angevine, irônico.

– Sim, os russos. A *rezidentura* de Washington respondeu ao bilhete deixado por um major no carro de um deles. Marcaram um encontro num local em Maryland, o que é extraordinário. Geralmente não dão confiança para os voluntários. É bem possível que estejam precisando mostrar trabalho pra central em Moscou.

– Interessante. Quem é o mandachuva da *rezidentura* hoje em dia?

Angevine já estava pensando longe. O nome do *rezident* talvez fosse útil.

– Não é *o* mandachuva, mas *a* mandachuva – corrigiu Benford.

“Mais interessante ainda”, pensou Angevine.

– Quem é ela?

– Yulia Zarubina – revelou Benford. – O nome lhe diz alguma coisa?

– Não, por quê? Deveria? – disse Angevine, constrangido.

– A avó de Yulia era Elizaveta Zarubina, alocada em Washington em 1940. Enquanto o FBI de Edgar Hoover perseguia o marido dela cidade afora, ela recrutava americanos pra Moscou, os tais “espiões atômicos” da época: Oppenheimer, Gold, Hall, Greenglass... A mulher era uma linda vida, foi pessoalmente condecorada por Stalin.

– Nunca ouvi falar.

– História antiga. Acho que Yulia manteve o sobrenome só pra dar continuidade à linhagem.

– Então por isso você está aqui. Pra saber o que ela anda aprontando.

– Claro. Yulia é uma raridade no SVR. A mulher de patente mais alta no serviço russo. Deve estar com uns 55 anos. Não há muitas como ela. Antes de entrar pro SVR, passou pelo Instituto de Línguas Estrangeiras e pela Academia Diplomática do Ministério das Relações Exteriores. Puxou a avó. É uma pessoa sofisticada, culta. Fala dez línguas. Como *rezident* já passou por Paris, Tóquio e Estocolmo. Putin colocou-a em Washington como uma espécie de provocação. Mas nossa querida Zarubina também tem um outro lado, e foi por isso que me interessei por essa encenação do OSI.

– Outro lado? – disse Angevine, fingindo interesse, correndo o olhar pela sala.

– Yulia Zarubina é uma recrutadora nata. Tem um talento especial pra isso, como a avó. Soube por uma fonte que nos bastidores ela é chamada de *chveja*, que significa “costureira”. É como se ela “costurasse” os seus alvos de recrutamento.

“Mais uma informação útil”, pensou Angevine. Benford estava fazendo por ele boa parte do seu dever de casa.

– Se ela sair com o nosso major lá em Maryland, quero estar informado – arrematou Benford.

– Isso tudo é meio melodramático, Simon, não acha? – disse Angevine.

Benford inclinou a cabeça.

– Depende de como você define drama, Sebastian.

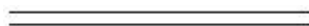
Angevine permaneceu apenas trinta minutos na reunião do OSI sobre a operação Searchlight, depois saiu discretamente da sala, sob um acintoso olhar de censura por parte de Benford. Já tinha ouvido mais do que suficiente. Todo mês os operadores do OSI, junto com um conselho de avaliação de produção e um vice-diretor da DCOS/A2 da Força Aérea (Inteligência, Vigilância e Reconhecimento), compilavam um pacote de informações digitalmente fotografadas para repassar aos russos.

Aos olhos de Angevine a operação era uma grande bobagem, óbvia demais. Mas a ideia de fotografar documentos com uma câmera digital era interessante, algo que talvez ele pudesse manipular: talvez fosse possível acrescentar pepitas verdadeiras ao falso tesouro fornecido pelo OSI. Ele já podia imaginar o espanto dos russos quando encontrassem no fundo do baú de orstad imagens adicionais de uma fonte desconhecida, imagens explosivas, segredos bombásticos. Nenhum encontro pessoal, nenhum risco de exposição. Ele ficaria fora do alcance de qualquer radar, uma vez que estaria usando um canal concebido e aprovado pela própria Força Aérea americana. Teria de criar um codinome para si mesmo, o que seria engraçado. O plano era perfeito. Esta fonte desconhecida dificilmente seria associada a Langley: no caso de alguma suspeita, Benford, o caçador de informantes, teria de peneirar milhares de funcionários da Força Aérea com acesso a informações confidenciais antes de pensar em procurar em outro lugar.

Mas ainda havia duas pontas soltas. Primeiro: ele precisaria de acesso ao cartão de memória do OSI. Segundo: precisaria receber seu dinheiro.

Seb Angevine botou a cabeça para funcionar. Insistiria que, antes que fossem entregues aos russos, os pacotes mensais do OSI passassem pela inspeção da vice-diretoria de Relações Militares como um último recurso de segurança; ele próprio faria essa inspeção. Quanto ao dinheiro, contas bancárias estavam fora de cogitação, tanto as domésticas quanto as internacionais. Seriam encontradas num piscar de

olhos por qualquer investigação de contrainteligência. Não, o dinheiro teria de ser repassado à moda antiga: fisicamente, num esquema de “caixa postal”. O risco era grande. O FBI vigiava de perto todos os russos da *rezidentura* de Washington justamente para coibir esse tipo de operação: a entrega e a coleta clandestina de algum material indevido, qualquer que fosse. Os agentes do SVR eram visados demais, a não ser, talvez, pela competentíssima e sofisticada Yulia Zarubina, a garota-propaganda de Putin para os novos tempos das relações bilaterais. Ótimo. O plano tinha tudo para dar certo.



O mensageiro do Pentágono chegou com seu malote trancado a chave, recebeu uma cópia do protocolo assinado pela secretária de Angevine e foi embora. Voltaria na manhã seguinte para recolher o cartão de memória da operação Searchlight, já devidamente inspecionado pela CIA, mais especificamente pelo vice-diretor de Relações Militares. Só então o material seria entregue ao major Orstad, que à noite se encontraria com os russos em Maryland.

Angevine plugou o cartão no laptop de sua mesinha lateral e rapidamente examinou o “ouro de tolo” que a Força Aérea havia preparado para Orstad. *Ordure*. Lixo. Na noite anterior, depois de trancar a porta da sala, ele havia usado uma Nikon digital para fotografar as três páginas do cabograma confidencial que abrira na tela do seu computador na Agência: nenhum papel envolvido, nenhum rastro, apenas uma série de fotos anônimas, impossíveis de rastrear. Tratava-se de uma mensagem relatando o recrutamento recente do jovem adido militar da embaixada russa na Venezuela. O cabograma da estação de Caracas era bastante detalhado, incluindo nomes e uma lista completa das informações fornecidas pelo adido. A beleza da coisa era que ele, Angevine, não tinha nenhuma conexão com a Divisão da América Latina, muito menos com a operação em si. Simplesmente tinha acesso ao trânsito internacional de cabogramas.

Ele sabia que para os russos não havia prova maior de legitimidade do que entregar um caso de espionagem envolvendo um dos seus. Eles

adoravam pegar seus traidores. Em 1994, Ames recebera nada menos do que 5 milhões de dólares para entregar o nome dos doze soviéticos incluídos na folha de pagamento da CIA, uma fortuna diante da habitual sovínice de Moscou. Junto com suas informações, Angevine enviaria uma carta de apresentação de apenas uma página, redigida e fotografada com sua Nikon.

Ele transferiu as quatro imagens para o cartão de memória do OSI e conferiu o resultado. Os manuais da Força Aérea, seguidos das três páginas do cabograma venezuelano, depois sua cartinha de amor. Suas imagens tinham um aspecto diferente (arquivos .dox com outros metadados), o que era ótimo para fomentar a aura de mistério. Sua carta era curta e relativamente grossa, sem rodeios. Os russos borrariam as calças quando a encontrassem:

Meu codinome é Triton. Em troca de uma remuneração, posso fornecer informações de grande relevância para o seu serviço. Como amostra, seguem três páginas com detalhes de uma operação da CIA na América Latina contra os interesses russos.

Não vou me identificar, não vou informar minha posição, não vou descrever meu acesso. O pagamento deverá ser feito prontamente em dólares americanos numa demonstração de boa vontade para o fornecimento de novas informações por meio deste mesmo canal. Daqui a três dias um malote à prova d'água com a quantia de US\$ 100.000,00 deverá ser deixado no seguinte local [Angevine marcou num mapa o local de entrega do dinheiro, um endereço em Rock Creek Woods, na zona oeste de Washington]. Até lá vocês terão tempo de sobra para verificar a autenticidade das minhas informações.

Saberei imediatamente se vocês tentarem me identificar ou se minha oferta chegar aos ouvidos da sua central. Nesse caso, nenhum outro contato será feito. Triton

Eram 21h45 e o major Orstad já começava a duvidar do sucesso daquele seu primeiro encontro com os russos. Talvez tivesse

compreendido mal as instruções recebidas para chegar às nove na trilha de Capital Crescent em Bethesda, Maryland, entre a Avenida Massachusetts e o Bulevar MacArthur, um trecho de aproximadamente dois quilômetros de uma antiga ferrovia desativada e transformada numa trilha asfaltada para pedestres e ciclistas. Àquela hora não havia ninguém circulando, e, na ausência de postes de luz, os bosques vizinhos eram um breu total. Ele já havia completado dois circuitos completos da trilha, mais ou menos tateando na escuridão, e agora se achava a alguns metros da entrada bocejante do túnel Dalecarlia, que passava por baixo de um reservatório próximo.

Um homem emergiu do túnel, o rosto e as mãos quase indiscerníveis sob a pouca luz da lua minguante. Orstad lentamente foi ao encontro dele.

– *Tor-stud?* – disse o sujeito, num sotaque que o major deu por russo.

– Sim.

– Aproxime-se.

Orstad deu um passo à frente e disse:

– Eu não sabia se estava no lugar certo. Tem quase uma hora que...

– Vire pra parede – interrompeu o homem, agarrando-o pelos braços, fazendo-o girar o tronco e espalmar as mãos contra a parede do túnel.

O lugar era frio. Goteiras ecoavam num *ploc-ploc* constante pelo arco de tijolos aparentes. Com mãos hábeis, o russo revistou Orstad da cabeça aos pés, depois passou um detector de metais sobre o couro dos sapatos e o tecido do paletó. Era um sujeito parrudo, mal-encarado, que respirava pela boca. Estava com um bafo de vodca, mas aparentemente sóbrio. Terminada a revista, ele falou alguma coisa de forma confusa, esperou que Orstad se virasse para encará-lo, depois sacou uma lanterna do bolso e com ela piscou duas vezes na escuridão do túnel. Não recebeu nenhuma resposta, mas Orstad se deu conta de que eles não estavam sozinhos ali, de que ele vinha sendo vigiado por outros lobos russos desde sua chegada à trilha, e sentiu um calafrio ao pensar naquilo, uma matilha de russos armados vagando invisivelmente pelos bosques da endinheirada Bethesda.

– Por que você nos procurou? – rosnou o homem.

Orstad estava ali para agradecer, já instruído pelo OSI a ser comunicativo e cordato.

– Como expliquei no bilhete que deixei, estou precisando de dinheiro

– explicou ele.

– Por que não pediu emprestado no banco? Por que procurou a gente? – retrucou o outro.

– Tenho informações do seu interesse – afirmou orstad, sem ter mais o que acrescentar.

– Então mostra.

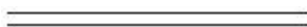
orstad tirou seu cartão de memória do bolso, colocou-o na palma da mão e ofereceu ao russo como se estivesse oferecendo um cubo de açúcar a um cavalo.

O homem examinou o objeto pela frente e pelo verso, como se não soubesse o que era aquilo, depois guardou-o no bolso da camisa, exalando uma lufada de vodka e suor ao fazê-lo. Em seguida tirou de outro bolso um cartão com um mapa e instruções detalhadas.

– Para o próximo encontro – disse, virando-se e sumindo túnel adentro.

orstad sabia que não haveria próximo encontro algum se os camaradas da central, baseando-se nas informações fornecidas pelo voluntário americano, chegassem à conclusão de que ele estava querendo brincar de agente duplo. Além disso, o cartão com o mapa e as informações, que era de carboximetilcelulose de sódio, aos poucos absorveria a umidade ambiente e no prazo de um mês se desmancharia numa polpa ilegível.

“Um troglodita”, pensou orstad, “um capanga desqualificado do SVR.” Guardou o cartão no bolso e foi voltando pela trilha rumo às luzes da Avenida Massachusetts, olhando firmemente para a frente, receando a qualquer instante avistar um par de olhos escravos à sua espreita na escuridão das árvores.



– Mas e depois, o que foi que aconteceu? – perguntou Benford.

O ruído major orstad deu um gole na sua garrafa de água mineral. Além dele também estavam na sala de reunião mais três oficiais do OSI, que, para grande irritação de Benford, iam anotando cada palavra, cada vírgula do que era dito. Mas nenhum deles parecia especialmente

preocupado com a rabugice do diretor. Pelo contrário. A operação era *deles*, uma operação brilhante com um agente duplo plantando informações inócuas para se infiltrar aos poucos no serviço russo. O primeiro encontro direto com os russos em três anos. Sucesso garantido nos relatórios de atividade que passavam diariamente pelas mãos da cúpula da Força Aérea. A CIA que se irritasse quanto quisesse.

– Bem, uma coisa eu posso lhe dizer. O russo era um grosseirão – disse orstad.

Benford reacomodou-se na cadeira e apenas no último minuto lembrou que não estava diante de um subordinado, portanto, pelo menos em tese, não poderia berrar com o idiota.

– Ele chegou com uns cinquenta minutos de atraso, tempo suficiente pra que eu percorresse aquela trilha duas vezes de ponta a ponta. *Doas vezes* – repetiu o major, erguendo dois dedos caso Benford não tivesse entendido direito.

Os oficiais do OSI incluíram a informação nas suas anotações.

– Provavelmente havia olheiros na mata com óculos de visão noturna, esperando pela sua chegada, vigiando os seus passos – sugeriu Benford.

– O senhor tem toda a razão. Teve um momento em que o russo piscou uma lanterna dentro do túnel. Com certeza era algum tipo de sinal.

Benford precisou engolir um grunhido de impaciência.

– Que bom que o major concorda comigo.

orstad, esforçando-se para lembrar mais detalhes, decerto não havia percebido o tom de ironia. Era bem possível, pensou Benford, que o imbecil sequer fizesse ideia do risco que havia corrido: bastaria outro sinal daquela mesma lanterna para que ele terminasse a noite e a vida espichado no chão molhado daquele túnel em Maryland.

– Ele recebeu o cartão de memória e me deu isto aqui – disse orstad. – São as instruções para o nosso próximo encontro.

Benford pegou o cartão que orstad lhe entregou e imediatamente percebeu nos dedos a textura sedosa do papel. Passando-o para os oficiais do OSI, disse:

– Papel solúvel. Sugiro que copiem *ipsis litteris* o conteúdo, depois guardem num envelope glicerinado.

Os homens do OSI olharam um para o outro: não sabiam direito o

que era *ipsis litteris*, muito menos um “envelope glicerinado”. Benford virou-se para orstad e disse:

– Bem, no fim das contas tudo correu da melhor forma possível. O russo desagradável não...

– Esqueci de dizer que, como se não bastasse a falta de modos, o sujeito fedia horrores, um bafo de álcool. Uma *coisa*.

– Imagino que ele também tenha lá os seus problemas pessoais – retrucou Benford.

orstad ficou um tanto constrangido, sentindo-se injusto. Não havia lhe ocorrido que o russo pudesse ter problemas. Benford avaliou com interesse clínico a mudança de expressão no rosto dele. Onde o OSI teria encontrado aquela peça tão rara, aquela criança com patente de major?

– Muito provavelmente era um funcionário qualquer da embaixada, alguém da área de segurança, talvez até da *rezidentura* – aventou Benford. – A central não arriscaria mandar um dos seus operadores locais para este encontro em Maryland. – Para os oficiais do OSI, disse: – Sugiro que vocês não depositem muita fé neste contato com os russos. A probabilidade de um segundo encontro é ínfima, uma vez que as informações entregues são obsoletas, de pouco ou nenhum valor. Os russos estarão esperando dados de suma relevância. Se não receberem, vão deduzir que o major é um voluntário com segundas intenções e vão dar a operação por encerrada.

Os três oficiais se entreolharam, contrariados. Benford virou-se novamente para orstad.

– Não fique surpreso se você chegar lá, neste segundo encontro, e não encontrar ninguém – disse, e foi embora.

Um dos oficiais do OSI esperou que ele batesse a porta e ergueu um dedo médio para o diretor ausente. orstad o repreendeu na mesma hora.

– Calma, sargento. Não é assim que fazemos as coisas na Força Aérea.

ROLINHOS PRIMAVERA FILIPINOS

Picar repolho, cenoura, cebola, cebolinha e alho, depois refogar em óleo com molho shoyu. Dourar carne de porco moída e juntar aos vegetais.

Embrulhar o recheio em rolinhos de massa *wonton* ou *lumpia*. Fritar em óleo vegetal até dourar.

CAPÍTULO 15

TRANCADO NO ESCRITÓRIO DE CASA, Seb Angevine transferiu para o pen drive da operação Searchlight as nove imagens que havia fotografado diretamente do seu computador na CIA e que seriam entregues no segundo encontro com os russos, junto com as outras 23 originalmente preparadas pelo OSI. Essas últimas continham dados de desempenho do Raptor F-22, protótipo de um caça furtivo já abandonado por conta de sobrecustos e problemas com subcontratados. Na opinião dos analistas de contrainteligência da Força Aérea, essas informações eram suficientemente apetitosas para manter o interesse dos russos.

Na manhã de domingo ele havia recolhido sem nenhum problema seu primeiro pagamento no esconderijo combinado. Já estava preparado para dar aos russos um dia de margem caso eles precisassem de mais tempo, mas preocupara-se à toa. O parque que margeava a Avenida Oregon era suficientemente denso e na vizinhança havia inúmeras ruelas tranquilas para deixar o carro. O dia estava bonito, sem nenhum vento. Nenhum carro passando, ninguém no parque. Mesmo sabendo que os russos não arriscariam afugentar seu mais novo informante com um esquema de vigilância na área do esconderijo, ele prosseguira de olhos bem abertos, atento não só à chegada de alguém mais suspeito, mas também aos lugares mais prováveis para a instalação de uma câmera. Eles não arriscariam nada disso, mas cautela nunca era demais.

A trilha escolhida levava a um gigantesco carvalho tombado por um furacão recente, e foi no emaranhado de raízes da árvore, um esconderijo perfeito, que ele encontrou o pacote deixado pelos russos, um embrulho mais ou menos do tamanho de um pacote de pão de forma, meticulosamente lacrado com fita adesiva parda. O peso era um bom sinal: 100 mil pratas. Um Porsche Carrera. Um Rolex GMT-Master II.

Pois agora ele queria mais cem. Os russos da *rezidentura* na Avenida Wisconsin decerto vinham se coçando para saber quem era o tal Triton, onde ele trabalhava, que motivações poderia ter. Alguém havia juntado ao dinheiro um bilhete impresso com um número de telefone caso o “querido amigo” quisesse ou precisasse entrar em contato. Tolinhos. *Allez vous faire foutre, bande de connards*. À merda com todos vocês, bando de filhos da puta.

Naturalmente eles haviam sido sucintos e cautelosos nessa primeira mensagem de boas-vindas. Ainda não sabiam direito o que esperar desse Triton, mas a informação sobre o recrutamento em Caracas era prova cabal de que tinham nas mãos um ativo importante, de grande potencial. Triton, o monarca dos mares da mitologia grega. Anônimo. Monumental. Muito provavelmente eles procederiam com calma e boa vontade, confiantes de que acabariam descobrindo a identidade do seu informante. “Nunca”, pensou Angevine. Triton emergiria das profundezas, evocaria a tempestade com seu tridente em punho e sumiria sob a espuma das ondas, incólume e tão intocável quanto antes. Gloria Bevacqua que se virasse depois para entender o que estava acontecendo no seu Serviço Clandestino. Aquela escrota.

Os russos já haviam sido presenteados com uma informação quente, o traidor de Caracas, mas agora receberiam algo ainda melhor, ainda mais explosivo: nove imagens de dois longos cabogramas enviados a Langley pela estação de Atenas com informações detalhadas sobre as mais recentes pesquisas militares da Federação Russa, colhidas em duas sessões de interrogatório realizadas em russo por um operador da CIA com um delator identificado apenas como Lyric.



Dez da noite. O major Glenn Forstad ainda esperava no pequeno jardim público da Rua Grace, quase na esquina com a Avenida Wisconsin, à beira do Canal Chesapeake & Ohio. Estava à paisana, uma jaqueta sobre uma camisa de colarinho aberto. Para esconder os cabelos ruivos, escolhera um chapéu de camurça de aba larga, não exatamente um chapéu de caubói, que teria sido chamativo demais, mas algo mais na

linha Indiana Jones. Já havia conferido as horas no relógio cinco vezes nos últimos trinta minutos.

Desconsiderando-se o contato com o troglodita no túnel, esse seria seu primeiro encontro cara a cara com um agente do serviço de inteligência russo, algo jamais contemplado em toda a sua carreira na Força Aérea. Ele vinha trabalhando no Comando de Transporte, uma peça vital na engrenagem da corporação, e já havia galgado uma série de degraus importantes nos setores de coordenação, programação e finanças quando foi convocado pelo OSI, escolhido sobretudo em razão do acesso que tinha a uma enorme gama de informações confidenciais. Passara com louvor em todas as investigações de segurança, pois não tinha nada a esconder. Caramba, ele sequer bebia. Num primeiro momento sentira-se lisonjeado com a escolha para desempenhar o papel de agente duplo naquela importante missão. As sessões expositivas e de treinamento haviam sido divertidas, diferentes. Mas agora, esperando na rua por um agente do SVR, ele começava a ter suas dúvidas.

Já havia sido instruído quanto ao que dizer e o que responder às perguntas que os russos certamente fariam para testá-lo. Segundo haviam informado os oficiais do OSI, eles o dariam por agente duplo até que vissem provas do contrário tanto na relevância das informações repassadas quanto na autenticidade do seu comportamento.

– O que constitui um comportamento autêntico neste caso? – perguntara ele nessa mesma reunião com os orientadores.

Os oficiais do OSI se entreolharam sem saber o que dizer. Ninguém havia feito essa pergunta até então. E quem respondeu por eles foi o homem que entrara na sala pouco antes sem ser percebido, com seu terno amassado, seus cabelos emaranhados e sua entonação de professor de latim com problemas de gota.

– Isso não existe, portanto não perca seu tempo com especulações inúteis – disse Benford. – Procure agir com absoluta naturalidade. Você é um major da Força Aérea que está traindo seu país. Então está com medo. Sente-se culpado. Desconfia de tudo e de todos.

Ele não havia sido convidado, mas julgara importante estar presente naquela sessão de treinamento antes do primeiro contato do major com o SVR.

orstad engoliu em seco. Pensara que não precisaria ver de novo aquele sujeito tão desagradável. Os oficiais do OSI se acomodaram na

cadeira, visivelmente desconcertados.

– Isso mesmo – prosseguiu Benford, perambulando pela sala enquanto orstad o seguia com o olhar –, você é um traidor, está repassando informações em troca de dinheiro, e quando seu acesso secar, ou quando o FBI te pegar, Moscou simplesmente dará de ombros e ficará esperando até que outro major orstad bata à porta deles. Portanto, não se preocupe se ficar nervoso. É exatamente isso que eles estarão esperando.

E era exatamente nisso que orstad pensava agora, enquanto aguardava no escuro pela chegada do seu contato, talvez outro troglodita de jaqueta de couro para jogá-lo contra uma parede qualquer e revistá-lo de cima a baixo, procurando por uma escuta. Ele não sabia ao certo o que esperar. Pela enésima vez, conferiu se o pen drive estava mesmo no bolso. F-22 Raptor: sua segunda entrega para os inimigos.

Ele se virou para o canal assim que ouviu uma barca se aproximar com o que parecia ser uma festa dos passageiros. Por um instante preferiu ser um deles. Brindes, música, luzinhas refletidas na superfície da água. De repente, uma voz falou baixinho às suas costas:

– Você é o Glenn?

Virando para trás ele se deparou com uma mulher de uns cinquenta e poucos anos, um tanto corpulenta, as mãos enterradas nos bolsos de um sobretudo. As luzes dos prédios vizinhos iluminavam um rosto redondo, olhos escuros e inteligentes, lábios ligeiramente curvados num sorriso simpático. Os cabelos claros estavam presos num coque. Poderia ser uma bibliotecária, uma gerente de recursos humanos, uma funcionária de hospital. Sequer parecia russa. orstad não soube o que responder.

– Glenn orstad, major da Força Aérea americana? – insistiu ela, dando um passo à frente. Tinha um jeito melodioso de falar, uma ponta de sotaque que tanto poderia ser holandês quanto escandinavo. – Nascido em 1979 em Farmington, Minnesota? Pelo nome, imagino que seja de origem sueca.

orstad engoliu em seco e assentiu.

– Terceira geração – balbuciou, e se sentiu um idiota.

– *Talar ni svenska*? Fala sueco? – disse a mulher.

– Um pouquinho.

– É mesmo? Perfeito. Tenho ótimas lembranças das minhas viagens pela Suécia. *Gillar du kroppkakor*? Gosta de bolinhos de batata? Tão

levinhos, tão deliciosos...

orstad não sabia que ideia fazer daquela matrona sorridente que insistia em falar da culinária sueca no meio da rua.

– Mas acho melhor ficarmos no inglês, certo? – disse ela.

Ele assentiu.

– Vamos dar um passeio por aí? – sugeriu ela.

Sem esperar por uma resposta, a mulher se adiantou e se pendurou no braço dele como uma tia puxando o sobrinho para uma caminhada após o almoço de domingo.

– Meu nome é Yulia – apresentou-se, já saindo com ele para os paralelepípedos da Rua Grace.

Pouco se via ou ouvia nos prédios vizinhos, quase todos com fachada de tijolos aparentes. Mais adiante eles dobraram na Cecil Place, outra ruela estreita e escura, que descia para o aterro às margens do Potomac. Não havia ninguém por perto, e os passos de ambos ecoavam no silêncio da noite. No entanto, se tivesse alguma prática nas técnicas de espionagem, orstad teria notado o vulto pelo qual eles haviam passado no início da rua, assim como o outro que os observava na ponta oposta, parado ao lado de um poste de luz. Mais abaixo, já na rua que corria sob o elevado da Whitehurst Freeway, um terceiro esperava por eles no interior de uma van estacionada, volta e meia conferindo a retaguarda pelo espelho externo. Yulia Zarubina, *rezident* do SVR em Washington, não estava sozinha: trouxera consigo uma pequena turma de amigos.

– Fico feliz que você tenha nos procurado – disse ela, ainda apoiada em orstad, mas olhando para os próprios pés. – Gostaria de ajudá-lo em tudo que for possível.

Mais uma vez o major ficou sem saber o que dizer. Os oficiais do OSI o haviam preparado para a prensa de um gorila de pavio curto, daqueles que batiam cabeça e cuspiam para todos os lados.

– Me fale um pouco mais de você, Glenn – disse Yulia, virando-se para ele.

orstad jamais poderia ter imaginado uma agente russa tão simpática e gentil. Não estava vendo o fio pegajoso com que a tarântula começava a enredá-lo.

Não mais que dois minutos de conversa foram suficientes para que Yulia determinasse que Glenn orstad realmente era quem dizia ser e

não o autor daquele “material extra” incluído na primeira entrega. Ela sorriu novamente e seguiu fiando sua teia. Sem perder o humor, puxou a orelha do major pelas informações obsoletas que ele havia fornecido:

– O programa Raptor? Ora, Glenn, por favor... Aposto que você, na sua posição, pode encontrar alguma coisa bem mais atual. Estou botando muita fé nesta nossa amizade.

Orstad ficou surpreso. Não era isso que ele havia sido advertido a esperar.

– O que você tem em mente? – perguntou ele, lembrando-se no último minuto do que haviam dito os oficiais do OSI.

Ele precisava obter informações dos russos, saber quais eram os interesses deles. Isto é, ele precisava “soltar a língua” de Yulia Zarubina.

Eles agora caminhavam lentamente pelo aterro, olhando vagamente para as luzes do outro lado do rio, para os bosques negros da Roosevelt Island.

– Essas coisas são muito técnicas – comentou Yulia, apertando o braço dele.

Orstad virou-se e ela sorriu, uma avó prestes a passar ao neto sua receita predileta de biscoitos.

– Mas seria ótimo se você pudesse nos trazer alguma coisa sobre os problemas de aerostabilidade do F-35. Os diagnósticos mais recentes, os resultados dos testes de voo, as análises de projeto... Isso, sim, seria ótimo – arrematou ela, com um sorriso estampado no olhar.

– O F-35? – disse Orstad, surpreso com o conhecimento da mulher.

– Isso. Este que vocês chamam de Lightning II. Espero que você consiga encontrar alguma coisa. Era algo nessa linha que eu estava esperando quando você me contatou.

Yulia raramente falava em central, Moscou e Rússia. Preferia manter a conversa num nível mais pessoal até que a relação entre eles fosse devidamente institucionalizada pela central, momento em que já seria tarde demais para voltar atrás e dar a operação por encerrada.

Os americanos, por sorte, eram bastante previsíveis. Se tudo corresse como ela esperava, o ianque ingênuo voltaria correndo para os seus operadores (ela podia jurar que se tratava de uma iniciativa do OSI) dizendo que os russos estavam interessados, *muito* interessados, e que a operação de AD (Agente Duplo) estava indo de vento em popa. Daria como prova o envolvimento pessoal dela, Yulia Zarubina, e certamente

seria endossado pelos oficiais de contrainteligência da Força Aérea. Quanto a ela, bastaria continuar se encontrando com o major abobalhado, fingindo interesse e paciência, pedindo informações que dificilmente a Força Aérea concordaria em fornecer. Fosse lá quem fosse o tal Triton, ela precisava manter aberto e operante o seu canal com orstad.

Talvez houvesse oportunidade para plantar alguma desinformação nas conversas com o americano. Certa vez ela pedira a um adido militar francês (outro agente duplo) que ele entregasse cópias dos manuais operacionais do Mirage 2000N, volumes 1-12 e 15-22. Quando perguntada por que não os volumes 13-14 (justamente aqueles que incluíam dados técnicos sobre o míssil nuclear carregado pelo Mirage), ela desconversara, sutilmente dando a entender que já os possuía. Com isso havia desencadeado uma devassa interna nos quadros do Ministério da Defesa, bem como uma crise institucional no Palácio do Eliseu, dois anos de discussões sobre a viabilidade do programa de coibição nuclear do governo francês. Uma tacada de mestre.

Isso era apenas uma das coisas em que a mente privilegiada de Yulia estava pensando naquele momento. Ao mesmo tempo, ela prestava atenção ao que ouvia no fone que levava escondido num dos ouvidos, pelo qual se mantinha constantemente informada da movimentação da sua equipe de contravigilância. Pensava ainda no pen drive entregue pelo major, cogitando se o misterioso Triton havia incluído mais um dos seus preciosos apêndices.

Terminada a conversa, ela ficou esperando enquanto orstad e seu ridículo chapéu subiam juntos pela Rua 31 rumo às luzes da Rua M. Rezava para que Triton fosse um informante inteligente. Inquietava-se com o fato de ele ter escolhido seu próprio codinome, indício de um ego inflado, de uma megalomania épica. Em russo a palavra “triton” também significava “salamandra”. Um réptil escorregadio não era exatamente a melhor imagem para quem tinha fantasias de heroísmo, mas... como saber? Nada impedia que essa realmente fosse a melhor descrição da realidade.

– Ela foi muito gentil comigo, muito simpática – disse orstad.

Na sala de reunião do Pentágono também estavam os oficiais do OSI e dois oficiais de contrainteligência da DCOS/A2 da Força Aérea. Benford estava sentado na outra ponta da mesa, olhando para o alto distraidamente.

– Ela perguntou da minha vida e eu falei que estava precisando de dinheiro, tal como a gente combinou. Disse que era viciado em jogo – continuou o major.

– E o que foi que ela disse? – perguntou Benford.

Os oficiais do OSI sequer ouviram, ocupados com suas anotações: segundo contato com os russos, primeiro contato com a chefe do SVR em Washington, interesse manifesto no F-35. A operação de AD, chamada Searchlight, estava pegando fogo. Eles incluíam mais uma notinha no próximo boletim informativo da diretoria. Não, melhor que isso: enviariam um memorando específico para o secretário da Força Aérea, talvez até para o ministro da Defesa. Eles olharam para Benford. O pateta da CIA havia dito que ninguém apareceria no segundo encontro. Grande especialista.

– Ela disse que todo mundo tem suas dificuldades na vida – respondeu orstad. – Foi supercompreensiva. Nenhuma prensa, nenhuma linha dura, nada disso.

A se acreditar no major, ele não fizera mais do que acompanhar uma russa gente-bona num agradável passeio noturno. Mas Benford, do alto das suas três décadas de experiência no jogo de espelhos da espionagem, sabia que algo não estava cheirando bem. No que se referia à coleta de inteligência, os russos eram (sempre haviam sido) gananciosos, vorazes, agressivos, desconfiados, avaros, impacientes, extorsivos, brutais. Mas burros, nunca. Benford conhecia muito bem aquela pulga atrás da orelha, aquele frio na barriga ao farejar alguma iniciativa russa ainda desconhecida. Bastaria dar tempo ao tempo para que aquela cabeça de cordeiro viesse à tona no caldeirão do guisado, um sorriso congelado no focinho, os olhos vidrados. Mas aí já seria tarde demais.

Dourar bacon e cebola no óleo. Ao purê de batatas já frio, acrescentar ovo, pimenta do reino e noz-moscada e fazer uma massa. Formar bolotas com a massa, abrir uma cavidade em cada uma e rechear com a mistura de bacon e cebola. Fechar a cavidade e cozinhar em caldo de carne fervente. Servir com creme azedo.

CAPÍTULO 16

VERNON THROCKMORTON, O PROBLEMÁTICO CHEFE

exigindo

DEPARTAMENTO DE RECLAMAÇÕES. PUXE O PINO
PARA SER ATENDIDO MAIS DEPRESSA

primeiros

Securitate

Securitate

mousseline

perfeitamente bem

colhões

=====

MOLHO MOUSELLINE

Colocar uma frigideira em banho-maria no fogo baixo. Com um *fouet*, bater gemas e ir acrescentando pequenas quantidades de manteiga derretida até formar um molho espesso e brilhante. Sempre batendo, juntar sal e suco de limão. Com uma espátula, incorporar creme chantilly sem açúcar e servir

immediatamente.

CAPÍTULO 17

O INSTRUTOR DE VIGILÂNCIA CHAMAVA-SE JAY:

sonhando

aí sim

.

=====

GOLD NUGGET

desconhecimento

sequer existe

O vento nos salgueiros

ela

=====

netos

Hearsey...

o quê

=====

CALZONE DE ALHO-PORÓ E COGUMELOS

Picar cebola, alho e alho-poró, depois refogar com três tipos de cogumelo (shiitake, Paris, shimeji) até cozinhá-los. Acrescentar espinafre e esperar que amoleça. A mistura final deve ficar seca. Colocar o recheio sobre a massa aberta, juntar cubos de queijo feta e pitadas de semente de funcho. Enrolar o calzone, selar com bordas plissadas e assar até a massa dourar.

CAPÍTULO 18

ELES FORAM JANTAR EM CAPITOL HILL, num dos restaurantes da Avenida Pennsylvania, não muito longe do apartamento de Hannah.

– Ela é temperamental, mas é leal – disse Nate, pegando um pedaço de salmão. – Já passou por muita coisa na vida, viu o pior que o sistema russo tem a oferecer. Por causa disso chegou a pensar em sair. Mas depois, quando viu o que fizeram com Marble, que ela estimava como a um pai... Aí pirou, ficou com muita raiva e resolveu voltar a trabalhar com a gente. Um ano mais tarde apareceu com o caso do tal iraniano.

A essa altura Hannah já havia terminado de ler os oito volumes do dossiê Diva. Ela bebeu um gole de vinho, depois disse:

– Me conta mais sobre a emboscada em Viena.

Nate baixou o olhar.

– Não tem muito o que contar. A gente deu muita sorte. Foi uma experiência surreal... Uma caçada noturna nos pântanos de Viena.

– Não sei direito como eu reagiria numa situação dessas – falou Hannah. – Mas tem uma coisa que eu gostaria de perguntar. Uma coisa que li no dossiê. No relatório que você enviou depois daquela noite, você disse que Diva “perdeu o controle” lá naquele armazém.

– Pois é – disse Nate, balançando a cabeça ao relembrar o episódio. – A Domi ficou muito abalada com o assassinato da sérvia, o pardal que ela tinha convocado pra trabalhar na operação.

“Domi”, observou Hannah. Não era comum que operadores e agentes trocassem apelidos carinhosos. Ela se deu conta de que ele estava escondendo alguma coisa.

– Perdeu o controle, ficou abalada... O que aconteceu exatamente? – indagou ela.

– Não incluí isso no relatório, mas ela executou um dos vigilantes iranianos – disse Nate rapidamente. – Cortou a garganta do cara com

uma faca de cozinha.

Hannah baixou o garfo e ele se preparou para a careta de horror, o comentário de espanto. Mas a garota sequer piscou.

– No lugar dela, eu teria feito a mesma coisa – afirmou ela, sem nenhuma emoção.

Nate encarou-a por alguns segundos, reformulando seus conceitos sobre a camponesa de cabelos cacheados. Olhos verdes o encararam de volta, implacáveis.

– Era uma situação de vida ou morte – prosseguiu ele. – Uma equipe de vigilância enorme, aparecendo aqui e ali pra tocar a gente na direção da ponte, onde muito provavelmente um atirador de elite esperava por nós. Eu só queria uma coisa: tirar a Domi dali.

“Ele é protetor”, pensou Hannah. “Gosta da russa.”

– Entendo perfeitamente – disse ela.

– Bem, a segurança dela vem em primeiro lugar.

“Ele *realmente* gosta dela”, pensou Hannah.

Nate pagou a conta, conferiu as horas no relógio. Ainda era cedo. Eles saíram para a rua, entraram num bar vizinho e se acomodaram nas poltronas de couro dos fundos, conversando sobre Moscou, operações de vigilância, técnicas de periscópio, Diva. Dois drinques depois, começaram a falar da CIA, da carreira profissional, das missões fora do país, da vida. A conversa corria fácil, mas Hannah fazia um esforço consciente para desviá-la da vida amorosa de ambos. Via em Nate um cara atencioso e um pouco tímido. Ele via nela uma garota perspicaz, alegre. Eles gostavam um do outro, como colegas, como pessoas, e tinham a mesma vocação, o mesmo tipo de vida. Tinham passado muito tempo juntos nas últimas semanas, o que era estranho, mas ao mesmo tempo bom.

Eles saíram do bar, atravessaram a Avenida Pennsylvania e foram descendo a Rua 6 na direção do apartamento de Hannah, na realidade um porão sublocado numa fileira de prédios idênticos. Com o nariz dormente por causa das duas últimas doses de gim-tônica, Hannah ia pisando com cuidado na calçada irregular. As últimas cervejas também já começavam a embaralhar a cabeça de Nate, que, não se contendo, resolveu contar uma piada de Putin. Começou a falar em russo, mas foi interrompido imediatamente por Hannah, que, claro, não falava a língua. Então ele passou para o inglês:

– Certa noite, Stalin apareceu nos sonhos de Putin e ensinou a ele como governar a Rússia: “Sem dó nem piedade, destrua todos os democratas, depois destrua os pais de todos os democratas, mande os filhos pra forca, toque fogo nos parentes e amigos, mate os bichinhos de estimação e pinte de azul a sua sala no Kremlin”, disse Stalin. E Putin: “Por que de azul?”

– Não entendi.

– Ué, a única coisa que não faz sentido pro cara, a única coisa que ele não entende, é por que pintar a sala de azul?

Hannah deixou escapar um risinho, depois os dois gargalharam juntos, e ela precisou se apoiar nele para não cair. Por um instante ficaram ali parados, olhando um para o outro e, por costume profissional, vasculhando a rua à procura de vigilantes. Hannah ficou séria de repente e perguntou:

– Posso te contar uma coisa?

Nate piscou os olhos com força, procurou recobrar a sobriedade.

– Claro.

– Estou com um pouquinho de medo dessa história toda – revelou Hannah. – Não quis falar nada com o Benford, mas estou muito preocupada com esse primeiro passo da operação em Moscou. Sei lá... Será que vou fazer tudo direitinho? Não posso pisar na bola.

Um tanto movido pelo álcool, Nate teve uma pena súbita da garota, dando-se conta de que ela vinha remoendo sozinha suas dúvidas, suas preocupações. Deu um passo adiante, tomou o rosto dela entre as mãos e disse:

– É normal ficar com medo. Mas você nasceu pra isso, é uma das melhores que já vi na vida. Todo mundo pensa igual, do contrário você não estaria a caminho de Moscou. A primeira vez é assim mesmo, especialmente aqueles últimos momentos antes de você sair. É uma merda, mas, assim que você põe o pé na rua, entra naquela vibe e não tem pra mais ninguém.

Hannah deu um soluço, depois disse:

– Valeu, Shakespeare, mas será que eu estou enxergando direito? Você está mesmo segurando o meu rosto?

Nate corou, rapidamente recolheu as mãos e ela se arrependeu de tê-lo assustado.

As lâmpadas dos postes emitiam uma luz granulada que atravessava a

copa das árvores e salpicava a calçada. Arrebatada pela mistura de álcool, tensão e cansaço, Hannah se adiantou e, meio sem jeito, sem muito equilíbrio nas pernas, enlaçou o pescoço de Nate para beijá-lo. Por um instante pensou em voltar atrás, mas logo sentiu os braços dele em torno da cintura e o coração disparar no peito, então eles continuaram se beijando.

Nate ficou genuinamente surpreso. Aquela garota tão talentosa havia concluído com louvor um dos cursos operacionais mais difíceis de todo o currículo da CIA. Conseguira ludibriar com inteligência e elegância todos os marmanjos da equipe do FBI, que ainda por cima estavam jogando em casa. Tinha sido selecionada pelo exigente e irascível Benford para instalar e operar o sistema de comunicação clandestina com o ativo mais importante que a Agência possuía na Rússia.

Mais que isso, eles vinham se dando muito bem nos últimos dias, sem nenhum traço daquele ranço territorial que geralmente se instala entre dois operadores obrigados a dividir o mesmo agente. Ele realmente havia ficado feliz com o sucesso dela. E agora, a menos que a providência divina virasse um balde de água fria na cabeça de ambos, o mais provável era que eles terminassem a noite na cama. O beijo continuava, temperado de tônica e limão. Feito um cachorrinho que não ousa erguer os olhos para o dono depois de fazer xixi no tapete, ele tentava empurrar a lembrança de Dominika para o outro lado de uma espessa cortina mental. Hannah era uma mulher segura de si, inteligente, corajosa, doce, atraente, perspicaz, ousada, e de certa maneira eles eram parceiros naquela arriscadíssima empreitada. Fazer o quê? Rejeitá-la justamente na véspera daquela missão tão perigosa? Ele já estava preparado para fabricar todos os pretextos necessários, mas os braços dela o puxavam, a boca pedia mais beijos e, a menos que houvesse uma terceira pessoa na calçada, eram dela aquelas mãos que acariciavam sua nuca com tanta paixão.

Dali a pouco eles já estavam no minúsculo apartamento, e foi por um triz que Nate não deixou escapar que já havia estado ali antes. A mesma estante de livros, a mesma divisão racional do espaço, o mesmo capricho. Dois pares de tênis de corrida se alinhavam junto de uma das paredes.

Hannah subitamente percebeu que estava úmida entre as pernas. Eles se beijaram novamente, sem a urgência de antes, mas com profundidade, e ela sentiu um frio na barriga, começando a achar que havia perdido

completamente o juízo. Mas isso não a impediu de tirar seu próprio suéter, o de Nate também, depois levá-lo para o quarto e jogá-lo na cama, sobre a colcha azul e branca que sua mãe havia costurado com as próprias mãos. Achando por bem não pensar na mãe naquele momento, ela retomou os beijos ao mesmo tempo que foi tirando sapatos, o resto da roupa e os óculos, os olhos sempre fechados, a pele quente de Nate contra a sua. Lutando contra a vergonha, receando assustá-lo, conduziu-o para dentro de si e se deixou ser tomada por ele, entregando-se ao furor das estocadas como quem se entrega a um delicioso terremoto, olhos nos olhos, bocas ávidas, mãos abusadas, e não demorou para que sentisse no ventre aquele primeiro frisson, prenúncio dos outros que estavam por vir. Contorcendo-se, enlaçou com as pernas a cintura dele, os pés fincando os músculos das nádegas, e por um instante lamentou não tê-los hidratado como devia depois de tantos dias de corrida na rua. Paciência. Cada vez mais excitada, cravou as mãos nos ombros de Nate, jogou a cabeça para trás e gostou quando sentiu no pescoço os avanços da boca dele, a aspereza do rosto. Foi o que bastou para que os tremores se multiplicassem e ela atingisse aquele clímax tão bem-vindo depois de um período razoavelmente longo de seca. Nate ainda a penetrava, e a sensação era maravilhosa. Ela puxou a cabeça dele para mais um beijo, e assim eles ficaram por mais um tempo, beijando-se, agarrando-se, Hannah pedindo que ele não parasse.

Nate observou que ela e Dominika eram bem diferentes na cama. Menos primal, Hannah vibrava silenciosamente, enquanto Dominika vocalizava sem nenhum pudor os seus prazeres. Os olhos de uma eram dois topázios; os da outra, duas safiras abissais. Cachinhos dourados e tranças castanhas faziam contrastes diferentes sobre um travesseiro... Não demoraria muito para que ele entrasse em parafuso se continuasse com as comparações, e ainda estava nisso quando sentiu o orgasmo de Hannah, bem diferente daquilo que... “Para com isso, porra!”, ele gritou internamente enquanto ela pressionava a boca contra a sua, calando-o com a sede dos seus beijos, fincando as unhas nele. Pouco a pouco os beijos foram se acalmando, agora mais doces do que furiosos, até que eles adormeceram juntos, abraçados feito dois namorados.

Ainda estava escuro quando Hannah se levantou para buscar dois copos d’água, iluminada pela luz que vinha da rua. Observando da cama, Nate não pôde deixar de notar que ela era mais baixa que Dominika, que

tinha uma bunda menos carnuda, pernas mais magras, peitos menores com mamilos mais escuros, pelos mais claros e... Mais uma vez ele precisou berrar consigo mesmo antes de começar a imaginar as duas lado a lado. Voltando para a cama, Hannah percebeu que estava sendo observada. Deixou os copos na cômoda, deitou-se e os trabalhos logo recomeçaram. Ela vibrou novamente, dessa vez sussurrando o nome dele com a voz trêmula, e os dois desabaram exaustos, dormindo profundamente sobre os lençóis molhados.

Clareou. Sussurrando, com o queixo apoiado no peito dele, Hannah contou a Nate uma curiosidade a respeito dos maometanos, que só davam o dia por amanhecido quando conseguiam distinguir um fiapo de linha branca de outro preto. Os óculos estavam tortos sobre o nariz e os cabelos pareciam ter sido penteados com um *fouet*, fios soltos refletindo a luz do sol. Nate agora podia distinguir o verde das íris dela, seu método pessoal para dar o dia por amanhecido. Encarando-o, Hannah disse:

– Fique tranquilo, vou cuidar muito bem dela.

Nate não soube o que dizer.

– Você a ama, não ama? Diva? Quero dizer... Dominika?

Nate permaneceu mudo.

– Imagino que não seja fácil pra você. Ficar sem notícias, preocupado com o que pode estar acontecendo... – Hannah se calou por um instante, depois sorriu e disse: – Fico feliz que isso tenha acontecido entre a gente, de ter conhecido você. Não vou deixar que nada aconteça a ela.

De repente, Nate se viu tomado por uma onda de afeto pela garota, um bom antídoto para o nó que começava a surgir na garganta. Hannah se aproximou para beijá-lo, mas ele se afastou imediatamente e a segurou pelos ombros.

– Que foi? – disse ela, assustada.

– Qual é a nossa agenda hoje? – perguntou ele.

– Uma reunião às dez com o Benford, por quê?

– Vem cá – disse ele, levantando da cama e puxando Hannah para o espelho de uma chapeleira antiga que ficava junto à porta. Posicionou-a diante do espelho, ergueu o queixo dela e disse: – Acha que está quente demais pra usar uma blusa de gola alta?

– Puta merda... – disse Hannah, olhando para o chupão no próprio

pescoço, mais ou menos do tamanho da Romênia.

O caso secreto entre os dois eletrizava o ambiente feito uma tempestade que se arma sobre o trigal imóvel, os trovões calando insetos e vento. Ambos devoravam aflitos os poucos dias que ainda tinham juntos pela frente, ora revisando arquivos e fotos, ora improvisando aulas de russo para que Hannah conseguisse pelo menos ler as placas de rua ao chegar a Moscou. Por mais competentes que fossem como espões clandestinos, eram ridículos e pouco sutis como amantes clandestinos: procuravam sentar em mesas diferentes no restaurante do QG, evitavam olhar para os relógios de parede como se não vissem a hora de sair dali, despediam-se com gestos teatrais antes de seguir cada um para o seu carro em cantos opostos do estacionamento. Secretamente, contavam os minutos até que pudessem se reencontrar no fim do dia, no fim daquela eternidade de doze horas que os mantinha separados um do outro. Feito dois passarinhos em temporada de cio, acasalavam em todos os cômodos do apartamento em que estivessem, ou o dele ou o dela, depois ficavam jogando conversa fora até altas horas. Era como se fossem conhecidos de longa data, cada vez mais próximos à medida que iam confidenciando os seus segredos. Nate teve a ideia cafona de presenteá-la com uma pulseirinha azul-bebê de fitas trançadas, que ela precisou encolher na água quente para que não ficasse solta demais no pulso.

Embora Nate jamais tocasse no assunto, Hannah sabia intuitivamente o que Dominika significava para ele, e por isso decidiu que seria uma espécie de operadora para os dois. Sua missão era proteger Diva em Moscou, e faria isso com todas as fibras que tinha no corpo. Da mesma forma, seguiria amando Nate tanto quanto possível, da maneira que fosse possível, pelo tempo que fosse possível. Tinha plena consciência de que não podia sonhar com nenhum conto de fadas e que por enquanto só lhe restava uma coisa a fazer: enfrentar o gigantesco desafio de operar em Moscou e a dor de uma paixão sem futuro.

Quanto a Nate, seus sentimentos por Hannah Archer o afetavam de um modo tão inesperado quanto difícil de explicar. Dominika era sua

vida, a despeito da sua condição de ativo da CIA. A coragem da russa, sua determinação, seu jeito inflamado de ver a vida, tudo isso o deixava fascinado. No entanto, tal como Forsyth havia explicado com tanta elegância, e Gable também, mas com pouca ou nenhuma elegância, a relação entre eles era um trem numa linha repleta de túneis, saindo da escuridão de um para ficar não mais que alguns minutos à luz do dia antes de voltar à escuridão do seguinte. Pior que isso, Gable havia enfatizado que a relação colocava em risco não só a estabilidade emocional de Dominika, mas também sua vida. Dominika minimizava esse risco, mas Nate tinha suas dúvidas. Seu amor por ela poderia ser fatal.

Nate não sabia o que pensar, nem mesmo ao fazer conjecturas sobre como seria uma vida ao lado de Hannah, uma colega de profissão e carreira. Trabalhariam juntos? Cuidariam um do outro? Era isso que faziam os outros casais da CIA? Mas não. Ele espantou a ideia como um cachorro que se sacode todo depois do banho. A vida sem Dominika era inconcebível. Uma rota de detecção de vigilância com Hannah seria o mesmo que uma sonata tocada por dois Beethovens ao piano. De repente lhe veio à cabeça o perfil helênico de Dominika naquela noite no Prater, e segundos depois essa imagem deu lugar a outra, à de Hannah rindo e correndo os dedos pelos cabelos louros. Caramba.

A tempestade desabou no dia em que Hannah se apresentou ao médico para o check-up de praxe antes de uma missão, roendo as unhas ao cogitar se médicos podiam saber quando uma mulher tinha trepado na véspera em cima da bancada da cozinha. Benford havia convocado Nate para almoçar no refeitório exclusivo do sétimo andar, um salão comprido e estreito com vista panorâmica para o rio Potomac, geralmente frequentado por advogados da casa, analistas políticos e burocratas ambiciosos com molho de salada na gravata. Evadindo-se dos que tentavam puxá-lo para alguma conversa, o famoso, temido e reverenciado Benford foi andando por entre as mesas até se acomodar com Nate na última delas. Nate podia sentir nas costas o olhar dos curiosos, exatamente como Dominika dissera ter sentido no dia do seu almoço privativo na central. Dominika. Quase meia-noite em Moscou. “Durma bem, meu amor.”

Benford dispensou os cardápios e, sem se dar o trabalho de consultar Nate, pediu ao garçom que trouxesse duas tigelinhas de *bisque* de

caranguejo.

– É muito saboroso.

– Imagino que sim – disse Nate.

Benford arrancou um naco do pão, jogou-o na boca e disse:

– Certas coisas precisam ser preparadas com perfeição, senão é melhor nem fazer. Seja uma *bisque*, um ensopado ou uma operação em Moscou. Talvez até um chili com carne.

– Concordo plenamente – comentou Nate, procurando ser tão irônico e cosmopolita quanto o veterano diretor. – Inclusive o chili com carne.

– Então por que está comendo Hannah Archer dias antes de ela partir pra Moscou e assumir sua posição com Diva, que aliás você também está comendo? – Benford rasgou mais um pedaço de pão. – Acha que é assim que se prepara uma *bisque*?

O garçom voltou com as duas tigelas e as depositou sobre a mesa, o creme espesso fumegando e exalando seu perfume. Com a mão trêmula, Nate levou uma colherada à boca, mas não sentiu o gosto de nada. Baixou a colher e disse:

– Não vou negar, mas... com a Dominika foi o recrutamento, e com a Hannah foi esse período todo que a gente passou junto e...

– E você queria uma jarra pra fazer par com a outra, é isso?

Nate baixou a cabeça, respirou fundo e desandou a falar enquanto Benford ia comendo seu creme, atento a cada palavra. Contou dos sentimentos contraditórios da sua relação com Dominika, das conversas que tinha tido com Forsyth e Gable, do pesadelo que havia sido a emboscada em Viena, das coisas que haviam acontecido em seguida. Quanto a Hannah, eles haviam ficado muito próximos durante o treinamento de OI, dias inteiros passados juntos, e uma coisa tinha levado a outra. A certa altura, Benford esvaziou sua tigela e puxou para si a de Nate, que mal havia tocado na comida e continuava valentemente com seu confessionário, agora falando dos seus pensamentos mais mesquinhos, das conjecturas que havia feito de um futuro ao lado de Dominika ou de Hannah.

Benford limpou a boca com o guardanapo e recostou-se na cadeira.

– Nash, você é basicamente um porra-louca, o que não impede minha empatia.

– Mas isso nunca aconteceu com você.

– Bem, talvez seja um bom momento para atacar a tarefa hercúlea de expandir o seu vocabulário. Se uma pessoa sente “empatia” pela outra é porque já esteve na situação dela.

– Você também já...?

– Não fique esperando que eu tire do baú alguma história emocionante e educativa do meu passado. O que precisa ficar bem claro é o seguinte: você já teria sido dispensado muito tempo atrás se não tivesse feito um trabalho tão bom como operador de Marble e Diva, dois ativos de primeira linha, e agora com Lyric, que também é muito importante. Já estaria longe daqui se não fosse tão competente em todos os outros aspectos que não envolvem a sua cabeça de baixo. Forsyth e Gable têm sido categóricos no endosso que dão a você. Mas essa pouca vergonha precisa acabar. – Ele se levantou e disse: – Foi muito bom o nosso almoço. Agora quero que você vá pra casa e reflita sobre tudo isso, depois volte pra me contar o que pretende fazer. Minha única exigência é que você não arruíne Diva como ativo, e que não atrapalhe o trabalho de Hannah nas vésperas da sua partida. Cedo ou tarde aquele filho da puta da estação de Moscou fará isso por conta própria.

BISQUE DE CARANGUEJO

Refogar cebolas e cenouras cortadas bem finas, deixar que amoleçam. Separadamente, misturar farinha à manteiga derretida para fazer um *roux*, depois acrescentar caldo de galinha e bater até obter um *velouté*. Juntar as cebolas e cenouras e deixar cozinhando em fogo baixo. Incorporar creme chantilly, xerez, suco de limão, molho inglês, pimenta-caiena, sal, pimenta do reino e a carne de caranguejo. Guarnecer com bolotas de creme azedo e cebolinha.

CAPÍTULO 19

MEIA-NOITE E CINCO. FAZIA TREZE

sensação

deles

mulher

Moskva

MENSAGEM 1. PACOTE RECEBIDO. EQUIPAMENTO OK. PRESIDENTE COBRANDO OP. COM IRÃ. *REZIDENT* DE WDC VISITARÁ EM BREVE, MOTIVO DESCONHECIDO, SUSPEITA DE UM NOVO VOLUNTÁRIO NOS EUA. INFO COMPARTIMENTADA MAS O SUB-C SABE DOS DETALHES. VOU AVERIGUAR. olga.

Triton

perebejchik

=====

palach

izverg

rezidentura

Pust.

rezidentura

rezidentura



*Udranka sentava-se em cima de uma pasta com as pernas cruzadas.
Anda, garota! Você não precisa gostar, só precisa fazer.*



BATATAS GRATINADAS

Misturar creme de leite, alho batido, suco de limão, estragão e gruyère ralado, sal e pimenta. Acrescentar as batatas já descascadas e grosseiramente picadas, depois despejar a mistura numa fôrma. Cobrir com farinha de rosca e queijo ralado, acrescentar um fio de azeite de oliva, depois assar em forno alto até que as batatas estejam macias e a cobertura esteja dourada.

CAPÍTULO 20

NATE E OS OUTROS FICARIAM

rezident

Quando não era Udranka que pairava à sua volta, era Marta que vinha sentar ao pé da cama, jogando os cabelos para o lado, soprando fumaça para o alto, dizendo a ela que seguisse em frente sem hesitação.

Aquele

Estava lá

zolotoj

Precisava

Marta fumava sentada à mesa. Você está fazendo tudo direitinho, disse. Selvagem na cama, dócil na conversa. Dominika sinalizou para que ela se calasse.

khui

Boje pomogi mne.

rezident

o

“Vorobei, chpion, konets.

Rusalka
raciocina

admirasse

=====

moirée

rezident

dele

ele

mais

sestra

bratok

No carro, voltando para Yasenevo, Udranka se espichava no banco de trás com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Eu não contaria nada, disse ela, por mais que você queira o perdão dele. Você sabe os motivos que teve para fazer o que fez. Quem disse que você não pode ter os seus segredos também?

BABKA RUMOVA – BOLO POLONÊS

Bater manteiga e açúcar até formar uma pasta leve e aerada. Incorporar os ovos. Acrescentar farinha, bicarbonato de sódio, leite e baunilha, misturando bem. Despejar a massa sobre a forma e assar em forno médio (o ponto estará correto quando um palito for espetado no bolo e sair limpo). Esperar até que o bolo esfrie ligeiramente. Perfure-o antes de derramar a calda de açúcar, água, raspas de limão e laranja, baunilha e rum.

CAPÍTULO 21

ESTAÇÃO DE ATENAS. GABLE E FORSYTH

Benford
nós
os russos
você
você

=====

Kto slujit v armii ne smejetsia v tirke.

skordalia

Rodina

Tudo bem

ISCAS DE BACALHAU COM *SKORDALIA*

Num processador, misture pão molhado em água, muito alho já espremido, pimenta moída na hora, azeite de oliva e vinagre de vinho tinto até obter uma pasta grossa. Servir com iscas de bacalhau fritas e empanadas com uma massa de farinha, ovos, cerveja, vinagre de vinho branco e uma gotinha de ouzo.

CAPÍTULO 22

NAQUELA MANHÃ, PERCEBENDO UMA MOVIMENTAÇÃO estranha nos corredores da Linha KR, Dominika parou à porta da ampla sala de reuniões para espiar o que estava acontecendo. Três funcionários andavam de lá para cá enquanto tiravam poeira da mesa decrépita, distribuíam cinzeiros e arrumavam as garrafas de alumínio na bancada lateral, todas já um tanto enferrujadas. O tom cinzento do feltro que forrava as paredes fazia um deprimente contraste com o azul desbotado do carpete e o amarelo das manchas de água no forro acústico do teto. O lugar era uma espelunca, pensou Dominika, bem diferente da elegante sala de reuniões da diretoria no quarto andar e do imponente auditório no primeiro.

Mas aquela saleta, por mais precária que fosse, tinha a sua história. Dominika sabia que ali haviam sido interrogados os onze agentes presos nos Estados Unidos e oferecidos à Rússia numa operação de troca; ali, de mãos dadas, eles haviam cantado hinos patrióticos com o então primeiro-ministro Putin para depois discutir a carreira simbólica que cada um teria no seio amoroso da *Rodina*.

Correndo os olhos pelo cômodo, Dominika cogitou se não teria um destino igualmente triste, se no futuro não seria lembrada apenas como a traidora detestável que fugira para o odioso Ocidente com uma sentença *in absentia* de 25 anos de encarceramento por traição e deserção (alguns ainda usavam a expressão *Staliniskii chetvertak*, o quartil de Stalin), ou se não terminaria seus dias como muitos outros antes dela, enterrada anonimamente numa vala comum.

Notando sua presença à porta, um dos funcionários rapidamente empertigou o tronco, juntou os calcanhares. Na Linha KR eram poucos os que já tinham visto a nova capitã de olhos azuis, mas todos conheciam os boatos que circulavam a seu respeito: missões fora do país, documentos vitais roubados dos americanos, prisão em Atenas, uma

troca realizada clandestinamente com os captores da CIA. Outras histórias mais sombrias nunca eram discutidas abertamente, mas sussurradas ao pé do ouvido: ela já havia matado homens, tanto russos quanto estrangeiros; passara pelo célebre Instituto Kon, também conhecido como a Escola de Pardais; fora aprisionada mas sobrevivera a um pesado interrogatório em Lefortovo. Boatos ou não, ninguém ousava baixar a guarda diante do raio laser daqueles olhos azuis.

– O que está acontecendo? – perguntou ela, e todos interromperam o que vinham fazendo.

– Bom dia, capitã – disse um deles, uma aura esverdeada pairando à sua volta.

Medo, apreensão.

Dominika notou, não pela primeira vez, que muitos a temiam. Era isso que o sinistro regime de Putin fazia com as pessoas. Era a isso que se reduzira sua Rússia querida.

– Bom dia – devolveu ela.

Os três permaneceram mudos, sequer piscavam. Dominika olhou para eles, depois para a mesa de reunião, depois arqueou as sobancelhas para o primeiro, ao qual tinha dirigido sua pergunta. O homem só faltou pular de susto.

– Ah, desculpa, capitã. O coronel mandou que arrumássemos a sala pra uma reunião ao meio-dia.

Dominika não pediria informações sobre a tal reunião a um subordinado. Nem precisaria, pois, graças a Yevgeny, já sabia do que se tratava. Zyuganov não lhe dissera nada, claro. Ela acenou com a cabeça para os três funcionários e voltou ao corredor de paredes amarelas, os rodapés imundos com as marcas deixadas durante três décadas pelas rodas dos carrinhos de malote. À porta da sala de Zyuganov, bateu uma única vez e entrou.

O anão ergueu o rosto dos papéis que estava lendo. Yevgeny sentava-se numa cadeira lateral, banhado num amarelo libidinoso que começou a pulsar imediatamente. A última noite passada com ele havia sido um martírio: ela precisara sacudir os lençóis na janela para se ver livre dos pelos encaracolados que o urso havia deixado de lembrança. Vendo-o ali, refestelado na cadeira, ela sentiu no peito uma nova onda de rancor, um ódio que subiu para a garganta, ameaçando sufocá-la. Fossem outras as circunstâncias, jamais se deitaria com alguém tão abjeto. Nem ela nem

qualquer outra mulher dona do próprio nariz, saudável no amor e no desejo. Os *siloviki*, os patrões, haviam feito com ela um belo trabalho, ensinando-a a tapar os ouvidos para o chiado das narinas, a tapar o nariz para o odor azedo das orelhas, a tapar os olhos para o fiapo de baba pendurado na boca, a chafurdar no esgoto sem morrer de nojo. O que ela vinha fazendo com o urso não era sexo, muito menos amor. Era trabalho.

Por não mais que um átimo ela se imaginou usando os nós dos dedos como um soco inglês para cravar um murro na têmpora do subchefe, vendo-o cair para o chão com os olhos esbugalhados, depois correndo para o lado de Zyuganov, segurando-o pelas orelhas de abano e socando a cabeça dele contra o tampo da mesa, uma, duas, três vezes, antes de golpear os olhos contra a quina de madeira, cegando-o por completo, os fluidos escorrendo das órbitas para o mata-borrão à sua frente.

– Bom dia, coronel – disse ela, despertando do devaneio, endireitando o blazer.

Não pôde deixar de notar que havia algo errado com os cabelos do anão naquela manhã: estavam esculpidos com gel, mas partidos numa linha torta.

Com a acuidade de um sociopata bipolar, Zyuganov percebeu imediatamente o que ela estava fazendo, e suas asas de morcego incharam em alguns centímetros. Yevgeny abriu um discreto sorriso.

– Egorova – cumprimentou Zyuganov.

– Coronel, acabei de ver que a sala de reuniões está sendo preparada. Alguma coisa agendada pra hoje?

Zyuganov permaneceu mudo e imóvel por alguns segundos, talvez decidindo se iria ou não responder. Yevgeny se reacomodou ligeiramente na cadeira; já havia contado a ela sobre a reunião na noite anterior, inclusive dando o nome dos participantes. Mas Dominika precisava perguntar de qualquer jeito. Não podia dar a entender que já sabia de tudo, tampouco fingir desinteresse. Zyuganov agora brincava com um instrumento cirúrgico entre os dedos, um cinzel ósseo de aproximadamente 15 centímetros, uma das muitas bugigangas que atulhavam sua mesa.

– A *rezident* de Washington está na central hoje – respondeu ele, a contragosto. – Chegou ontem à noite.

Yulia Zarubina, pensou Dominika. A Costureira. A lendária

operadora e *rezident* de Washington, produto do Instituto de Línguas Estrangeiras e da velha KGB. Estudada, poliglota, suficientemente bem relacionada para que nenhum inspetorzinho do Kremlin se metesse a valente com ela. Décadas de sucessos operacionais estrondosos, um sem-número de recrutas tão bem costurados como os sacos mortuários ainda em uso nas cidadezinhas dos Urais, com pontos minúsculos e precisos. Fora para Washington no ano anterior a mando de Putin, agora estava a um passo da diretoria do SVR. *E estava de volta a Moscou para discutir um novo caso.*

– E na pauta desta reunião... alguma coisa de interesse para o nosso departamento?

– Zarubina fará um breve relatório sobre as atividades da *rezidentura* em Washington. Falará um pouco sobre o ambiente de contrainteligência nos Estados Unidos, do ambiente político também.

O anão estava escondendo algo. Nenhum *rezident* com o prestígio de Yulia Zarubina encarava uma viagem tão longa apenas para fazer um “breve relatório” do que quer que fosse. Estava claro que ele não pretendia contar nada. Dominika olhou para Yevgeny como se dissesse: “Está vendo quem é o seu patrão?” Yevgeny desviou o olhar.

– A que horas será a reunião? – perguntou ela, sabendo que estava sendo petulante, desafiando o anão a deixá-la de fora.

– Ao meio-dia – informou Zyuganov.

– Obrigada, coronel.

Zarubina. *Rezidentura* de Washington, Linha KR. “Forsyth e Benford adorariam a notícia”, ela pensou. Depois se viu pensando em Nate, na saudade que doía em seu peito.



Todos em torno da mesa olhavam para a porta da sala de reuniões, onde Zyuganov recebia Zarubina, sorrindo de orelha a orelha. Linha R (análise), Linha T (suporte técnico), Linha PR (política), o setor das Américas (um dia chefiado pelo general Korchnoi), todos estavam representados ali. Zarubina entrou, cumprimentou-os com um aceno, depois foi contornando a mesa, apertando a mão dos que conhecia,

apresentando-se aos que não conhecia. Dominika esperava ansiosa por sua vez.

A mulher aparentava mais de 50 anos, era baixinha e peituda. Os cabelos cor de mel, presos num coque que a envelhecia, emolduravam um rosto amplo, com pequenas rugas em torno dos olhos e da boca. Os dentes eram escuros, malcuidados, típicos da sua geração. Uma incipiente papada arrematava o todo. Os olhos eram amendoados (talvez ela tivesse ancestrais nas estepes) e sugeriam intuição, inteligência. Dez segundos bastaram para que Dominika percebesse o jeito como a mulher encarava seus interlocutores, sempre com um pequeno sorriso entre os lábios, mas aqui e ali espiando o seu entorno, tanto ou mais alerta do que uma gazela nos pinheirais da Sibéria.

O ar aparentemente ia ficando mais espesso à medida que ela se aproximava. Dominika reparou que ela a observava, mesmo enquanto falava com outras pessoas. E dali a pouco se viu engolida pela aura dela, amarela como a de tantos outros, porém mais exuberante, com uma textura acetinada e pequenos remoinhos que sugeriam veneno, falsidade, subterfúgios, emboscadas, botes súbitos e indefensáveis. Zarubina agora a estudava de perto, avaliando-a, farejando o ar à procura do *russkii dukh*, o espírito russo. Se alguém podia ver que ela era capaz de interpretar auras, pensou Dominika, esse alguém era a Baba Iaga à sua frente, a feiticeira que lhe oferecia a mão, dizendo:

– Como vai? – A voz era suave, relativamente grave, quente como a cozinha em que se ferve uma sopa. A palma da mão era macia, quente também. – Tenho ouvido muitas coisas a seu respeito, capitã. Parabéns por um início de carreira tão brilhante.

Refreando-se para não fazer o sinal da cruz, um velho hábito dos russos, Dominika agradeceu com um sorriso e sentiu na garganta aquele nó que conhecia tão bem. Mais uma cobra venenosa. Pior que isso. Uma loba em pele de cordeiro. Quem seria sua próxima vítima? Quem ela andaria manipulando por aí? Que segredos estaria escondendo naquela cabeça tão brilhante? Pensando em segredos, Dominika sentiu um frio na barriga. Nada impedia que naquele mesmo instante a feiticeira estivesse lendo seus próprios segredos, que também não eram poucos. Naquela proximidade, era perigoso até mesmo pensar em pecados.

Zyuganov se aproximou e resmungou algo, dizendo que a reunião precisava começar. Zarubina seguiu com ele e ocupou seu lugar à

cabeceira da mesa, mas não sem antes lançar sobre ela, Dominika, um último olhar avaliador.

Com sua voz melíflua e seu olhar paralisante, a *rezident* foi fazendo sua exposição sobre o ambiente operacional em Washington: a vigilância nas ruas era hoje bem menos rigorosa do que fora um dia; o FBI andava preocupado. O governo americano vinha se desdobrando para restabelecer as relações bilaterais com Moscou; parlamentares e servidores de todos os níveis faziam fila na embaixada na esperança de criar laços mais pessoais. Por esse motivo, os operadores sob o comando dela andavam com o prato cheio em termos de possibilidades. Mais importante ainda, o congelamento dos salários federais (inclusive os da CIA, do FBI e do Departamento de Defesa) vinha criando um ambiente de insatisfação e ressentimento, fértil para o recrutamento de novos agentes. Por fim, a *rezidentura* vinha trabalhando ativamente no sentido de fomentar a campanha contra a implantação de uma cortina defensiva de mísseis no Leste Europeu e, sobretudo, contra o apoio americano à onda de protestos populares que vinha se espalhando desde o Báltico até a Ucrânia. Naturalmente, Zarubina não deu nenhuma informação mais concreta a respeito de suas operações. Ninguém precisava saber delas. Ela, sim, precisava da ajuda da matriz.

– ...não só em termos de produção, análise e tecnologia – disse, e virou-se para Zyuganov –, mas de contrainteligência também. As investigações da Linha KR são de fundamental importância.

– Pode contar com a minha dedicação pessoal – disse o coronel.

Dominika podia ver que ele já se imaginava na vice-diretoria geral como braço direito da envolvente Costureira.

Zarubina pousou as mãos rechonchudas e manchadas sobre a mesa. Volta e meia crispava um dos dedos, o único sinal aparente dos arroubos de prazer que certamente estava sentindo. A aura dourada lembrava um diadema. Ela falava placidamente, conquistando a atenção plena de seus ouvintes, como se houvesse entre todos uma sincronia de batimentos cardíacos. Camaradas, as coisas iam de vento em popa. Moscou estava mais forte do que nunca. As políticas e os objetivos globais do Kremlin vinham sendo implementados sem maiores obstáculos, um sucesso atrás do outro. O serviço de inteligência russo ainda era o melhor do mundo, para a inveja e desgraça de todos os concorrentes (um aceno para Zyuganov). Dominika notou que ela não fazia nenhuma analogia com os

dias de glória da União Soviética. Nem precisaria, pensou. Todo aquele discurso, do jeito que estava, seria música para os ouvidos do tsar Vlad quando a gravação chegasse às suas mãos.

Muitos em torno da mesa, homens de modo geral inteligentes, estavam hipnotizados com o que ouviam. Sentado à frente de Dominika, Yevgeny olhava incessantemente para a mulher que viria a ser a próxima diretora da casa. Sua aura libidinosa, geralmente pulsante, estava apagada, murcha, e o mais provável era que ele estivesse abalado com as palavras de Zarubina, tomado de dúvidas e culpa pelo que vinha fazendo, de pânico pelo que já havia contado. Dominika ficou preocupada, receando que o urso, num momento de contrição, resolvesse confessar os seus pecados mais recentes. Isso não seria prova de nada, mas mentes como a de Zyuganov e Zarubina não demorariam para ligar os pontos e descobrir o que *ela* vinha fazendo com os americanos. Pensando nessa hipótese, Dominika ficou surpresa ao constatar que não estava exatamente com medo; pelo contrário, sentia-se ainda mais motivada. Korchnoi decerto sentira a mesma coisa na sua reta final, o mesmo descaso pelas nuvens negras do futuro. De qualquer modo, precisaria apertar os parafusos frouxos de Yevgeny. Ou então... o quê? Nem mesmo na Escola de Pardais era ensinado como matar alguém com sexo.

Zarubina agora corria os olhos por todos os presentes, sorrindo para cada um. Zyuganov ficou de pé e disse:

– Por enquanto, isso é tudo. Obrigado pela presença de todos. Quanto aos representantes da Linha OT, por favor, fiquem mais um pouco.

Os demais foram saindo em fila, inclusive Dominika. Yevgeny permaneceu onde estava, à esquerda de Zyuganov, fazendo suas anotações. Zarubina papeava informalmente com um oficial do outro lado da mesa, mas Dominika podia ver que ela disparava olhares pela sala à procura de algum insatisfeito com a exclusão, catalogando rostos, farejando problemas. Seu halo era firme, constante. Ali estava uma criatura que não hesitava, não tinha dúvidas. Seu único apetite era pela caçada, pelo bote, pela fome saciada.

Fosse lá o que a Costureira estivesse planejando para sua *rezidentura* em Washington (a presença dos técnicos da Linha T era um forte indício de que ela pretendia modernizar a pilotagem do seu novo ativo Triton), a CIA precisava saber o que era. Resignada, Dominika disse a si mesma que precisaria enfrentar mais uma noite com o subchefe antes da sua

viagem.

Voltando à sua sala ela se deparou com Marta e Udranka. Fumando o cigarrinho de sempre, Marta disse: “Pare de ficar se lamentando, pardal! Quinze minutos com o orangotango entre as pernas e você terá um belo presente para entregar a seu amado.”

Dominika partiria para Atenas na manhã seguinte. Deveria estar rascunhando e transmitindo mais uma mensagem SRAC, ou fazendo as malas, ou organizando as ideias para a inevitável avalanche de perguntas da CIA, ou estudando o mapa de rua para localizar o santuário em que teria seu primeiro encontro com *Bratok* e Nate, cujo endereço eles já haviam mandado via SRAC. Mas não. Estava secando os seios diante do espelho do banheiro, embaçado pela ducha recém-tomada, enojada pelas preferências de Yevgeny.

Terminado o expediente naquela tarde, ainda nos corredores do SVR, ela havia desfilado na frente do urso, andando de lá para cá, capturando a atenção dele, retribuindo os sorrisos que ele abria ao vê-la passar. Uma tática clássica dos pardais. Precisara fabricar um rubor nas faces quando ele propôs um encontro de despedida, o gás de que ele precisava para enfrentar as duas semanas de seca que estavam por vir. Pelo menos Dominika fora poupada do constrangimento de propor a mesma coisa. Já em casa, havia preparado algo para o sujeito comer, enchera-o de vodca (infelizmente não o bastante para apagá-lo) e o levava para a cama, procurando ignorar a torrente de suor, sussurrando bobagens no ouvido dele, facilitando os avanços e gemendo do modo mais convincente possível quando, finalmente, ele chegou aonde queria e deixou o corpo cair em cima dela.

Na meia hora seguinte, abraçada ao matagal de pelos, os seios ainda lambuzados pelo “óleo de Vênus” (tal como diziam na Escola de Pardais) dele, ela fez o urso soltar a língua, sussurrando coisas sobre o segredo que eles dividiam, fazendo conjecturas sobre o futuro, aventando a carreira brilhante que ele teria depois que Zarubina assumisse o comando da casa. Terminado o preâmbulo, decidira que era hora de

apertar os parafusos: virando-se para encará-lo, séria, dissera que tudo aquilo era para o bem dele, que não havia nenhum motivo de culpa, que seria uma grande burrice jogar tudo para o alto com uma confissão precipitada, que Zyuganov veria naquilo uma transgressão imperdoável e que isso seria o seu fim. O fim *deles*.

Pouco a pouco Yevgeny voltara a sorrir. Missão cumprida.

Ele agora escorregava os dedos de unhas imundas na direção da virilha dela, querendo mais. “*Ni khuia sebe*”, pensou Dominika, exausta. De jeito nenhum. Rapidamente ela o deteve pelo pulso, depois levou a *sua* mão para a virilha *dele*. Não se espantou nem um pouco quando ele foi arregalando os olhos. “É isto que você quer?”, pensou sarcasticamente. “Está bom assim?” Técnica nº 96 do manual dos pardais: “Os hashis do comandante Mao”. Depois de horas de treino com um pepino lubrificado, o pior não era o cansaço da mão ou do punho, mas o da articulação do ombro, que latejava até roubar do braço qualquer possibilidade de movimento. Dominika ainda não conseguia chegar nem perto de uma *okrochka*, uma sopa fria de pepinos.

O lábio inferior de Yevgeny tremia como se ele estivesse prestes a chorar. Dominika precisou desacelerar a mão para que ele conseguisse falar.

– Sei... lá... – balbuciou ele, concentrando-se. – Foi a própria Zarubina que sugeriu que um ilegal opere o Triton.

– Interessante, mas pouco lógico – disse Dominika, jogando verde. – Por que ela haveria de querer uma coisa dessas? – Rápido, depois lento...

Yevgeny fechou os olhos, precisou controlar a respiração.

– Ela acha que vai acabar descobrindo a identidade dele, e que ele vai concordar em ser pilotado pessoalmente. Falou que é uma questão de tempo, no máximo um mês. Quando esse dia chegar, vai se encontrar com ele e preparar o terreno pra operação de longo prazo. Acha mais seguro que seja com alguém que não tenha nenhum vínculo com qualquer instituição diplomática russa – disse ele, e exalou um demorado suspiro.

– Um ilegal? – indagou Dominika, soerguendo-se, argumentando apenas para despistá-lo. – Acho muito arriscado usar um agente independente, sem nenhuma proteção da embaixada, pra pilotar um ativo tão valioso quanto Triton.

– Por que você parou? – resmungou ele, olhando para a mão dela. Se

tivesse um machado debaixo da cama, Dominika teria feito um bom uso dele agora. – A Zarubina... quer encontrar o Triton... pessoalmente primeiro – gaguejou o urso. – Isso, vai... não para... não para... Mas depois ela quer que um ilegal anônimo, que conheça bem o país, assuma a operação. Pra que nenhum rastro seja deixado.

“E pra que Benford jamais consiga pegá-lo”, pensou Dominika.

– O quadro de ilegais ficou bastante reduzido depois que o vice da Linha S, a diretoria responsável por eles, desertou e entregou o nome de quase todos para os americanos – disse Dominika, botando a cabeça para funcionar, pensando em várias coisas ao mesmo tempo. – Não há muitas opções.

Yevgeny fez que não com a cabeça. Articulando as palavras com algum esforço, disse:

– A Zarubina contou que existe outra escola de ilegais além daquela em Tepli Stan. Nem chega a ser uma escola, é mais um programa de formação. Coisa pequena, não mais que um ou dois alunos por ano, e sem nenhum vínculo com a Linha S. Pertence ao Kremlin.

Ouvindo isso, uma cartada de mestre ocorreu a Dominika: infiltrar alguém nesse programa e identificar os ilegais antes mesmos que eles fossem despachados para os Estados Unidos.

– Mas onde é que esse pessoal do Kremlin está com a cabeça, comandando diretamente esse tipo de operação? – disse ela, mesmo já sabendo a resposta.

O presidente vitalício da Federação Russa e ex-gorila da KGB queria continuar participando diretamente do jogo, mas não pelo prazer de distribuir espiões e sabotadores mundo afora para impor os seus desígnios. Putin via todos os seus servidores como peças descartáveis e substituíveis. Não, isso era mais uma demonstração de virilidade russa por parte da sua alteza imperial. Num momento de raiva ela se descuidou da mão e machucou Yevgeny, tirando dele um rápido gemido de dor. Corrigiu-se e disse:

– Essa Zarubina aparentemente sabe de muita coisa.

– Como ela sabe disso, aí eu não sei.

– Talvez seja ela mesma a instrutora desse novo ilegal – aventou Dominika, quase para si mesma, já pensando na mensagem que enviaria a Benford.

Era bem provável que o presidente tivesse incumbido a *rezident* de

formar um dos seus informantes clandestinos antes de recompensá-la com a diretoria-geral do SVR.

– A Zarubina não é instrutora de ninguém – disse ele vagamente, olhando com languidez para a mão de Dominika. – Não para...

Quem seria este novo ilegal? Um homem ou uma mulher? Quanto tempo de treinamento já teria? Quando seria despachado para os Estados Unidos? Em que cidade moraria? Que ocupação usaria como fachada? Qual seria a sua história?

– Está bom assim? – provocou Dominika, vendo que o urso já começava a latejar as narinas cabeludas.

– Zarubina é uma mulher possuída – sussurrou ele com os olhos fechados, e Dominika pensou com seus botões: “Mais do que você imagina.” – Quer segurança máxima com este novo informante. Além de colocá-lo nas mãos de um ilegal, pediu à Linha T que desenvolvesse novos sistemas de comunicação segura. Tudo será feito por fora da Linha KR. Ninguém pode saber de nada. Nem mesmo você. Ordens do Zyuganov.

Dominika riu e disse:

– Não vou contar nada a ninguém.

Em seguida imprimiu um ritmo maior ao que vinha fazendo com a mão.

– Eu sei... – ofegou Yevgeny, já em outro planeta.

– Você fica tão sexy assim – incitou Dominika, rindo internamente da própria ironia.

De repente ele começou a tremer, jogando a cabeça para trás, afundando-a no travesseiro, gemendo. Demorou uns trinta segundos até reabrir os olhos e voltar a respirar normalmente.

– Vão ser duas longas semanas – disse ele, arfando.

Duas semanas passam num piscar de olhos, disse Udranka num canto do quarto.

– Duas semanas passam num piscar de olhos – disse Dominika.

OKROCHKA – SOPA FRIA DE PEPINO

Processar os pepinos (já sem sementes) junto com cebolinha, ovos cozidos

picados, endro, creme azedo e água para fazer uma sopa de consistência granulosa. Opcionalmente, acrescentar cubos de presunto cozido. Temperar, resfriar e enfeitar com endro ou hortelã.

CAPÍTULO 23

HANNAH ARCHER ANDAVA BASTANTE OCUPADA.

que tipo

minha agente

chanakhi

=====

rezident

nós

Como

CHANAKHI – O ENSOPADO DE STALIN

Numa caçarola grande (ou *tagine*), dourar cubos de cordeiro previamente esfregados com sal, pimenta, azeite, páprica e flocos de pimenta-calabresa. Acrescentar cebola e alho picados, refogar até que amoleçam, depois juntar manjerição, salsa e endro, seguidos de tomates pelados (com o suco) e vinagre de vinho tinto. Distribuir cubos de berinjela ou batata, depois cobrir com água. Tampar a panela e deixar cozinhando em fogo baixo até que o cordeiro e os legumes estejam tenros, e o caldo, grosso. Guarnecer com salsinha picada.

CAPÍTULO 24

- OBRIGANDO A JEJUAR E ALIMENTANDO

resident

streaming

=====

seu

Merde

pole dancing

Cheimes Dieen...

*S. V. Loganov, ministro-
conselheiro, Embaixada da Federação Russa.*

Ce serait mauvais.

Dieu pourvoira

rezidentura

torradeira

pole dancing

você



não

rezident

savoir faire



Tu es con

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

aquilo

PURÊ DE BATATAS À MODA IRLANDESA

Descascar as batatas, cozinhá-las até amolecer e amassá-las vigorosamente com manteiga e creme de leite. Separadamente, refogar alho picado, rodela de alho-poró e folhas de couve na manteiga; temperar com sal e pimenta. Incorporar o refogado às batatas e finalizar com manteiga derretida.

CAPÍTULO 25

UMA CHUVA DE FIM DE TARDE

rezident

rezidentura



moussaka

Idiotka

Bratok

*Marta os observava de longe, recostada ao guarda-corpo da varanda.
Sempre vale a pena esperar. Sempre.*

duchka.

Bratok

rezidentura

Na

Zdorovie

dolmades

Gospodin

visluzitsia

Aquilo era horrível. A ausência de expressão no rosto dos três, os halos que não se mexiam, os olhos que viam tudo. Udranka riu, escancarando os dentes. Você não deve desculpas a ninguém. Nem explicações. Não deve nada.

Vorobiovi Gori

DOLMADES (CHARUTOS GREGOS)

Misturar arroz branco, salsa, endro, hortelã, cebola picadinha e uvas-passas brancas. Preparar os charutos individuais com uma folha de uva escaldada e o recheio de arroz. Forrar o fundo de uma panela grande com folhas de uva soltas, preenchê-la com camadas sobrepostas de rolinhos e cobrir com água. Acrescentar um fio de azeite e pedacinhos de manteiga. Colocar um prato pesado sobre os rolinhos, tampar a panela e deixar em fogo brando até o arroz cozinhar (cerca de uma hora). Servir frio com limão.

CAPÍTULO 26

NOVE DA NOITE. DISTRITO DE GOLIANOVO

ele

não vigorava

croissants

scarpins

rezidentura

SOPA DE LENTILHAS VERMELHAS

Refogar cebola, alho e damascos fatiados até que amoleçam. Acrescentar lentilhas vermelhas, cominho, orégano, tomates picados, mel, sal e pimenta, depois cobrir com caldo de galinha. Esperar o caldo ferver, deixar cozinhando em fogo baixo. Processar até obter a consistência desejada. Servir quente ou à temperatura ambiente, com hortelã e creme azedo.

CAPÍTULO 27

PARA O SEGUNDO ENCONTRO DELES

rezident

malaka



Bratok

em Atenas

=====

Do Boga visoko, do Tsaria daleko.

a gente

Terpeniie iestdobrodetel.

Battre les blancs en neige

nekulturni.

Duchka, duchka, duchka...

Les rubiat, schepki letiat

Udranka e Marta, sentadas à frente deles, viraram-se uma para a outra e reviraram os olhos.



tupitsa

Pipérade

h

paƒ-paƒ

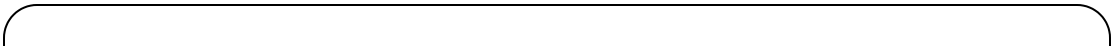
=====

rezidentura

não

Sistema

Voskhititelni.



PIPÉRADE DE PIMENTÕES

Refogar cebola e alho. Acrescentar fatias finas de pimentões tostados e tomates pelados previamente espremidos com um garfo. Temperar com sal, pimenta e páprica. Deixar cozinhando em fogo baixo até a incorporação total dos ingredientes. Quebrar os ovos sobre o molho, levar ao forno e esperar até que eles estejam cozidos, mas com a gema ainda mole. Servir sobre fatias de pão italiano ou como acompanhamento.

CAPÍTULO 28

BENFORD VIAJARA ANONIMAMENTE PARA BERLIM

Speziale Bundestätigkeiten-Einheit

=====

Bundeszollverwaltung

Bundes

Herr

stur

Kopfgeldjäger

Kopfgeldjäger

Saiaw ng kamataian

OBATZDA – PASTA DE QUEIJO DA BAVIERA

Misturar queijo Camembert em temperatura ambiente com requeijão, manteiga, cerveja, cebolas picadas, páprica, cominho, sal e pimenta até obter uma pasta homogênea. Servir com cebolas roxas ou cebolinha sobre pão preto ou pretzels.

CAPÍTULO 29

DOMINIKA AINDA TINHA DUAS NOITES

Bratok.

Bratok.

klikucha

klikucha

Udranka observava todo o drama num canto da sala. Faça o que bem entender, disse ela, mas não conte com o meu apoio.

=====

Bratok

você

Bratok

convenceu a si mesmo

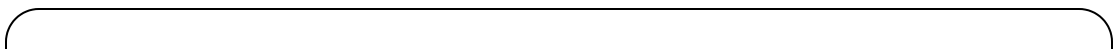
quis

seu

sua

isso

Bratok



MAMBAYILDI – BERINJELAS RECHEADAS

Cortar as berinjelas em duas metades longitudinais e raspar a polpa o bastante para formar um sulco. Refogar cebola, alho, tomates picados grosseiramente, sal, açúcar, endro e salsa. Rechear as berinjelas, regá-las com fios de azeite e depositá-las numa panela com água, açúcar e suco de limão. Deixá-las cozinhando com a panela tampada, regando-as de vez em quando até o ponto em que estejam quase desmanchando e que o caldo na panela tenha engrossado. Servir à temperatura ambiente.

CAPÍTULO 30

DOMINIKA PASSOU RAPIDAMENTE PELA EMBAIXADA

Rodina

Marta caminhava a seu lado, fumando e olhando para os rapazes que passavam por ela na calçada. Esfrie a cabeça, disse, procure se concentrar. Ame o seu homem, não se deixe vencer pelo medo.

Suka ti zloebuchaia –

crec

=====



*havia concordado com o plano de denunciá-lo.
para denunciar Lyric?*

*não
O plano*

rezident

TORTA DE LEGUMES À MODA RUSSA

Refogar cebolas e cogumelos na manteiga até dourá-los. Acrescentar repolho ralado e esperar que amoleça. Temperar a mistura com tomilho, estragão, orégano, sal e pimenta. Sobre uma massa de torta já aberta na forma, espalhar requeijão, cobrir com fatias de ovo cozido e salpicar com endro picado. Juntar a mistura de cogumelos e repolho, depois fechar a torta com o resto da massa. Assar em fogo alto até dourar. Deixar esfriar antes de servir.

CAPÍTULO 31

UMA TRILHA DE TERRA BATIDA

metka

Bohze.

morj

morj

Sentada no tronco caído de uma árvore, Marta balançou a cabeça. Tenha a santa paciência, minha amiga. Ciúmes não combinam nada com você.

nekulturni

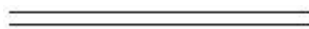
minha também

você

seu

*Udranka surgiu a seu lado.
vergonha, que vergonha...*

sussurrou. Que



khui

Bohze moi

kotleti Pojarskie
ajvar

dentro

todos

Udranka se empoleirava como podia no alto do guarda-roupa encostado à parede, balançando as pernas no ar. Sei que não é fácil isso que você acabou de fazer, disse ela. Mas você não precisa gostar. Só precisa fazer.



KOTLETI POJARSKIE – HAMBÚRGUER DE FRANGO

Molhar pão no leite e ir misturando com frango moído, manteiga, sal e pimenta até formar uma pasta. Moldar os hambúrgueres, pincelar com gema de ovo e passar na farinha de rosca. Fritar na manteiga até dourar. Servir com purê de batatas e molho *ajvar*.

CAPÍTULO 32

BENFORD CHEGOU ATRASADO À REUNIÃO que ele próprio havia convocado. Estava em outra no andar de baixo, na PROD, inteirando-se das últimas notícias sobre o piso antissísmico da W. Petrs e da sua odisseia fluvial através da Rússia até o Irã. Os alemães da SBE informaram imediatamente a estação de Berlim quando o carregamento deixou a fábrica, e desde então a NGA (Agência Nacional de Inteligência Geoespacial), em conjunto com a CIA, vinha monitorando o frete por meio de um satélite Indigo Eye de terceira geração que, de sua órbita elíptica a 300 quilômetros de altitude, era capaz de ler o que estava escrito em letras pequenas na popa da barca que atravessara os lagos a norte de São Petersburgo e já vinha descendo o Volga rumo ao delta do rio em Astrakhan, no mar Cáspio.

As fotos projetadas na sala escura mostravam um gigantesco embrulho de filme plástico de poliolefina, contornado em quase toda a sua extensão por uma lona parda e amarrado por cordas à maneira de um Gulliver. Um analista da NGA, um sujeito chato à beça, de olhos esbugalhados, explicava que o desvio orbital conhecido na física como precessão (não fosse pelo olhar fulminante de Benford, ele teria aproveitado a oportunidade para explicar também a Terceira Lei de Kepler) faria com que o perímetro observado pelo Indigo Eye se deslocasse um pouco para oeste a cada órbita completada, de tal modo que, quando enfim chegasse ao mar Cáspio, a barca já estaria inteiramente fora do alcance do satélite. Vendo que Benford continuava a torcer o nariz, o analista logo tratou de acrescentar que, para substituir a cobertura do satélite, um drone Solar Fist seria lançado da base aérea norte-americana em Incirlik, na Turquia, para depois atravessar incognitamente os 500 quilômetros de espaço aéreo azerbaijano e permanecer vagando por até cinco dias sobre as águas

fétidas do Cáspio a uma altitude de 20 quilômetros.

Terminada a exposição, o analista de olhos esbugalhados (nada mais natural, pensou Benford, que um especialista na captura e análise de imagens tivesse olhos de sapo) encheu o peito para dizer que em no máximo cinco anos os drones substituiriam por completo todos os espiões e operadores de carne e osso. Seguiu-se entre os demais um silêncio sepulcral até que, enregelado, Benford disse:

– Muito obrigado pelo palpite errado. Tenho certeza de que o seu drone pode enxergar as calças de um homem a quilômetros de distância, mas nunca será capaz de saber *o que* esse homem pretende fazer com o pau que tem dentro delas, nem *quando*, nem *com quem*.

Com isso ele saiu e voltou às pressas para a caverna de alquimista que chamava de sala. Lá, Margery Salvatore e Janice Callahan, as outras duas sumidades da contrainteligência, já esperavam por ele. Com cara de poucos amigos, furioso por saber que um informante continuava à solta no seu quintal, ele se acomodou do outro lado da sua montanha de papéis, desculpou-se de antemão pelo linguajar, depois disse:

– Merda. Desde que soubemos da existência desse maldito Triton, abortamos a operação de agente duplo da Força Aérea pra tirar do filho da puta a ponte que ele vinha usando pra se comunicar com os russos. A ideia era obrigá-lo a sair da toca pra se encontrar com Zarubina na rua. Pelo que Diva informou, isso já aconteceu, mas infelizmente a vigilância do FBI sobre a *rezident* não deu em porra nenhuma. A mulher é muito cautelosa, recolhe as asinhas quando fareja alguma coisa no ar, é imprevisível. É muito difícil, senão impossível, pegá-la no pulo.

– E se a gente apertar a vigilância? – sugeriu Janice. – Com sorte, ela acaba cometendo um erro.

– Pode ser. Mas se eles perceberem o que estamos fazendo, o mais provável é que deixem Triton na geladeira até que o ilegal chegue da Rússia pra começar a operá-lo no lugar da Zarubina – avaliou Margery.

– É verdade – consentiu Janice. – Depois disso não tem mais jeito: Triton pode ficar uns trinta anos passando suas informações tranquilamente.

Ela já havia pilotado agentes no Leste Europeu cuja vida útil na espionagem não passava de dezoito meses.

– Essa é a triste verdade – admitiu Benford. – Temos aí uma janela cada vez menor pra pegar Triton enquanto ele ainda está se encontrando

com uma operadora formal do serviço russo, alguém que podemos seguir. O problema é que Zarubina é agressiva demais na contravigilância, volta e meia conduz os vigilantes do FBI para alguma arapuca.

– Mas sabemos por experiência que toda operação tem aquele elemento de imprevisibilidade que, por menor que seja, acaba mudando o rumo de tudo, tanto na caçada quanto no recrutamento de um informante. É disso que estamos precisando agora – afirmou Margery.

– Então pega esta moedinha aqui, minha amiga, e joga naquela fonte dos desejos lá de baixo – ironizou Benford.

– Não precisa jogar dinheiro fora – interveio Dante Helton, chefe da Divisão de Operações Regionais, que acabara de entrar na sala. Tirou uma pilha de pastas de uma cadeira ao lado de Margery e sentou-se. – Simon, dê uma olhada no 2584 que acabou de chegar de Moscou.

Benford bufou e disse:

– Dante, muito obrigado pela gentileza de comparecer a uma reunião que começou vinte minutos atrás.

– Olha logo – insistiu Dante, apontando para o monitor em cima da mesa.

Benford localizou o cabograma, desceu os óculos da cabeça para o nariz e se inclinou para a frente, para ler.

– Hannah Archer teve seu primeiro encontro pessoal com Diva em Moscou, na Colina dos Pardais. Janice, pelo visto sua protegida teve mais um desempenho exemplar. E, neste encontro, Diva informou que... não, não pode ser... caralho... – Correndo o dedo pela tela, ele foi resmungando: – Norte... 38 graus... 92 minutos... oeste... 77 graus... três minutos...

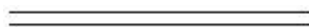
Embora fosse a mais fiel das subordinadas de Simon Benford, há muito tempo Margery já vinha prevendo a caduquice do chefe, uma viagem sem volta rumo à senilidade. Ao que tudo indicava, esse dia havia chegado. Talvez fosse o caso de trancafiá-lo numa jaula e cobrar ingressos de quem quisesse vê-lo naquele estado para angariar fundos para a festa do Dia da Família que já estava chegando.

– Sei muito bem o que você está pensando, Margery, mas pode ir tirando o seu cavalinho da chuva – disse ele. – Estas são as coordenadas geográficas que Diva conseguiu tirar de Yevgeny Pletnev, o subchefe da Linha KR. Imagino que esteja usando suas armas de pardal com o sujeito.

A garota tem estômago.

Encontrando seu mapa metropolitano de Washington sob uma torre de jornais, puxou-o sem nenhum cuidado e derrubou todos os periódicos no chão. Ninguém se deu o trabalho de pegá-los de volta.

– Zarubina solicitou uma cobertura por satélite destas coordenadas – disse ele em seguida, folheando o livreto. – Os russos inspecionam os seus pontos de encontro com o mesmo cuidado que nós. Aqui está: parque Meridian Hill, Columbia Heights, entre as Ruas 15 e 16. Margery, você é uma profeta, uma sibila, uma harúspice. Zarubina nos deu *de bandeja* o local de seu próximo encontro com Triton.



Seb Angevine já havia estado com Zarubina cinco vezes desde que retomara o contato com os russos, mas definitivamente não gostava de sair à rua para encontrá-la. O risco era grande demais. Ele não tinha nenhuma formação, nenhuma prática como espião. Mas uma coisa era certa: a mulher sabia escolher um bom fim de mundo em plena cidade, buracos que ele sequer sabia existir. Mesmo assim havia sempre o risco, por mais remoto que fosse, de que alguém o visse na companhia da *rezident* do SVR, e ele ia para os encontros com os nervos à flor da pele, geralmente esperando escondido até ter certeza de que a russa havia chegado sozinha, pronto para bater em retirada na eventualidade de algum problema. Ciente de tudo isso, certo dia Zarubina fizera as vezes de uma carinhosa avó, como era do seu feitio, abraçando-o e agradecendo profusamente que ele se preocupasse tanto com ela. Com ela porra nenhuma, ele pensara na ocasião. Só lhe interessava salvar a própria pele e a de mais ninguém.

O dinheiro era seu maior estímulo. Os russos agora estavam pagando grandes boladas, mochilas inteiras de dinheiro vivo, além de polpudos depósitos em contas numeradas fora do país. A própria Zarubina já comentara que eles haviam ultrapassado a marca dos 2 milhões de dólares. Angevine sabia perfeitamente que eles vinham alimentando seu ego, mas não estava nem aí, desde que a grana continuasse entrando em boladas cada vez maiores. Zarubina não dava trégua, era implacável. E,

depois de cinco encontros, por mais que ela quisesse se fazer passar por uma *babuchka* querida, ele, com a imaginação fértil que tinha, já começava a enxergar nela todo um passado soviético de gulag, politburo, farsas judiciais e execuções em massa.

Com Vikki as coisas iam de vento em popa. Ele ainda não havia conseguido convencê-la a largar o emprego de stripper, mas já a levava para algumas viagens bacanas, vinha pagando o seu aluguel e boa parte de suas despesas. O sexo também era ótimo: atlético, criativo. Convencido de que tinha algum crédito com a moça, timidamente sugerira que ela convidasse uma das colegas de boate para uma brincadeira a três, mas ela tivera um ataque, ficara uma semana inteira sem falar com ele. Por tão pouco? Com um par de brincos adquirido numa venda qualquer da Rua M ele havia conseguido comprar uma trepada de reconciliação, mas sabia que ela ainda estava furiosa.

Na CIA Seb vinha usando sua posição de “chefe” para ler todo um trânsito de relatórios e mensagens operacionais que de outra forma não passariam por suas mãos. Era muita coisa. Ele nunca baixava ou imprimia nada, sabia que volta e meia aparecia alguém para fazer uma perícia de rotina nas máquinas da diretoria. Impressionada com a esperteza dele ao fotografar os documentos diretamente da tela do computador, Zarubina o presenteara com uma minicâmera espetacular, uma Chobi Cam japonesa não muito maior que uma borracha escolar e com uma resolução bastante superior à dos iPhones, que aliás eram proibidos nas dependências do QG.

– Claro que a Linha T possui câmeras melhores e mais sofisticadas, mas eu não queria esperar, e esta aí dá conta do recado – dissera ela, mas a verdade era bem outra: caso Angevine fosse pego, uma câmera japonesa dificilmente seria associada ao SVR. – Use o modo vídeo e vá rolando as páginas na tela o mais rápido que puder. Depois recuperamos as imagens.

Era exatamente isso que ele estava fazendo agora. Pressionando a tecla Page Down ele ia filmando os dados que despencavam no monitor à sua frente, uma cascata de cabogramas, memorandos e relatórios, tão numerosos que ele nem sabia direito o que havia neles. Por instrução de Zarubina, vinha alternando entre três câmeras batizadas de Alfa, Beta e Gama, e com elas estava esvaziando os cofres de confidencialidade da agência.

No último encontro, a *rezident* delicadamente havia lembrado que eles ainda precisavam descobrir quem era o informante da CIA em Moscou. Angevine, pela terceira vez, explicara que havia um punhado de casos de tal modo restritos que apenas três pessoas tinham acesso a todos os documentos. Para proteger a identidade da fonte, a inteligência produzida por esses casos especiais era tão cuidadosamente editada que não era possível descobrir sequer o nome, o sexo ou a nacionalidade do informante. Mais carinhosamente que nunca, Zarubina pedira que ele continuasse tentando.

Pois foi numa das reuniões semanais com a odiosa Gloria Bevacqua que ele finalmente identificou uma maneira de contornar as barreiras da compartimentalização e ter acesso à identidade dos ativos restritos. No meio de uma de suas muitas observações irrelevantes, a desgraçada reclamara vagamente do excesso de burocracia do departamento de finanças, que, segundo ela, mantinha um rol com o *nome verdadeiro* dos informantes para poder sacar das verbas federais especialmente alocadas para esse fim e fazer o depósito na conta fantasma de cada um. Ninguém atentou para o comentário dela, para essa brecha acidental no sistema, apenas ele. Mais tarde, Angevine descobriria que, na qualidade de vice-diretor de Relações Militares, podia ter acesso a essa base de dados secreta desde que apresentasse um bom motivo para isso, uma prestação de contas com as Forças Armadas ou algo assim. O que tinha lá o seu risco. Ele deixaria um rastro. Era possível, mas teria de ser feito uma única vez.

No encontro seguinte com Zarubina, ele esperou até o último minuto para dar a notícia, apenas para aumentar o drama.

– É uma oportunidade única. Não dá pra fazer duas vezes. E vai custar um milhão – disse ele.

Yulia Zarubina recebeu a câmera Beta que ele entregou e trocou pela Gama, já pensando no tesouro que a engenhoca traria de volta no próximo encontro: os nomes verdadeiros dos informantes mais valiosos da CIA no mundo inteiro, inclusive na Rússia. Esse seria o fim dos vazamentos de Moscou. Com tapinhas carinhos no ombro de seu próprio informante, disse que ele era um gênio e que os dólares (ou o que mais ele quisesse: euros, diamantes, moedas de ouro) seriam entregues imediatamente após a devolução da terceira câmera. E riu consigo mesma quando viu o homem literalmente lambendo os lábios.

– Daqui a duas semanas nos vemos de novo no local combinado. Até lá, Triton. Se cuida!

Voltando para a *rezidentura*, ela rapidamente redigiu a mensagem-relâmpago que incendiaria a central, depois deu asas ao pensamento e viu a si mesma já em Yasenevo, sentada na cadeira de diretora-geral do SVR, um telefone ao lado com uma linha direta para o Kremlin.



Bohze. Mais uma noite de pelos de urso na boca, de suor pingando no rosto. Yevgeny já havia saído, mas ela continuava na cama, ouvindo o coração que batia desenfreado em seu peito. Quase vomitara ao ouvir do subchefe a novidade mais quente da Linha KR: dali a duas semanas Triton entregaria a Zarubina uma lista com os nomes dos agentes da CIA no exterior, entre os quais certamente estava o dela. Não havia nada que Benford pudesse fazer para protegê-la. Os lobos estavam fechando o cerco. Estranhamente, não era medo o que ela estava sentindo, mas uma vontade cada vez maior de destruir o mundo corrupto *deles*.

Dominika tinha duas semanas para viver. Essa constatação, somada ao convite do presidente para uns dias à beira-mar numa mansão no golfo da Finlândia, havia desencadeado um pensamento febril que aos poucos se transformara num plano impossível, suicida, mas que ela sabia que levaria a cabo: arruinar os *piiavki*, as sanguessugas que nunca despregavam suas ventosas nojentas do ventre do país. Ela faria o que tinha de fazer, nem que isso lhe custasse a vida. E estava correndo contra o tempo. Pensando em Hannah, rapidamente digitou duas mensagens SRAC e saiu de carro a fim de transmiti-las para um dos sensores escondidos na cidade.

MENSAGEM 35. URGENTE. ZARUBINA INFORMA QUE Triton ENTREGARÁ O NOME DE UM AGENTE RUSSO, ALTO GRAU DE CERTEZA, NO PRÓXIMO ENCONTRO DELES NO LOCAL CODINOME RUSALKA. SEM MAIS DETALHES. olga.

MENSAGEM 36. CONVITE DO PRES. PARA STRELNA DAQUI A DEZ DIAS. USAREI VIAGEM PARA LEVAR Lyric ATÉ O LOCAL DE EXFILTRAÇÃO NA MADRUGADA DO DIA 12. INICIAR ROTA VERMELHA DOIS. olga.

As duas mensagens caíram sobre Langley e as estações de Moscou e Atenas feito uma bomba, ou, nas palavras de Gable, feito “o sino barulhento de uma igreja”. Benford vinha falando ao telefone com ambas as estações, distribuindo ordens feito o demônio que de fato era. Com a anuência de Forsyth, convocara Nate para Washington porque precisava de um bom operador de rua para evitar a todo custo que Triton conseguisse chegar até Zarubina. Redigira pessoalmente as respostas que Hannah deveria repassar a Diva via SRAC:

MENSAGEM 35 RESPOSTA. SUPONHO QUE RUSALKA SEJA O LOCAL DAS COORDENADAS REPASSADAS. VC PODE CONFIRMAR LOCAL E DATA EXATOS?

MENSAGEM 36 RESPOSTA. EM HIPÓTESE ALGUMA TENTE EXFILTRAR Lyric. É IMPERATIVO QUE VC RESERVE A ROTA VERMELHA DOIS PARA SEU PRÓPRIO USO E O DE MAIS NINGUÉM. SOLICITEI UMA REUNIÃO DE EMERGÊNCIA NO LOCAL SKLAD AMANHÃ. CONFIRME.

Incitado pela gravidade da situação, Vernon rockmorton, o chefe da estação de Moscou, ligou para Benford a fim de dizer que iria pessoalmente ao encontro com Diva para demovê-la da ideia de exfiltrar Lyric.

– Isso requer a mão mais forte de um oficial sênior – alegou.

– Vern, você não vai a lugar nenhum – rugiu Benford, ciente de que o babuíno da bunda vermelha levaria consigo metade do FSB para o encontro com Dominika. – É Hannah Archer quem irá. É pra isso que ela está aí. Fui claro?

Ele assentiu a contragosto, resmungando.

As mensagens agora estavam sendo trocadas a intervalos cada vez mais curtos. Irene Schindler, a subchefe da estação, precisou abrir mão do seu gim-tônica de praxe para colher do sensor número três a resposta rebelde de Diva, a famosa mensagem 37:

MENSAGEM 37. ENCONTRO EM SKLAD AMANHÃ CONFIRMADO. NÃO ABANDONAREI Lyric. NÃO VOLTAREI ATRÁS. ELE E EU ESTAREMOS NA PRAIA DE EXFIL NA MADRUGADA DO DIA 12. LEMBREM QUE ELE NÃO TEM O DOM DE CAMINHAR SOBRE A ÁGUA. olga.

No seu cubículo na estação, Hannah comia um sanduíche de pastrami que havia comprado na própria embaixada. Os cozinheiros russos da cafeteria conseguiam arruinar boa parte das receitas americanas com a adição de inexplicáveis ingredientes locais (picles de legumes na lasanha, castanhas escaldadas no macarrão com queijo), mas por obra de algum milagre faziam um excelente sanduíche de pastrami. Talvez a explicação estivesse na paixão dos eslavos pelos salames e embutidos em geral, ou pelas carnes curadas na salmoura, parentes relativamente próximos do pastrami. O sanduíche vinha com queijo, cebolinha e uma salada de repolho à base de muito vinagre; numa embalagem separada vinha o *khrenovina*, o molho picante que os cozinheiros russos chamavam internamente de *virviglaz*, ou arranca-olho. Mas Hannah sequer abriu o copinho plástico. A última coisa de que precisava era sentir os efeitos da pimenta bem no meio da rota de detecção de vigilância que tinha pela frente. O encontro daquela noite era de vital importância, tal como Benford, mais tenso que nunca, havia explicado por telefone:

– Hannah, você vai ter que dobrar a garota, tirá-la dessa viagem messiânica de querer salvar o general. Ela *não pode* se colocar numa situação de tanto risco! Você faça o que tiver de fazer, não quero nem saber. Minta, se for preciso. Diga que o transporte não está disponível, que o local foi comprometido, que eu tive um infarto e estou no CTI. O que pode muito bem acontecer nas próximas doze horas.

– Ou menos – brincou Hannah, arrependendo-se imediatamente.

Sabia que ainda não tinha esse tipo de intimidade com o chefe.

– Hannah Emmeline Archer – disse ele, após um silêncio no qual se podiam ouvir as batidas de ambos os corações. – Tenho até algum apreço por este seu entusiasmo juvenil. Reconheço que você tem feito um belo trabalho em Moscou. Mas, de hoje em diante, *nem pense* em fazer uma piada antes que eu diga: “Pronto, agora você pode fazer uma piada.”

Hannah estranhou que ele soubesse seu nome do meio, que tivesse falado exatamente como seu pai. Seu sanduíche estava pela metade e assim permaneceria.

– Simon, você me escolheu pra esta missão. Não vai se arrepender. Fique tranquilo, vou falar com Diva.

– Ótimo. A bênção apropriada neste caso é a mesma que os operadores do nosso serviço têm usado por mais de sessenta anos: “Boa caçada.” – Um instante de silêncio. – E que Deus te acompanhe – emendou o misantropo agnóstico que tinha por bíblia um manual de espionagem e que na busca de seus objetivos não pensava duas vezes antes de mentir, trapacear ou surrupiar.

A ligação terminou com o ruído aquoso das conexões seguras.

Já estava quase na hora. Hannah havia reservado oito horas para sua rota de detecção. O encontro estava marcado para as onze da noite. Abortá-lo estava fora de questão, portanto não havia margem para erros, muito menos para vigilantes. Voltando para sua mesa, ela releu todos os dados a respeito do local Sklad, reviu as fotos e pela enésima vez repassou a rota que havia desenhado meses antes e submetido recentemente à aprovação do chefe da estação (não que ele entendesse alguma coisa do assunto) e de Langley. Se quisesse, poderia percorrê-la de olhos fechados. Estava usando calças pretas e um suéter de tricô também preto; no lugar dos sapatos baixos, botas de cano curto e sola de borracha com meias de lã bem grossas. Já havia esvaziado os bolsos, deixando na gaveta o celular, as chaves de casa e a carteira. Levaria apenas as chaves do carro e o documento de identidade emitido pela chancelaria russa.

Estava frio demais (sobretudo após o sol se pôr) para sair com o casaco impermeável de sempre, então ela o havia trocado por um casaco russo bem mais pesado, com gola e punhos de lã, fechado com botões enormes. Assim que deixasse a embaixada, cobriria a cabeça com uma echarpe escura, feito uma *babuchka*, para esconder o perfil do rosto e o louro dos cabelos. Pegou seu monóculo de visão noturna, guardou-o no bolso do casaco e fez uma última conferência. Tudo certo. “Dominika”, pensou, “você vai *ter* que me ouvir. Minha missão é mantê-la viva.”

Espremendo-se entre as mesas ela atravessou o trailer e bateu à porta do chefe da estação para avisar que já estava de saída. Por ordens de Benford, era sempre respeitosa com o vaidoso Vernon rockmorton, por mais que ele desse provas de sua incompetência e por menos que reconhecesse a anta que de fato era. Num primeiro momento ele a havia deixado em paz, ciente de que ela estava ali por ordens diretas de Simon Benford, mas aos poucos começara a tomar para si os sucessos operacionais que não eram seus, tornando-se cada vez mais intrumetido

e palpiteiro. Hannah vinha pacientemente lidando com ele, preferindo não reclamar com Benford e poupando o homem de um belo e doloroso esporro. Talvez não demorasse muito para que ela tivesse de apelar a isso. A crise com Diva aparentemente havia deixado o pateta louco para dar uma de herói.

– Ele saiu – avisou uma voz na outra ponta do trailer.

Virando-se, Hannah se deparou com a subchefe Irene Schindler à porta de sua sala.

– Você me faz um favor? – pediu, indo ao encontro da mulher. – Quando ele voltar, diga que não pude esperar, que já saí, tudo bem? À noite, vou deixar uma caixa de lenços no console do meu carro pra sinalizar que correu tudo bem, que já voltei pra casa.

Irene apoiou o quadril no batente da porta, piscou os olhos. Tonta de novo?

– Ele foi encontrar Diva – informou.

– Como assim, encontrar Diva? – disse Hannah, já com um frio na barriga.

– Disse que ela estava precisando de uma dura e que...

– Irene, você só pode estar brincando. Como ele vai chegar lá se nem sabe onde fica o local? Com que carro ele saiu? Que rota ele pretende fazer?

– Leu o dossiê do local, desenhou sua própria rota. Faz anos que está no ramo.

– Irene, presta atenção – falou Hannah, apavorada. – Preciso sair, mas você vai ligar imediatamente pro Benford na linha segura, o número está ali na minha mesa. Escuta! Diga a ele o que aconteceu e que vou tentar chegar antes de Vern pra despachar Diva. *Está me ouvindo?*

Irene aquiesceu. Hannah deu dois passos à frente, o bastante para sentir o bafo de gim, e plantou as mãos nos ombros esqueléticos dela. Precisou resistir ao impulso de sacudi-la até trazê-la de volta para a sobriedade.

– Irene, não temos tempo a perder. Precisamos proteger Diva. Eu e você, juntas. Caramba, Irene, você já foi boa nisso! Pois agora é um bom momento pra provar que não perdeu a manha! Me ajuda, vai. Faz o que eu pedi. Não posso esperar mais – implorou Hannah, encarando-a, ainda a segurando pelos ombros.

– Me solta – disse a outra. – Tenho uma ligação pra fazer.

SANDUÍCHE DE PASTRAMI DA EMBAIXADA

Fritar as fatias de pastrami numa frigideira quente até que as bordas fiquem ligeiramente crocantes. Jogar queijo Asiago e cebolinha sobre elas, depois tampar a panela até que o queijo derreta. Passar mostarda nas fatias de pão italiano grelhadas e sobre elas empilhar o pastrami junto com uma salada de repolho à base de vinagrete. Finalizar com um fio de molho Khrenovina (processar tomate, rabanete, alho, sal, pimenta, páprica, pimentão, vinagre e açúcar até formar uma pasta homogênea).

CAPÍTULO 33

HANNAH SE VIU OBRIGADA A ignorar boa parte das regras básicas da contravigilância, optando por uma sucessão de manobras mais radicais para trazer à tona os possíveis vigilantes que a seguiam. Não identificando nenhum, procurou se convencer de que não estava na lista do SVR para aquele dia, de que estava segura. Em meio ao trânsito pesado da noite, seguiu para a zona leste da cidade, depois dobrou para sul até alcançar o distrito de Lyubertsy, uma parte erma da cidade, repleta de galpões e garagens de caminhão. Pelo espelho retrovisor ela ia marcando os carros que viravam junto com ela, eliminando suspeitos até ter certeza de que estava sozinha. A certa altura deixou seu pequenino Skoda no pátio de uma obra abandonada, esperou uns quinze minutos e prosseguiu a pé, ciente de que talvez não encontrasse o carro ali quando voltasse para pegá-lo. Ainda tinha uns quarenta minutos de caminhada pela frente.

O local Sklad ficava em determinado ponto de uma passarela de vigas metálicas enferrujadas que se estendia ao longo de um galpão escuro. Mais adiante, essa passarela atravessava para o outro lado dos trilhos do *elektrichka*, o trem elétrico que fazia as vezes de um metrô de superfície. Em torno do galpão havia outros tantos, uma infinidade deles, formando um amplo labirinto de ruelas lamacentas e parcamente iluminadas pelas poucas lâmpadas de mercúrio que ainda não haviam queimado. Cachorros zanzavam de lá para cá, uivando sempre que ouviam o estrondo do trem que passava por eles, o tremor dos telhados de alumínio, o apito escandaloso da locomotiva. O que se via ali era a decrepitude de uma Gomorra confinada por alambrados e cercas de arame farpado, um oceano de ferrugem, lama e escuridão. Assim eram os arredores de Moscou.

Hannah sentia nos ossos o frio da noite enquanto pulava de galpão

em galpão feito um fantasma, farejando o óleo e a limalha de ferro que empestavam o ar. Em dado momento sacou seu monóculo e esquadrinhou toda a paisagem à sua volta, inclusive a linha férrea. Não viu ninguém, não ouviu nada. O visor térmico registrava apenas o clarão dos postes de luz. Alguns metros à frente, parou e mais uma vez conferiu a bússola e o relógio, cogitando se dali a pouco não toparia com Vernon rockmorton e um séquito de vigilantes russos em sua esteira. Com sorte o imbecil havia se perdido no caminho e ainda andava em círculos pelo anel rodoviário, junto com os amiguinhos.

Assim que alcançou a passarela, Hannah seguiu direto para o trecho que ficava acima dos trilhos e se agachou imediatamente quando avistou o verde-escuro da locomotiva que se aproximava, fazendo chiar os cabos elétricos no alto, tirando faíscas aqui e ali, chocalhando as vigas metálicas ao passar por baixo delas. De onde estava ela podia ver o cruzamento das ruelas que separavam os galpões mais próximos. Não havia lua, e uma chuva fina começara a cair, salpicando as poças de óleo no chão.

Tudo aconteceu muito rapidamente, uma cortina que se abriu de um segundo a outro para revelar um cenário de pesadelo que a deixou boquiaberta. Um vulto se aproximava pela ruela à sua frente, e não demorou para que ela reconhecesse aquele jeito meio cambaleante de caminhar: Vernon rockmorton, embrulhado num sobretudo comprido, um chapéu moscovita de pele na cabeça, tão grande que parecia um bolo de aniversário. Com os olhos voltados para baixo, os ombros curvados e ambas as mãos enterradas nos bolsos, ele ia contornando as poças que encontrava pelo caminho, completamente *distraído*. Alguns metros atrás dele, o capô de um carro preto despontou do outro lado de um dos galpões. Merda. Ele havia sido seguido. Outro carro surgiu pouco depois no lado oposto da rua. Dois vultos desceram e ficaram esperando na penumbra. Um terceiro, sem carro, espichou a cabeça na esquina seguinte e espiou.

Uma equipe grande, constatou Hannah, o coração já querendo subir para a boca. Com seus instintos de operadora, ela sabia exatamente para onde precisava olhar em seguida. À sua esquerda, a uns três galpões de distância, mais uma pessoa vinha caminhando lentamente na direção do cruzamento. Uma pessoa magrinha, de cabeça ereta. Diva, só podia ser. Do alto da passarela ela ficou observando horrorizada enquanto os três

(rockmorton, Diva e o vigilante que surgira a pé) convergiam para o mesmo lugar. Outros vultos foram surgindo nas imediações. Outro carro também, com dois homens de chapéu escondidos atrás dele, observando.

Hannah já ia descendo da passarela para o cruzamento quando lhe veio à cabeça a imagem do pai. Não a de Benford nem a de Diva nem a de Nate, mas a do pai que ela havia deixado nos Estados Unidos. Com a echarpe fazendo as vezes de lenço de cabeça, ela subiu a gola do casaco e seguiu em frente, a adrenalina correndo solta nas veias, a respiração ofegante. Estava nervosa, mas sabia exatamente o que precisava fazer. Esperou um instante até que rockmorton a visse. Como previsto, ele reagiu com um susto, fazendo com que dois russos o atacassem por trás e o derrubassem no chão para imobilizá-lo com uma torção de braço e um joelho na nuca. Urrando de dor, rockmorton começou a dar coices no ar até que um dos homens sentou nas pernas dele.

Tudo isso não havia consumido mais do que dois segundos. No terceiro, Hannah saiu correndo rua afora, mas para a direita, na direção contrária à de Diva. O russo à sua frente gritou algo e tentou bloquear seu caminho, mas ela se esquivou a tempo e ele, escorregando na lama, foi de cara para o chão. Seguiram-se mais berros, gritos de caçadores, e os carros avançaram novamente, derrapando na rua molhada.

rockmorton não parava de guinchar, o que era ótimo: quanto mais barulho, melhor.

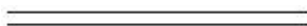
A ideia de Hannah era justamente esta, que eles a tomassem pela agente russa que viera ao encontro do seu operador americano. Ouvindo o tropel dos vigilantes às suas costas, ela pensou: “Isso mesmo, panacas, não deixem sua lebre escapar.” Quanto mais tempo durasse a perseguição, mais tempo Diva teria para dar o fora dali. Por isso ela continuou correndo, o monóculo em seu bolso batendo repetidamente contra o peito. Talvez nem fosse tão difícil assim ludibriar os filhos da puta e sair viva dali, ou pulando uma cerca, ou se embrenhando na linha do trem.

Era nisso que ela pensava quando um dos carros russos, um Volvo C30 imundo de lama, irrompeu da travessa mais próxima e a pegou de lado, na altura dos quadris, fazendo com que ela alçasse voo por uns 10 metros e aterrissasse do outro lado da rua, batendo violentamente contra a parede do galpão. O Volvo derrapou no lamaçal até parar. Um dos passageiros correu ao encontro dela, mas o motorista ficou onde

estava, como se não quisesse ver o tamanho do estrago que tinha feito. Os limpadores de para-brisa iam e vinham, alheios à chuva que já havia parado. Um segundo carro se aproximava enquanto outros quatro homens vinham correndo pela rua.

Hannah recobrou os sentidos. Lembrava apenas da pancada do corpo, mas, estatelada no chão, via à sua frente um círculo de rostos suarentos, sobrancelhas grossas, verrugas e gorros de lã. Sentia a terra molhada contra as costas, mas não as pernas. Tinha a impressão de que estava mexendo os dedos, mas não conseguia vê-los. Mal conseguia respirar. Mas o pior nem era isso; o pior era a sensação de que havia algo solto no interior do corpo. Ela olhava de volta para os russos sérios que a observavam do alto. Jamais deixaria que eles a vissem chorando. Lembrando-se do pai, mentalmente disse a ele: “Salvei a vida da russa. O senhor ficaria orgulhoso de mim. Vem me buscar, vem?”

Curvando-se, o líder dos vigilantes delicadamente afrouxou o nó da echarpe sob o queixo dela e puxou o tecido na sua direção. Hannah deixou a cabeça cair para o lado, os cachos louros parcialmente cobrindo o seu semblante de paz.



Dominika esperou por uma hora no galpão abandonado, espiando através das vidraças quebradas de uma janela. Na rua lamacenta havia dois grupos de pessoas, ambos iluminados pelos faróis de pelo menos quatro carros que haviam surgido do nada. Os do primeiro grupo arrastavam um homem, que gritava coisas incompreensíveis, para o banco traseiro de um dos carros. Os do segundo, uns dez mais abaixo na rua, cercavam um corpo caído no chão. Ela não via direito por causa da distância, mas teve a impressão de vislumbrar os cabelos de uma mulher quando um dos homens se abaixou para tirar dela o que parecia ser uma echarpe.

Estava a dois galpões do lugar exato do encontro (não mais que uns 100 metros) quando ouviu os primeiros berros, mais o barulho dos carros, e se recostou contra a parede a seu lado. Viu alguns homens correndo rua acima, mas, assustada com os carros, espremeu-se através

de uma cerca de arame rasgada e se jogou na caçamba enferrujada de uma escavadeira que parecia ter sido usada pela última vez na escavação do canal de Moscou, em 1932. Por uns quinze minutos ficou assim, encolhida no seu esconderijo, ouvindo os homens e carros que passavam de lá para cá. Quando as coisas enfim se acalmaram, espichou o pescoço e espiou. Tão cedo não poderia sair dali. Sabia que o FSB deixaria dois carros no local até que tivessem certeza de que não havia mais ninguém por perto.

Marta e Udranka sentavam-se no alto de uma torre de engradados. Você foi dura demais com a americana, disse Marta enquanto Udranka balançava o pé. Está vendo como todos gostam de você?

Trêmula, Dominika fechou os olhos e refletiu. Não sabia o que havia acontecido, mas algo lhe dizia que tinha sido o corpo de Hannah que ela vira caído no chão. O FSB jamais atacava diplomatas deliberadamente, mas de modo geral vigilantes eram ferozes cães de caça, capazes de qualquer coisa quando farejavam sangue no ar.

E, por falar em cães, dali a pouco ela avistou na escuridão um par de olhos vermelhos que foi se aproximando até que ela pôde discernir o focinho e as orelhas eriçadas de um cachorro enorme, com ares de lobo, soprando vapor da bocarra enquanto arfava. “Uma criatura saída do inferno”, ela pensou. Bastaria um único latido ou rosnado para que os homens do FSB viessem correndo para ver o que era. Mas por enquanto o animal não fazia mais do que observá-la de longe, a cabeça baixa, os ombros salientes no alto. Lembrando-se de algo que seu pai costumava fazer com Gustave, o dachshund da família, ela estendeu o braço na direção do cachorro e ficou esperando enquanto ele avançava timidamente para farejar sua mão. Imóvel, cogitou como seria a vida dele: se era espancado, se passava fome, se odiava aquela gente tanto quanto ela, se as pessoas tinham medo dele.

O cachorro encarou-a por alguns segundos, depois lhe deu as costas e saiu trotando na escuridão, virando-se uma última vez como se quisesse dizer: “*S volkami jit, povlochi vit.*” Para viver com os lobos, uive como os lobos.

Dominika silenciosamente agradeceu ao cão assustador, que acabara de lhe dar uma ideia.

Benford mal conseguia falar ou pensar. Vinha cuspindo marimbondo desde a ligação de Irene Schindler, doze horas antes, informando que Vernon rockmorton saíra para se encontrar com Diva e que Hannah partira no encalço dele. Nate chegara de Atenas naquele mesmo dia, bem no meio da crise, e agora remoía os acontecimentos no sofá da sala, cansado da viagem, a barba ainda por fazer. Janice Callahan buscara chá e café, e Margery Salvatore trouxera de casa diversos potinhos de *soupe au pistou*, uma sopa de legumes com pesto de manjerição que espalhava pela caverna de Benford um delicioso perfume. A ideia era que a receita provençal apaziguasse o estômago e os ânimos de todos até que a cafeteria do prédio abrisse pela manhã, mas ninguém estava com cabeça para comer.

Eles vinham esperando pela bomba a qualquer momento nos noticiários de TV, sobretudo na VGTRK, a emissora estatal russa, alguém informando que os serviços de inteligência do país haviam desmascarado mais um traidor, mais um criminoso subornado pelo Principal Inimigo (epíteto herdado pelos americanos desde a Guerra Fria) para apunhalar a *Rodina*, o qual seria levado a juízo assim que terminassem os interrogatórios. Benford já havia ligado mil vezes para Irene Schindler em Moscou, pedindo notícias, mas rockmorton e Hannah ainda não haviam dado as caras na embaixada, embora já devessem ter voltado há muito tempo. Nenhuma notícia de Diva. Irene já havia solicitado ao cônsul-geral que ele pedisse informações ao Ministério das Relações Exteriores, mas nenhuma resposta havia chegado até então.

Ultimamente as coisas não andavam nada boas para Nate Nash, e ele agora as repassava uma a uma como se estivesse folheando um álbum de fotografias com o título gravado na capa: “Esta é a merda em que você se encontra.” Ele havia perdido Lyric (não por culpa sua, mas a perda de um ativo era sempre uma decepção); o relacionamento com sua agente/amante ia de mal a pior; ele havia dormido com Hannah Archer, uma colega de trabalho que agora estava desaparecida em Moscou; Diva metera na cabeça a ideia suicida de exfiltrar Lyric na costa báltica da Rússia, embora este último estivesse em regime de prisão domiciliar por

suspeita de traição; Benford o havia convocado para uma operação ainda indefinida com o objetivo de impedir que um informante nos quadros da CIA entregasse a identidade de Diva para a *rezident* do SVR em Washington, uma bruxa com ares de vovó que aparentemente era imbatível nas ruas; e Marty Gable, seu chefe na estação de Atenas, já havia pedido que ele reservasse um tempinho após sua volta à Grécia para um papo reto sobre sua falta de profissionalismo, seu absoluto descaso pelas instruções e sua condição de “asno-mor da República Federativa dos Jumentos”.

Do outro lado do mundo, Aleksei Zyuganov também espumava à sua mesa na Linha KR em Yasenevo. Os imbecis do FSB haviam se precipitado na operação da noite anterior: só mais um segundo de paciência e eles teriam engaiolado o gambá russo que os americanos pretendiam encontrar naquele deprimente labirinto de galpões. Disso ele tinha absoluta certeza. E o mais provável era que esse gambá fosse justamente o informante, o peixe-grande, que eles tanto queriam pegar. Em vez disso os idiotas haviam criado um incidente diplomático. A morte accidental da mulher custaria o emprego de mais de um vigilante daquela equipe, e ele cuidaria pessoalmente para que eles passassem pelo menos uns dias na prisão. A loura americana não significava nada para ele, não tinha nenhuma importância. Mas, ao saber o que havia acontecido, ele correria imediatamente para o necrotério da polícia em Lyublino para examinar os pertences dela. Encontrara apenas o documento de identidade e o monóculo de visão noturna. Uma pulseirinha de linha azul havia sido cortada do pulso dela. Nenhuma anotação, nenhum recibo esquecido nos bolsos, nada que desse a ele alguma pista sobre quem ela tinha ido encontrar. Nada escondido no forro do casaco, no solado das botas. Eles haviam erguido o lençol para que ele visse a cavidade roxa no quadril do cadáver, mas ele havia preferido olhar para o rosto, e por uma fração de segundo se perguntara: uma moça tão jovem, operando na capital... quantas mais haveria como ela? Que tipo de adversário seria?

Zyuganov baixou os olhos para o relógio. Dali a mais ou menos uma hora o Ministério das Relações Exteriores avisaria a embaixada americana sobre a morte da mulher, assim que eles terminassem o interrogatório que vinham fazendo havia seis horas com o chefe da CIA numa saleta do FSB. Imundo de lama, pingando muco do nariz, o homem chorava vergonhosamente como uma criança em apuros, e eles vinham filmando tudo, imagens que poderiam muito bem ser aproveitadas num futuro documentário de televisão, inclusive aquela em que ele mijava nas calças, formando uma poça no chão. Pelo menos uma qualidade ele tinha: ainda não havia confessado nada, tampouco confirmado o que eles já sabiam: que a moça no necrotério era uma operadora da CIA. A noite havia sido um fiasco completo. Um trabalho sujo, realizado por um bando de incompetentes, resultando num grande inconveniente para as autoridades diplomáticas.

No entanto, Zyuganov tinha a vaga impressão de que nada disso desagradaria o presidente. Pelo contrário. Era bem provável que ele insistisse que o episódio fosse amplamente divulgado pela mídia. Qualquer prova do descaso americano pela soberania russa combinava perfeitamente com o discurso nacionalista que o mantinha no trono. A Guerra Fria ainda não havia acabado. A Rússia precisava se manter forte para enfrentar a sanha predatória do Ocidente. Precisava resgatar o poder e a majestade do passado. O próprio presidente gostava de contar a piada: “Descobrimo-se que Stalin continuava vivo num casebre na Sibéria, uma delegação foi enviada para convencê-lo a voltar para Moscou, assumir o poder e devolver à Rússia a glória do passado. Após alguma hesitação ele acabou concordando. ‘Tudo bem’, disse. ‘Mas dessa vez não vou ser tão bonzinho.’”

No fundo, no fundo, era até bom que o FSB tivesse feito aquela cagada. Ele queria pegar o informante com suas próprias mãos com base nas informações que Triton entregaria a Zarubina dali a cinco dias. Queria acorrentar o traidor, mostrá-lo pessoalmente a Putin, depois amarrá-lo numa mesa e perfurar o tórax dele com um trocarte cirúrgico. Além disso, já fazia um tempo que ele andava com a pulga atrás da orelha no que dizia respeito a esse informante, uma suspeita apenas vaga mas deliciosa de contemplar. Para fundamentar sua teoria, vinha agindo como a venenosa *karakut* das estepes, pacientemente fiando sua teia ao mesmo tempo que atentava para as vibrações à sua volta, por mínimas

que fossem.

A capitã Egorova, com a elegância de seu porte e a frieza ártica de seus olhos azuis, vinha conquistando um sucesso após o outro, construindo uma carreira que, de tão espetacular, parecia desafiar os limites da sorte. Contra todas as probabilidades, ela havia sobrevivido aos ataques de um assassino das Spetsnaz, dos açougueiros do Departamento Cinco e de Eva Buchina. Um espanto. Milagrosamente, conseguira fisgar Korchnoi. Outro espanto. A rota fluvial que ela havia sugerido para o transporte do piso alemão, que tanto agradara ao presidente, era outra grande interrogação: quem conhecia geografia tanto assim? Ali tinha o dedo de outra pessoa, só podia ser. Quanto a Soloviov, difícil acreditar que a intuição dela fosse tão apurada assim, a ponto de identificar um traidor com uma única entrevista.

E mais recentemente ele havia detectado outras vibrações nos fios da sua teia. O *rezident* de Atenas enviara uma mensagem em que parabenizava a Linha KR pelo sucesso da sua investigação, mas lamentava não ter podido passar mais tempo na companhia da capitã, embora compreendesse perfeitamente as preferências de uma inspetora de contrainteligência. Intrigado, ele havia ligado para esse mesmo *rezident* e descoberto que Egorova não havia se hospedado no complexo da embaixada, mas num hotel desconhecido. Com a exceção de alguns poucos eventos sociais a que comparecera na embaixada, ficara solta nas noites da cidade por quase duas semanas. O que não chegava a constituir uma infração, mas também não deixava de ser estranho. Como explicar tantos pontos nebulosos? O que a ex-bailarina teria feito nessas noites todas de liberdade? Seria o caso de perguntar? Não. Melhor que ela não percebesse nada. Muito em breve Triton e Zarubina dariam todas as respostas de que ele precisava.

Isso não era tudo. Ele havia percebido uma rápida interação entre Egorova e Yevgeny nos corredores do prédio. Vendo a capitã sair da sala de reuniões, Yevgeny se adiantara ao encontro dela e a cumprimentara com uma pequena medida, feito um mordomo de ópera-bufa. Até aí tudo bem, porque seu peludo imediato era mesmo um palhaço com as mulheres em geral. O que lhe parecia estranho, muito estranho, era o sorriso com que Egorova havia retribuído o gracejo. Ele, Zyuganov, não entendia nada de sedução, de paqueras, mas sua rede de sinapses apontava a outra direção bem menos romântica: era bem possível que

sua funcionária-celebridade estivesse enredando o ingênuo Yevgeny, o que não era nada bom.

Mas, na sua opinião, o status da capitã como preferida de Putin era o pior de tudo. Ele cuspiu fogo só de pensar nisso. Tinha se desdobrado para fechar a triangulação com os iranianos, engolira um milhão de sapos por parte daqueles chatos do MOIS. Sua contribuição havia sido tão importante quanto qualquer outra, o próprio Govormarenko havia comentado isso. Inclusive para Putin. Então... por que esse favoritismo todo com a capitã? Quando Zarubina assumisse a diretoria do SVR e o nomeasse vice-diretor, aí, sim, ele teria o respeito que merecia. Quando esse dia chegasse, o presidente já teria trocado de favoritas e caberia a ele, Zyuganov, decidir o futuro de Egorova: representante do SVR na base da Marinha em Severomorsk; gerente de inteligência em Grozny, na Chechênia; assistente no Instituto Kon, a boa e velha Escola de Pardais que ela conhecia tão bem. Ela que passasse o resto da vida ensinando técnicas de boquete para as caipiras das repúblicas. Isto é, se *não* fosse ela a informante.

Zyuganov ficaria apoplético se soubesse do convite que sua subordinada havia recebido do presidente para um fim de semana inteiro na companhia de poderosos em Strelna. Mais ainda se soubesse que ela havia usado seus dotes de pardal para convencer Yevgeny a assinar a autorização para que ela usasse um carro oficial para fazer a viagem de 600 quilômetros até o norte do país. Yevgeny, aliás, estava cada vez mais convencido de que tinha apostado suas fichas na pessoa certa ao escolher Dominika como aliada. Só por isso correria o risco de não contar nada ao chefe.



As notícias ruins chegaram de duas frentes para Benford e seu grupo: tanto do Departamento de Estado quanto do Centro de Operações da própria CIA. Segundo a chancelaria russa havia informado à embaixada americana em Moscou, o primeiro secretário Vernon rockmorton fora detido pelo FSB sob suspeita de espionagem, mas a imunidade diplomática o deixava livre para retornar à embaixada desde que ele

saísse do país no prazo de 48 horas. A papelada que o declarava oficialmente como *persona non grata* já havia sido providenciada.

A segunda notícia ruim era na verdade notícia nenhuma: Diva ainda não respondera a nenhuma das três mensagens SRAC deixadas pela apavorada Irene Schindler, pedindo urgentemente que ela desse algum sinal de vida. Talvez estivesse dormindo em casa, recuperando-se do possível pesadelo que a obrigara a abortar o encontro daquela noite. (Janice, Dante e Nate já haviam passado por isso, conheciam aquele frio na barriga, aquele suor que empapava as muitas camadas de roupa, aquela aflição de se ver cercado de vigilantes por todos os lados.) Ou talvez estivesse algemada e seminua numa sala de muito calor e persianas encardidas, sofrendo nas mãos atrevidas e violentas de dois ou três oficiais do SVR que se alternavam nas preliminares enquanto aguardavam o camburão que a levaria para Lefortovo ou Butyrka, onde finalmente ela seria entregue a uma corja de médicos, psicólogos e químicos que se sucederiam no martírio final, uma *matrioska* de torturadores no centro da qual, Benford podia jurar, estaria ninguém menos do que Aleksei Zyuganov.

A terceira notícia era a pior. Já passava da meia-noite quando Dante Helton foi convocado à Central de Operações para pegar a transcrição de um cabograma (impessoal, sucinto e com uma reconhecível pitada de sarcasmo soviético) enviado pelo Ministério das Relações Exteriores, no qual se lia: “Hannah Archer, terceira secretária da embaixada americana, morreu num acidente de trânsito neste último dia 10. Por desatenção, foi atropelada por um veículo numa noite chuvosa. Aguardamos orientação sobre a disposição do corpo.”

Dante agora sentava-se no sofá de Benford com a cabeça caída entre as mãos. Margery e Janice choravam baixinho sem nada dizer. Lá pelas tantas, Benford suspirou e disse:

- Era uma moça excepcional... E você, Nate? O que pretende fazer?
- Vou fazer chover no piquenique de Zarubina – afirmou ele, sério. – Não vou deixar que ela receba o nome da Domi.

Benford encarou-o em silêncio, e ele o encarou de volta, dizendo:

- Simon, pode acionar a Rota Vermelha Dois. A Domi vai sair daquele inferno. Ninguém vai conseguir detê-la.

SOPA DE LEGUMES COM PESTO DE MANJERICÃO

Numa caçarola, refogar cebola, alho-poró e aipo no azeite quente. Juntar acelga ou couve, feijão branco previamente cozido e caldo de galinha para cobrir. Esperar ferver, depois acrescentar tomates picados, alguma massa curta, abobrinha picada e os caules descartados da acelga ou da couve. Deixar em fogo baixo até que os ingredientes cozinhem. Temperar a gosto. Ao servir, finalizar com uma colherada de pesto (processar alho, sal, manjericão, tomates picados, azeite e queijo ralado – parmesão ou gruyère – até formar uma pasta espessa).

CAPÍTULO 34

NA PRIMEIRA REUNIÃO DO DIA,

Udranka chamou-a de um canto. Também fui uma sereia do Kremlin como você, disse ela. Todas nós somos, . Estamos juntas neste maldito barco. Hannah entrou em seguida e sorriu para ela

Rusalka

=====

jopa

Rodina

Voina

Katiucha

Sviaschennaia

=====

militsiia

imediata

siloviki

Pora spat, polnoch; skoro zapojut petuhi.

claro

militsiia

vranio

rezidentura

eliminados.

pirahi

Rusalka

instantânea

tossbag

Rusalki

PIRAHI – TROUXINHAS DE BETERRABA

Ferver leite com gordura vegetal e manteiga, e depois deixar esfriar. Misturar fermento e açúcar na água e reservar. Bater ovos, sal e açúcar, incorporar com o leite e o fermento, depois juntar farinha para formar uma massa tenra. Abrir a massa, cortar rodela e cobrir com uma colherada do recheio (beterraba ralada, açúcar e sal refogados na manteiga). Fechar as trouxinhas individuais, deixando uma pequena abertura em cima. Assar em forno médio até dourar, depois servir com manteiga derretida, creme azedo ou iogurte.

CAPÍTULO 35

O CORPO DE YEVGENY JÁ

Vojd

porra

cagando

Sei

Sapsan



vinho rosé

tenham

Spasibo

Udacha

Stupai s Bogom...

Rusalki

=====

Da -

Arlington

.



praviteli

toc-toc-toc

réchauds

flûte

Gospodin

Gospodin

.

Rodina

Será

Gospodin

por que

quem



oxfords

verdadeiros

nomes

ele próprio

Va-t'en, cochonne.

BOLINHOS DE BATATA COM MOLHO DE COGUMELO

Ralar batatas e cebolas descascadas; acrescentar um ovo, sal e farinha para formar uma massa espessa. Despejar colheradas da massa no óleo quente e fritar até que fiquem douradas. Para o molho de cogumelo: processar cogumelos e cebolas previamente refogados, junto com creme azedo e creme de leite; esquentar a pasta resultante em fogo baixo (não deixar ferver), acrescentando um pouco mais de creme de leite. Finalizar com cebolinhas picadas.

CAPÍTULO 36

NATE E BENFORD ESPERAVAM SOZINHOS numa sala de reuniões do Washington Field Office, o novo prédio do FBI na zona norte de Washington. Benford não gostara nem um pouco de ser obrigado a se despendar para aquele fim de mundo que nos idos do século XIX havia abrigado Swampoodle, a favela de imigrantes irlandeses colocada abaixo para dar lugar à Union Station. Não sem uma pitada de ironia, já havia observado que a mudança fora feita tão somente para que os caubóis do FBI ficassem mais próximos do Government Accountability Office, a delegacia de polícia do Congresso Nacional.

Ao longo dos anos ele já havia trabalhado inúmeras vezes em parceria com o FBI. De modo geral, não gostava daquela gente, mas tinha ali alguns poucos amigos, entre eles Charles Montgomery, o chefe da Divisão de Contraineligência Externa, com quem agora tinham uma reunião. E ainda estavam esperando para ser recebidos quando um agente especial conhecido de Benford entreabriu a porta da sala, colocou as duas mãos em concha na boca e anunciou:

– Atenção, atenção! Espiões na casa, espiões na casa!

Benford olhou com impaciência para o sujeito, que tinha uma farta cabeleira e um bigode que parecia um pincel de cozinha.

– McGaffin – chamou ele. – Por que você não vai pra rua prender algum ladrão de banco?

– Já prendemos todos, não sobrou nenhum – anunciou o outro. – Mas e vocês, o que estão fazendo por aqui?

– Soubemos que Moscou tem um informante dentro do FBI e estamos aqui com um mandado judicial pra investigar a sua movimentação na internet, que certamente deve transitar entre o pueril e o ignóbil.

– Desculpa, mas não falo chinês – disse McGaffin, e se afastou.

Virando-se para Nate, Benford falou:

– Agora você entende por que eu não queria vir aqui falar com esses patetas.

Nate balançou a cabeça e explicou-se:

– Temos apenas uma chance de pegar a Zarubina e identificar o Triton. Se os patetas têm uma ideia, acho que devemos ouvir.

Charles Montgomery enfim chegou. Apertou a mão dos visitantes, acomodou-se do outro lado da mesa e disse:

– Desculpem o atraso, mas cheguei ontem de um interminável congresso em Londres. Ainda não me recuperei direito da diferença de fuso. – Cinquenta anos. Magro. Grisalho. Óculos de leitura equilibrados na ponta do nariz. Olhos de policial que nada deixavam escapar.

– Pelo menos você pôde aproveitar a famosa culinária inglesa – gracejou Benford.

– Pois é. Nunca tinha ouvido falar de *haggis* antes. Que, aliás, não é inglês, é escocês. Comi um prato inteiro antes de saber o que era pelos meus anfitriões do MI5: vísceras embrulhadas em bucho de carneiro. Da próxima vez que eles vierem aqui, vou levá-los pra comer testículos de porco nas Montanhas Rochosas.

– Sempre achei que essa fosse a especialidade da lanchonete do FBI.

– Simon, os ingleses diriam que você é um *prannock* – resmungou Montgomery, sério, abrindo uma pasta de arquivo à sua frente. – Nem preciso explicar o que é, certo?

– Podemos começar? – perguntou Benford.

– Vamos lá – disse Montgomery. Era um dos poucos no FBI que sabiam da existência de Triton. – Olha, já falamos sobre isso. Zarubina vai se encontrar com o amiguinho dela em algum momento nos próximos sete dias. Atendendo a seu pedido, ficamos longe da russa pra que ela não se assustasse e abortasse o encontro. Mas ainda acho que podemos pegá-la.

Ele já havia sugerido que os vigilantes da Divisão de Contrainteligência do FBI, conhecidos como Gs, eram mais do que capazes de fazer um trabalho limpo.

– Charles, simplesmente não podemos correr esse risco – argumentou Benford. – Sei que o seu pessoal é competente, mas, se Zarubina captar algo de estranho no ar, vai cancelar o encontro, e os russos vão colocar Triton nas mãos de um ilegal anônimo que jamais conseguiremos identificar.

Montgomery esfregou o rosto e tomou a palavra:

– Bem, é sobre isso que eu gostaria de falar com vocês. Temos um trunfo na manga. Sabemos que o encontro será no parque Meridian Hill.

– Não sei se isso chega a ser um trunfo. O SVR já deve estar de olho nesse parque há muito tempo – opinou Nate. – Certamente vão redobrar a vigilância nas noites anteriores à data do encontro. Vão localizar os Gs, por mais competentes que eles sejam. Basta um chiado de rádio, um par de binóculos... É inevitável.

– Tudo bem, até concordo, mas tenho pensado numa alternativa – revelou Montgomery. – Entre os Gs há dois caras em particular... Já ciscaram um pouco por aí.

– Ciscaram por aí... – repetiu Benford. – O que significa isso?

– Passaram por diferentes postos.

– Por quê...?

– Problemas disciplinares – explicou Montgomery, cruzando as mãos sobre a mesa.

– Problemas disciplinares – repetiu Benford.

– Pois é. São desses que não engolem sapo.

– Tipo...

– Mandam o chefe à merda quando acham que ele merece.

– E você quer envolver dois nervosinhos numa operação delicada como esta porque...

– Porque são os dois melhores operadores de rua que já encontrei nos últimos 25 anos – afirmou Montgomery. – Se a Zarubina é uma bruxa clarividente, esses Gs são dois magos.

Benford olhou para Nate, que assentiu:

– Só nós três naquele parque, mais ninguém... Sem rádio, sem nada. A gente pega o Triton antes que ele chegue à Zarubina.

– Exatamente o que eu tinha em mente – reiterou Montgomery. – Colocar vocês três numa tanguinha de Tarzan com uma zarabatana na mão. Acho que pode dar certo.

Benford ruminou a ideia por alguns segundos, depois disse:

– E quando é que podemos falar com esses seus dois magos?

– Agora mesmo. Estão esperando lá fora – informou Montgomery, e se levantou para abrir a porta da sala.

Os dois agentes entraram e ladearam o chefe na mesa. Ambos vestiam calça jeans e um par de botinas Clarks. O da esquerda usava uma

camiseta preta; o da direita, um casaco de lã.

– Estes são Donnie Fileppo e Lew Proctor – apresentou Montgomery.

Fileppo tinha cabelos curtos e castanhos, testa alta e, pelos cálculos de Nate, uns 25 anos de idade. Proctor parecia ser um pouco mais velho, com marcas de expressão em torno dos olhos e cabelos raspados rente à cabeça. Refestelados na cadeira, ambos lançavam olhares à sua volta, fingindo desinteresse pelos homens da CIA.

– Donnie e Lew. Muito prazer – cumprimentou Benford.

– Na verdade o nome dele é Donatello – explicou Proctor, inclinando-se para ver o companheiro do outro lado de Montgomery. O rosto estava sério, mas os olhos sorriam. – Que nem a Tartaruga Ninja.

Fileppo permaneceu imóvel, olhando para a frente.

– Vocês têm experiência com vigilância solo? – indagou Nate. – Estamos com um problemão, e precisamos de dois tenentes pra me ajudar a rastrear um parque no centro da cidade.

– Que parque? – perguntou Fileppo.

– E os inimigos, quem são? – emendou Proctor.

– Vocês não precisam saber de nada até que decidamos pela sua participação – disse Benford.

Nate não olhou para ele, mas conhecia de perto aquele tom de voz. Era típico de Benford ser deliberadamente antipático para testar seus interlocutores. Fileppo apenas deu de ombros, mas Proctor disse:

– Não dá pra ajudar no tal problemão se a gente não souber que porra de parque é esse, ou quem é a porra do alvo.

Montgomery se acomodou na cadeira, aflito.

– Fomos informados de que vocês são muito bons na rua – comentou Nate.

– Bons o bastante – retrucou Fileppo. – E você, de que rua vem?

– Moscou.

Proctor assentiu.

– Por falar em Moscou – prosseguiu Nate –, este é o nosso grande problema: se algo der errado por aqui, uma pessoa morre por lá.

– Sem falar que a porra de um traidor americano continua trabalhando pra porra dos russos sem que a gente possa fazer porra nenhuma – emendou Benford.

– Não podemos permitir uma porra dessas, não é, Donatello? – disse Proctor.

Nate acompanhou os dois Gs para uma bateria de testes na rua. Montgomery não havia exagerado: ambos eram furtivos, rápidos, bem preparados fisicamente, usavam sinais quase imperceptíveis com as mãos, viravam outra pessoa com um simples capuz de moletom ou o avesso de um casaco. Como se isso não bastasse, Fileppo era um excelente atleta de parkour, capaz de correr em direção a um muro, dar dois passos como se estivesse caminhando nele e saltar para o topo.

As refeições se revelaram bastante instrutivas. Nenhum dos dois bebia em serviço. Terminado o expediente, limitavam-se a duas cervejas. As conversas eram sempre barulhentas, repletas de palavrões, mas Nate via nelas apenas uma intimidade natural entre dois profissionais acostumados a trabalhar juntos. Eles terminavam as frases um do outro, protegiam-se mutuamente, sinalizavam com um minúsculo meneio de queixo quando percebiam algo digno de atenção. Ambos eram capazes de prever o próximo passo do outro. Ao vê-los trabalhar na Avenida Connecticut, quintal da casa deles, Nate tivera a impressão de que estava vendo dois perdigueiros de caça numa ação conjunta. Eles se aproximavam sorrateiramente das lebres (civis que sequer desconfiavam estar participando de um exercício de vigilância) para observá-las por trás, depois atravessavam a rua para observá-las de frente, sempre prevendo corretamente as guinadas, sempre ajudando um ao outro com a mais ampla variedade de sinais.

Fileppo usava sua carinha de anjo para driblar porteiros. Proctor transitava livremente pelos prédios comerciais, passando-se perfeitamente por um entregador. Ambos eram capazes de ler um texto de cabeça para baixo na mesa de uma secretária, por menor que fosse o tamanho da fonte. Eram dois velhacos, dois piratas, dois visigodos. E bastaram dois dias de teste para que Nate informasse a Benford que confiava neles e que já os havia convocado para vigiar o parque Meridian Hill pelas próximas cinco noites.

O parque tinha aproximadamente cinco hectares e ficava numa colina na região de Columbia Heights, cerca de 4 quilômetros a norte da Casa Branca. Inúmeros caminhos salpicados de estátuas cortavam os bosques, mas a atração principal era a fonte italiana em que a água descia de uma

pequena piscina no alto e vinha correndo por uma sequência de treze piscinas, cada vez mais largas, até desembocar no amplo reservatório que ficava na base. Duas escadas laterais uniam as pontas de um declive de aproximadamente 50 metros, no alto das quais, acima da primeira piscina, ficava um grande terraço de inspiração neoclássica.

Nate, Fileppo e Proctor se separaram para estudar as duas metades do parque: a de cima, onde ficava uma esplanada ladeada por tílias, e a de baixo, onde ficava o reservatório da fonte. Não tinham como saber se havia russos por perto, então o plano era que saíssem separadamente e se encontrassem depois na Rua W, numa lanchonete chamada Fast Gourmet, a dois quarteirões de distância. Caminhando para a tal lanchonete, Nate fez o que pôde para localizar os dois Gs, mas eles estavam fazendo jogo duro, dando provas da própria competência, mostrando serviço para o operador da CIA com credenciais moscovitas.

Escondida nos fundos de um posto de gasolina na esquina das Ruas W e 14, a Fast Gourmet se resumia a um balcão, uma vitrine de sanduíches e apenas duas mesas. Fileppo fora o primeiro a chegar e já havia pedido três sanduíches em nome do grupo. Proctor chegou dois minutos depois, e os três permaneceram em silêncio enquanto esperavam pela comida. Nate, claro, ainda não tinha com os dois Gs a intimidade que eles tinham entre si, mas o que havia em comum entre os três era o respeito que nutriam um pelo outro: todos ali sabiam reconhecer um profissional talentoso e bem-preparado.

– Aposto que o encontro vai ser no terraço acima da cascata – sugeriu Proctor. – Duas entradas pelo lado oeste da Rua 16, e a vegetação por ali ainda é alta.

– Também acho – concordou Fileppo. – É o lugar mais lógico. Ou o único. Esquece a esplanada. O terraço dá a privacidade que eles precisam, e lá do alto eles podem ver tudo que se passa até a Rua W. Ninguém consegue passar batido naquelas escadas.

Nate olhou com desconfiança para a refeição deixada à sua frente, um sanduíche alto com pão de batata, bife grelhado, queijo, ovo cozido, cebolas e um molho que ele não conseguiu identificar. Vendo a interrogação no olhar dele, Fileppo se adiantou e esclareceu:

– Escabeche. E as cebolas são marinadas em vinagre.

– Um sanduíche uruguaio – explicou Proctor. – O melhor de Washington.

Nate deu a primeira mordida e admitiu imediatamente que o sanduíche era delicioso. Limpou a boca com o guardanapo, depois disse:

– Então. No lugar da Zarubina, por onde vocês entrariam? Onde colocariam o pessoal da contravigilância? E Triton? De que direção vocês acham que ele virá?

– Os russos gostam de ter controle absoluto sobre esse tipo de situação. É o *modus operandi* deles – informou Proctor. – Ela vai direto lá pro terraço, depois vai ficar esperando o cara chegar e subir por uma das escadas da cascata.

– Se tiver contravigilância – interveio Fileppo –, eles vão se espalhar por toda parte: atrás das árvores, na parte de cima do parque... Certamente vão estar à procura de uma equipe grande, com carros, rádios, o escambau. Se virem alguma coisa, avisam a russa e ela aborta o encontro. É pra isso que serve a contravigilância.

– Todo mundo diz que a mulher é imbatível nas ruas – comentou Nate.

Fileppo e Proctor se entreolharam.

– Nós somos imbatíveis – corrigiu o primeiro, e o outro assentiu.

Ambos largaram seus sanduíches para fazer um *high five*.

– Caramba, antes que saia namoro disso aí, preciso saber de vocês qual será o *nosso* plano de ataque.

Por uns bons três segundos os Gs não fizeram mais do que encará-lo com um olhar duro. Foi Proctor quem tomou a palavra:

– Nossa ideia é a seguinte: Donnie e eu vamos pra parte de baixo da cascata, cada um pro seu lado, buscando escudo onde for possível: nas balaustradas, nas cercas vivas, nos muros... Se for antes das dez, ainda vai ter gente no parque quando o cara chegar. Depois disso, os russos da contravigilância vão ter que lidar com os guardas que fazem a ronda antes de o parque fechar.

– E quando ele aparecer numa daquelas escadas, a gente dá o bote antes que ele chegue no meio do caminho – explicou Fileppo.

– Mas como é que a gente vai saber que esse cara na escada é o nosso informante? – perguntou Nate, atento ao que diziam os dois.

– Posso apostar que Zarubina vai usar algum tipo de sinal de segurança: ou vai acender um isqueiro, ou vai tirar um lenço, ou vai amarrar um saco plástico no corrimão, alguma porra assim – disse Proctor. – Um sinal positivo, algo que o cara possa ver no escuro. É *ela*

que vai nos dizer quem ele é.

– Aí a gente vai em cima do filho da puta – completou Fileppo. – Duvido muito que eles troquem alguma palavra. Ou algum objeto.

– Olha lá, o tartaruga já está todo empolgadinho só de pensar na rasteira que vai dar no cara – brincou Proctor, rindo. – Mas você não vai se precipitar e me deixar pra trás, vai?

– Que “empolgadinho”? Que “deixar pra trás”? – resmungou Fileppo. – De onde foi que você tirou essa merda?

– Te conheço não é de hoje, meu irmão – proclamou Proctor. – É sempre assim.

A intimidade entre os Gs era tanta que por um segundo Nate pensou estar diante de um velho casal em dia de DR. Ele mastigou mais um pedaço do sanduíche, depois disse:

– Certo, até aí tudo bem. Vocês vão atacar por baixo. Mas eu quero estar lá em cima, na cola da Zarubina. O que vocês sugerem?

Não tinha nenhum pudor de consultar os Gs. Sua especialidade era detectar e driblar os vigilantes do inimigo, e aqueles dois estavam justamente do outro lado: eles *eram* vigilantes. Não custava nada ouvir o que tinham a dizer.

– Só tem um lugar – disse Fileppo. – Aquele terraço que fica atrás da primeira piscina, lá no alto... tem três nichos na fachada, cada qual com uma fonte dentro, um espelho d’água com um jato pequeno no meio. Você vai ter que molhar os pés, mas com roupas pretas, agachado atrás do jato, e com o barulho da cascata caindo nas outras piscinas... ninguém vai ver que você está ali. Na hora certa, basta atravessar a piscina externa, que também é rasinha, e surgir do nada às costas da Zarubina.

– Talvez seja o caso de você usar uma daquelas galochas que batem no joelho – sugeriu Proctor.

– Então é isto – disse Nate. – Eu apareço do nada e me apresento pra Zarubina, educadamente falando em russo e provocando um infarto nela enquanto vocês algemam o filho da puta na escada. Depois vocês apertam o botão e acionam o resto do circo, certo?

Benford e Montgomery já haviam convocado uma frota de veículos da polícia civil, mais outros três do próprio FBI, uma van e uma ambulância para ficarem de prontidão em posições estratégicas a quatro quarteirões do parque. Bastaria um sinal eletrônico do dispositivo de

mensagens Shrapnel de Proctor (basicamente um pager codificado desenvolvido pela CIA) para que eles invadissem Columbia Heights como se fossem um enxame de abelhas. O tal dispositivo seria o único aparelho eletrônico que os Gs levariam consigo. Nada de rádios, celulares ou engenhocas: além de olhos, os russos também tinham ouvidos muito apurados.

Triton seria preso. Zarubina, com sua imunidade diplomática, permaneceria civilizadamente detida até que algum dignitário da embaixada aparecesse para buscá-la e repetisse a mesma ladainha dos seus congêneres na Guerra Fria, dizendo que a camarada estava apenas dando seu passeio noturno no parque, depois cuspiendo marimbondos ao reclamar da truculência fascista da polícia americana. Após ser expulsa do país como *persona non grata*, Zarubina voltaria ao seio de sua *Rodina* natal e enfrentaria a monossilábica irritação de seu comandante.

“E Dominika estará a salvo”, pensou Nate. Mais uma vez ela escaparia dos porões de Lefortovo.

CHIVITO – SANDUÍCHE URUGUAIO

Recheiar o pão com fatias finas de fraldinha grelhada, derreter queijo mozzarella sobre a carne, depois acrescentar presunto, *pancetta*, azeitonas verdes, ovo cozido fatiado, cebolas (cortadas bem finas e marinadas no vinagre com açúcar), alface, tomate e *aïoli*. Cortar o sanduíche na transversal e servir.

CAPÍTULO 37

ERAM 22H19. SE ALGO FOSSE ACONTECER

ribollita

intuído

babuchka

nenhum

de jeito



datchas

ousava

=====

Ah, ha, ha, ha, staying alive...

noſſo

RIBOLLITA – SOPA ITALIANA

Refogar cebolas picadas em azeite de oliva e pasta de tomate até que elas

fiquem translúcidas. Acrescentar cenoura, aipo, abobrinha, alho-poró e batatas cortadas em cubos. Cozinhar até que amoleçam. Cobrir a mistura com caldo de galinha, depois juntar couve, acelga e repolho e deixar ferver. Acrescentar feijão branco, sal e pimenta e cozinhar mais um pouco. À sopa pronta, acrescentar cubos de pão italiano dormido e misturar bem. Servir com parmesão ralado e um fio de azeite e/ou vinagre balsâmico.

CAPÍTULO 38

AINDA HAVIA UMA MANCHA COR de ferrugem no carpete, no ponto onde algo havia escorrido da cabeça de Yevgeny. Sentado à sua mesa, Zyuganov olhava para ela, mas sem enxergá-la. À sua frente estavam os cabogramas enviados de Washington com todos os detalhes dos acontecimentos desastrosos da noite anterior. Os contravigilantes de Zarubina falavam de um ataque-surpresa no parque: o informante americano havia fugido na noite, perseguido por dois homens, e ninguém sabia ainda que fim levaria. Uma segunda mensagem descrevia a cena na base da cascata, onde socorristas acudiam alguém. A terceira vinha do cônsul, comunicando oficialmente a morte da *rezident* Yulia Zarubina e contando da sua visita ao necrotério do distrito de Columbia para identificá-la. O corpo seria liberado para a embaixada apenas no dia seguinte, mas o cônsul havia recolhido os pertences da *rezident* (um relógio de pulso, um sobretudo, o pé de um sapato, papéis de bolso) para se certificar de que entre eles não havia nada de valor operacional. Segundo informara o legista de plantão, as manchas no rosto e o roxo dos lábios indicavam um fulminante infarto do miocárdio.

Zyuganov estava terrivelmente abalado. Desde muito vinha planejando subir no mesmo elevador que Zarubina para o quarto andar de Yasenevo, mas agora sua “madrinha” havia morrido. Com seus instintos de cobra, sabia que, apesar de toda a sua subserviência, ainda não havia caído nas graças do presidente; na realidade, Putin mal tolerava sua presença. A quarta mensagem de Washington dava à situação uma perspectiva operacional: até que o status de Triton fosse identificado, a *rezidentura* não faria nenhuma nova tentativa de contato. Após tamanho desastre operacional, era grande a possibilidade de que o informante tivesse sido preso e coagido a denunciar seus operadores. A menos que Triton começasse a entregar informações “incompatíveis”

(isto é, informações que os americanos jamais deixariam escapar), o caso permaneceria no congelador. Zyuganov cuspiu meia dúzia de palavrões. Seus problemas só faziam aumentar. Agora não havia mais como provar que Egorova era a informante; o general Soloviov continuava desaparecido, provavelmente nas mãos dos americanos; a operação grandiosa que ele havia orquestrado para cercar a capitã na estrada de São Petersburgo resultara numa visita da polícia à casa de hóspedes *onde ela estava sendo pessoalmente recebida pelo presidente*.

Outro mau sinal era o fato de que após esses contratempos ele não havia recebido nenhum telefonema do presidente ou do diretor. Nos tempos de Stalin, o silêncio do alto-comando significava apenas uma coisa: o comandado em questão já podia ir se despedindo da mulher e dos filhos. O único telefonema que ele de fato havia recebido era duplamente preocupante. Govormarenko ligara pela linha segura (desde quando um civil tinha acesso às linhas seguras do governo? Desde que Putin estivesse a seu lado para entregar o telefone, ora) para dizer sem muitos rodeios que a participação dele no negócio com os iranianos não seria mais necessária, que a carga já estava sendo entregue, que os depósitos já haviam sido feitos, que não havia mais nada que o serviço pudesse fazer. Zyuganov sabia muito bem o que isso significava: não havia nenhuma *viplata* no horizonte, nenhuma propina, nenhuma remuneração pelo trabalho que ele havia investido na operação. Significava também que seus laços com os *siloviki*, os cupinchas de Putin, haviam sido cortados feito as amarras de um navio prestes a zarpar.

Egorova. Zyuganov fechou os olhos e imaginou sua capitã deitada numa mesa qualquer nos porões do presídio de Butyrka enquanto ele castigava o corpo dela com um porrete de ferro: pés, canelas, joelhos, pélvis, barriga, costelas, braços, clavículas, garganta. Nos olhos ele usaria o cabo entortado de uma colher. Terminados os trabalhos, ela estaria reduzida a pedaços. Os corregedores ainda queriam interrogá-lo sobre Yevgeny, mas ele não havia tido um pinga sequer de remorso por ter pulverizado o crânio do babuíno que se dizia seu imediato. O homem havia contado tudo que sabia, mas nada que pudesse ser usado contra Egorova. Suas opções estavam ficando cada vez mais escassas. Suas perspectivas não eram nada boas. Sua carreira estava por um fio. Desta vez podia ser dito: *Bog ne vidast, svinja ne sest*. Nem Deus queria dispor, nem os porcos queriam comer.

De repente ele se lembrou da mãe, que havia atravessado quatro décadas da sua vida no turbilhão soviético, sempre num posto de alto escalão: primeiro no NKVD, depois na KGB e no SVR. Ela havia sobrevivido bravamente a Khrushchev, Brejnev, Andropov, Chernenko, Gorbatchev e ao bêbado Yeltsin, saindo incólume da dissolução da União Soviética para terminar seus dias na paisagem lunar e no saudosismo soviético da era Putin. Aposentara-se com todas as honras e agora trabalhava como consultora política da embaixada russa em Paris, um posto meramente decorativo, recompensa por uma vida inteira de lealdade à *Rodina*. Com seu poder de influência ela o havia colocado no serviço. Quem sabe agora não poderia ajudá-lo outra vez? Num impulso, ele passou a mão no seu telefone codificado e pediu à telefonista que completasse a ligação para Paris. Contaria todos os detalhes à sua *Mamulia*. Ela saberia o que fazer.

Fazia três dias desde que Dominika chegara à casa de hóspedes de Strelna. Não tendo como saber o que havia acontecido em Washington, ela esperava ser desmascarada a qualquer momento. Quase podia ouvir o tropel dos guardas vindo para detê-la, quase podia ver a si mesma sendo arrastada daquele luxuoso manicômio sob o olhar glacial de seu anfitrião. Na realidade ela já não aguentava mais aquele excesso de molhos gordurosos, a farra de vodca gelada, os lençóis borrifados com água de rosas, a vista sem fim para o mar cor de chumbo, a música ambiente que desde as primeiras horas do dia até o anoitecer não ia além das canções patrióticas (“From What Begins the Motherland”, ou “Onde começa a pátria-mãe”, um clássico do Exército Vermelho, era a favorita do presidente). O que ela via ali era um interminável entra e sai de oligarcas pançudos e ministros encardidos de nicotina, de modeletes lânguidas e atrizes de reputação duvidosa, uns e outros formando rodinhas nos salões e nas varandas do casarão, transitando de lá para cá, o amarelo das auras ambiciosas misturando-se ao verde das amedrontadas, vez ou outra ao azul das intelectuais.

Govormarenko, embrulhado no seu amarelo sujo, desde o início

incumbira a si mesmo de apresentá-la aos figurões que iam chegando, abraçando-a pela cintura como se dissesse “Ela está conosco”, e Dominika era avaliada de cima a baixo: as mulheres, atentas ao bumbum arrebitado de bailarina; os homens, à fartura dos seios. Dali a pouco ela já era conduzida à rodinha seguinte pela mão sempre boba do oligarca. Num primeiro momento ela cogitara quebrar o mindinho dele, vergando-o para trás até o punho, mas rapidamente mudara de ideia ao pensar nas próprias circunstâncias e nas oportunidades que tudo aquilo apresentava. Não havia mais Hannah para que ela pudesse enviar uma mensagem SRAC, mas ela sabia muito bem o que Nate, Gable e Benford teriam a dizer, então não fazia mais do que rir das piadas infames dos homens à sua volta, bajular as mulheres de maquiagem borrada e axilas marcadas pelo suor, vez ou outra aludindo à natureza sombria do seu trabalho.

Com sua intuição extraordinariamente sensível, ela já havia percebido a ausência de avanços e insinuações por parte dos homens presentes. Claro, não faltavam olhares indiscretos, mas era como se ela levasse pendurada ao pescoço uma acintosa letra Z de *zapovednii*: reservada, consignada, proibida. Mas reservada e consignada para quem? Govormarenko, após um preguiçoso flerte inicial (comer e beber eram seus reais interesses), limitara-se a apalpá-la na cintura e de vez em quando forçar alguma situação para roçar o ombro nos peitos dela. Estava claro que o único macho alfa daquela mansão já havia mijado no tronco da árvore e que os ômegas do bando tinham um faro apurado o bastante para captar os feromônios territoriais.

À beira d'água, o espírito de Udranka cantarolava a melodia envolvente de alguma Rusalka quando jogou a cabeça para trás e irrompeu numa gargalhada. Você é propriedade de Putin!

Tudo bem. Dominika já havia concordado em ser o agente infiltrado da CIA não só no SVR, mas também no círculo de abutres que cercava o presidente tanto na política quanto nos negócios. Putin lhe dirigia a palavra sempre que a via, detalhe já devidamente notado por uma das atrizes, que, a julgar pela expressão amarga no rosto, decerto já havia sido um dos brinquedinhos do presidente. Putin se via como um galã de cinema, quanto a isso não havia dúvida. Andava sempre metido numa camisa desabotoada no peito, um blazer mais justo que o necessário, caminhando com a desenvoltura de um marinheiro em dia de licença.

Chegara acompanhado de uma mulher linda que, dizia-se, era uma ex-campeã russa e olímpica de ginástica rítmica. E os boatos foram confirmados logo no segundo dia, quando, na academia da mansão, vestindo o protocolar collant de lycra, a loura demonstrou um dos seus muitos talentos de ginasta, o de se deitar de bruços no chão e colocar os dois pés ao lado da cabeça. Putin, com seu quimono e sua faixa preta de judoca, aplaudiu com os olhos como se estivesse diante de um pretzel humano.

Em seguida veio a demonstração de judô. Para deleite dos convidados que rodeavam o enorme tatame da academia (nenhum deles vestido para a ocasião), Putin sistematicamente derrubou seu oponente de vinte anos e em nenhum momento foi derrubado por ele: ao que tudo indicava, o garoto sabia muito bem o que precisava fazer para sobreviver naquela selva eslavo-nipônica. A certa altura, num *iama arashi* mais violento, uma mulher gritou de susto e foi imediatamente repreendida pelos demais, como se tivesse interrompido um recital de piano. Ao cabo de dez minutos, Putin deu o exercício por encerrado, limpou o suor do rosto com uma toalha e foi ao encontro da sua plateia, recebendo os aplausos com a modéstia de um olimpiano. Só então notou a presença de Dominika mais atrás no grupo.

– A capitã também luta judô? – perguntou.

Todos se voltaram para ela.

– Não, Sr. Presidente.

– Mas o que achou? – disse Putin, indiferente ao olhar curioso dos outros.

– Gostei muito.

– Parece que você foi treinada no *Sistema*, não foi?

– Sim, Sr. Presidente – anuiu Dominika, já aflita com a própria reticência.

– E, na sua opinião, como é que as duas modalidades se comparam?

– Difícil comparar. Por exemplo, identifiquei apenas quatro maneiras de matá-lo durante o seu exercício, Sr. Presidente.

A mulher nervosa por pouco não gritou outra vez. Todos agora olhavam para Putin, esperando pela reação dele, mas apenas Dominika podia ver o halo azul que começara a pulsar. Após um ligeiro espasmo no canto da boca, ele disse:

– A notória reserva do nosso serviço externo...

Em seguida saiu caminhando rumo à ampla escadaria que levava à sala de jantar, satisfeito em ser seguido pelos convidados. A tal mulher empinou o nariz quando passou por Dominika; um empresário secou o suor do rosto com um lenço e meneou a cabeça na direção dela. Dominika, por sua vez, sabia que havia marcado pontos com o presidente. Vladimir Putin era um homem unifacetado, primitivo, instintivo, chauvinista, via o mundo através de uma lente que captava apenas pretos e brancos. Mas era um conspirador nato, preocupado apenas com uma coisa: *sila*. Poder. Força. Todo o resto advinha disso: dinheiro, progresso, territórios, petróleo, respeito internacional, respeito pessoal, mulheres. Dominika esperava apenas não ter exagerado na dose.

Naquela noite, após o jantar, ela saiu para a varanda e ficou conversando com um dirigente da Gazprom, um sujeito com cara de rato que fazia a seguinte previsão: bastaria controlar as exportações de gás natural para que a Rússia colocasse no bolso todos os países bálticos no prazo de três anos. Ela ainda imaginava o rosto de Benford ao receber a nova informação quando foi abordada por um mordomo de paletó branco que se empertigou da cabeça aos pés para informar que a presença dela estava sendo solicitada no gabinete presidencial.

Ao entrar na sala, a primeira coisa que notou foi a ausência de guardas armados para levá-la embora. Putin estava sentado atrás de uma bela mesa coberta por feltro verde sob o tampo de vidro. Sobre a camisa desabotoada, vestia um paletó de smoking tão ridículo quanto o falso veludo do tecido: na sua cabeça era isso que vestia um *gentleman* após o jantar. Ele sinalizou para que Dominika sentasse à sua frente e por uns bons dez segundos não fez mais do que encará-la. Dominika precisou vencer o medo para retribuir o olhar. Nada impedia que àquela altura ela já tivesse sido delatada por Triton. Nada impedia que de um segundo a outro a sala fosse invadida pelos gorilas da segurança. Com as mãos espalmadas sobre a mesa, Putin não dava nenhum sinal externo de agitação. A aura permanecia azul e serena enquanto seu olhar estático a fitava. Dominika já estava farta daquele Svengali das estepes, daquela encenação de hipnose. Sua vontade era esbofetear o homem até deixá-lo estrábico o bastante para hipnotizar o próprio nariz.

– A *rezident* Zarubina morreu – disse ele afinal. – Ontem à noite, num encontro nas ruas de Washington.

Dominika receou tratar-se de uma arapuca. Em princípio ela não deveria saber da existência de Triton, portanto decidiu se fazer de desinformada. Baixando o olhar, falou:

– Meu Deus... Como foi que isso aconteceu?

Julgou-se convincente o bastante, apesar do frio uma barriga.

– Um infarto fulminante enquanto tentava escapar de uma emboscada.

Dominika pensou com seus botões: “Nossa, que pena, *Baba Iaga*. Não deu tempo de subir na vassoura e fugir, foi isso?”

– Emboscada? – repetiu ela. – Como pode uma coisa dessas? Zarubina era insuperável nas ruas! Mas... e o informante?

“Mas... o que foi que o informante disse?”, era isso que de fato ela queria saber.

– Sumiu, ainda não tivemos notícias dele – respondeu Putin, sem tirar o olhar de cima dela.

Estaria fazendo um jogo? Saberia de alguma coisa?

– Sr. Presidente... isso é um desastre. Mas, no meu ramo de trabalho, quando falamos de emboscadas, estamos falando de informações prévias, de armadilhas. Na Linha KR, as duas únicas pessoas que poderiam saber do local deste encontro em Washington são o coronel Zyuganov e o major Pletnev. Zarubina era muito rigorosa nas suas precauções.

– Pletnev também está morto.

Dessa vez Dominika não precisou fingir surpresa. “Coitadinho do urso”, pensou, mas agora ele estava fora do jogo, não representava mais nenhum perigo. A essa altura sua cabeça funcionava a mil por hora, calculando riscos, pesando alternativas.

– Pletnev está morto? Foi o coronel que o matou? – perguntou ela.

Putin se inclinou para a frente.

– Interessante. O que a leva a desconfiar do coronel? – indagou o presidente.

Era capaz de farejar uma intriga com a mesma facilidade com que os crocodilos farejavam suas caças no rio, a léguas de distância. E, do mesmo modo que o crocodilo Stalin, conhecia de perto as vantagens de se fomentar uma rixa entre os subordinados.

Percebendo a empolgação dele, Dominika respirou fundo e abriu a boca, dizendo que Zyuganov a boicotava dentro da Linha KR, que ultimamente não falava de outra coisa que não fosse o tal informante,

que Yevgeny morria de medo do chefe.

– Está alterado, desequilibrado – disse ela o mais naturalmente possível. – Tratava o imediato como se ele fosse um animal de carga. Pletnev chegou a se abrir comigo um dia, reclamando da situação, pedindo que eu o aconselhasse em certos assuntos operacionais – revelou, pois agora não faria nenhum mal dizer que o urso andava falando mais do que devia. – E o senhor mesmo viu o que o coronel fez comigo, mandando a polícia atrás de mim, achando que eu estava envolvida no desaparecimento de Soloviov. – Também não havia nenhum perigo em mencionar Soloviov. O próprio Govormarenko já havia comentado com ela sobre o sumiço dele. – Justo *eu*, que identifiquei o general como suspeito. – Pausa de efeito. – O coronel tem sofrido muito com o estresse... Anda meio instável.

– É verdade, eu já notei – concordou Putin. E, como quem não queria nada, perguntou: – O que você realmente acha dele?

Dominika sabia que o homem não dava ponto sem nó. Ela também não.

– Sr. Presidente, segundo o pouco que o major Pletnev me confidenciou, Zyuganov ficou especialmente agitado nas vésperas deste encontro em que Zarubina descobriria o nome do tal informante da CIA. Pois foi aí que tudo começou. Essa confusão comigo. Isso tudo que o senhor acabou de contar: a morte de Pletnev, a emboscada da *imbatível* Zarubina.

– O que você está dizendo exatamente? – instigou Putin.

– Na minha opinião, Sr. Presidente, estes acontecimentos têm um denominador comum, que é Zyuganov tentando salvar a própria pele com a ajuda dos americanos. Quem mais faria tanto barulho assim na caça a um informante senão... o próprio informante?

Pronto. A cartada estava dada. O presidente ainda cravava sobre ela o olhar azul, mas a aura agora pulsava freneticamente. Dominika sabia que ele havia mordido a isca.



Ela já havia se recolhido para seu quarto na mansão, mas não conseguia

dormir. A comilança medieval fora especialmente pesada naquela noite: rosbife, coxas de pato, medalhões de vitela, *bujenina* (porco assado à moda russa), *patichki* (empanados de carne ucranianos) acompanhados de *adjika*, o fortíssimo molho de pimenta dos moldávios. Outros molhos à base de creme de leite fresco ou manteiga transitavam pela mesa em molheiras de prata, navegando ao redor dos castiçais também de prata. Os peixes também não eram poucos: arenque, salmão, esturjão (com molho de creme azedo e endro), *kulebiaka* (folhados com recheio de salmão). *Pelmeni* e *vareniki* (pastéis cozidos) eram pescados de uma sopeira feito piabas de um aquário. Havia ainda legumes salteados na manteiga; terrines de porco, salmão e javali; cogumelos trufados que fumegavam a cada colherada. Govormarenko, falando alto o bastante para que todos ouvissem, havia brincado com o presidente, dizendo que os pratos da Ucrânia, da Geórgia e da Moldávia tinham um gostinho todo especial. Muitos haviam gargalhado de boca cheia, envolvidos pela ampla névoa amarelada que pairava sobre a mesa.

Espichada em sua cama de dossel, aninhada sob uma espetacular colcha recheada de penas de ganso, Dominika acompanhava preguiçosamente o barulho das ondas e o tiquetaquear do relógio sobre o consolo da lareira, uma peça aparentemente muito antiga, banhada a ouro. Ainda tinha pela frente mais um dia de fim de semana prolongado; já não via a hora de voltar para Moscou e enviar todas as mensagens que tinha na cabeça, contando tudo que havia acontecido. E certamente haveria mensagens de Nate e Benford já gravadas no receptor SRAC, esperando para serem colhidas. Ela se remoía por dentro, curiosa para saber o status de Triton, as circunstâncias da morte de Zarubina, se Lyric estava seguro, se *ela* estava segura. O espírito de Hannah voltaria com ela para Moscou, disso ela tinha certeza, e estaria a seu lado quando ela pegasse o carro para transmitir e receber suas mensagens, olhando pelos espelhos retrovisores, tão alegre e esperta quanto antes.

Mas, naquele momento, quem ela realmente queria a seu lado era outra pessoa. O estresse daqueles últimos dias – a viagem para Petersburgo, a exfiltração de Soloviov, o circo de horrores naquela mansão, o convívio com aquela gente – a deixara exausta. Ela agora *precisava* do toque de Nate, dos beijos dele. Mal se aguentava de tanto desejo. Obedecendo aos próprios desejos, lentamente levou a mão à virilha. A escova herdada da avó (com aquele anatômico cabo de

tartaruga que a ajudara a decifrar os mistérios da adolescência) estava no suntuoso banheiro do quarto, longe demais. Paciência. Fechando os olhos ela viu Nate à sua frente e Udranka riu do outro lado das vidraças quando ela afundou a cabeça nos travesseiros e começou a respirar em golfadas de ar curtas, soprando através dos lábios semiabertos, revirando os olhos sob as pálpebras fechadas, as pernas trêmulas, os pés retesados. Após alguns segundos de êxtase ela recobrou o fôlego, piscando os olhos até abri-los por inteiro, perdida por um instante, sem saber ao certo onde estava. As pernas ainda tremiam ligeiramente quando ela secou o suor em torno da boca. E foi nesse instante que o impossível aconteceu.

Com um discreto chiado na maçaneta, a porta do quarto começou a se abrir, deixando entrever o azul brilhante de um halo que ela conhecia muito bem. *Bohze moi!* Não podia ser.

Marta, voluptuosa, vaporosa, abundante, com sua juba de cabelos emoldurando o rosto, sentava-se no sofá do outro lado do cômodo, as pernas cruzadas, um cigarro enfiado entre os lábios. Ela soprou um jato de fumaça, olhou para a porta que se abria, depois para Dominika, sussurrando: E agora, minha irmã, minha grande companheira de Escola de Pardais... o que você pretende fazer?

O presidente deslizou quarto adentro. Ao que tudo indicava, bater à porta não era necessário quando Vlad tinha algo em mente. O azul da aura resvalou para o turquesa quando ele passou pelo clarão que vazava de uma das janelas. Sob a colcha de penas de ganso, Dominika apressadamente tentou recompor a camisola que ainda se embolava nos quadris após a homenagem prestada a Nate. Chegou a desconfiar que aquela visita talvez fosse resultado de alguma câmera escondida em seu quarto, que o presidente tivesse acompanhado de longe os seus momentos supostamente íntimos de prazer. Nesse caso, ele havia sido rápido.

Para surpresa dela, Putin vestia um simples pijama de seda azul-marinho: nenhum brasão bordado, nenhuma águia imperial, nenhuma foice e martelo. Ele puxou uma das cadeiras antigas para junto da cama e se sentou como se fosse um médico familiar, prestes a colocar o termômetro na sua paciente. Soerguendo-se na cama, Dominika cogitou cobrir o corpo até o pescoço, mas acabou deixando a colcha caída sobre as pernas. Afinal, que diferença faria? Não havia como fugir da sua condição de pardal do presidente. Resignada, ela acendeu o abajur a seu

lado e viu os olhos dele brilharem quando desceram para o seu tronco seminu, para o volume dos seios contra a renda da camisola.

Marta e Udranka agora estavam juntas no sofá, acompanhando a cena, dois finados pardais que estavam ali para dar seu apoio, para encorajá-la. O fantasma de Hannah não apareceria naquela noite. Não ali. Não naquelas circunstâncias.

– Boa noite, Sr. Presidente – cumprimentou Dominika com toda a naturalidade do mundo, como se fosse absolutamente rotineiro que o soberano de todas as Rússias surgisse de pijama no quarto de uma súdita no seu palacete de Strelna.

O que, pensando bem, *realmente* devia ser rotineiro.

– Capitã Egorova – retribuiu ele, sem dar o menor indício de que pretendia se desculpar pela invasão, o olhar ainda plantado no decote da camisola. – Venho recebendo uma série de mensagens referentes àqueles assuntos de que falamos mais cedo. A última acabou de chegar.

– Que assuntos, Sr. Presidente?

Udranka sinalizou do sofá para que ela discretamente deixasse cair uma das alças da camisola. E Dominika pensou consigo mesma: “Devchonka, sua puta, me deixe em paz.”

– Triton, o informante de Zarubina, e o espião americano na central – respondeu Putin sem nenhum traço de impaciência. – Recebemos uma mensagem da *rezidentura* de Paris. Triton tentou fazer contato com a embaixada, mas os idiotas pensaram que se tratava de um trote e o dispensaram por engano. Ele deixou um número de telefone local.

Santo Deus, pensou Dominika, o homem que podia ser seu carrasco já havia saído do país e andava à solta na capital francesa, a um telefonema de distância.

– Então ele conseguiu fugir – concluiu ela. – A embaixada vai tentar encontrá-lo? – perguntou, já pensando nas muitas mensagens que teria de compor e enviar para Nate, Gable e Benford.

Eles *precisavam* pegar o homem antes que fosse tarde demais.

Putin não respondeu. Mas disse:

– O coronel Zyuganov foi informado do paradeiro de Triton por meio de uma chamada não autorizada pela linha segura de Paris, realizada pela mãe dele. Imagino que vá ligar para o número deixado pelo agente e marcar um encontro com ele.

O presidente estava visivelmente ruminando o assunto, o que era mais

um perigo. Talvez ainda não estivesse totalmente convencido da culpa de Zyuganov. Mais do que nunca ela precisava ser rápida. Não havia tempo a perder: se Zyuganov conseguisse falar com Triton por vinte minutos que fossem, ela estava perdida.

– É possível. Mas o que será que ele tem em mente? – perguntou ela.

– O óbvio. Zyuganov precisa eliminar Triton, a única pessoa capaz de identificá-lo como ativo dos americanos.

– Sr. Presidente! – exclamou Dominika, fingindo espanto, mas contente com o equívoco.

O halo do homem brilhava mais do que nunca. Sendo russo, decerto estava adorando aquele jogo de xadrez; como ex-KGB, provavelmente vinha salivando com aquela rede de intrigas; como déspota, seguramente já antevia as cabeças que iriam rolar. Ele olhou mais uma vez para os seios dela, para os mamilos que se insinuavam do outro lado da renda *dentelle*. Algo parecia ter se movido entre suas pernas.

Udranka riu do outro lado do quarto escuro.

– Quero que você faça uma coisa por mim – disse ele, pousando uma das mãos sobre a dela. Dominika permaneceu muda, já imaginando as possibilidades babilônicas. – Quero que você vá para Paris amanhã, o mais cedo possível. Você fala francês fluentemente, não fala? – Encarando-a com os olhos de raio X, foi subindo os dedos pelo abdômen dela para depois roçá-los de leve contra o seio esquerdo. Dominika precisou fazer um exercício de autocontrole para não reagir, ciente de que havia arregalado os olhos num impulso. – Você marcará um encontro com Triton antes que Zyuganov consiga falar com ele – explicou o presidente, agora correndo o indicador pelo vale entre os dois seios.

Dominika enregelou, receando que ele pudesse sentir o desgoverno do seu coração, que soubesse diferenciar entre as batidas normais da paixão e as marteladas da repulsa. E aquelas carícias, o que fazer delas? Seriam as preliminares da sedução? Ou seriam o que realmente pareciam ser, isto é, o gesto de um colecionador embevecido, orgulhoso da sua mais recente aquisição? O halo de Putin a engolia por inteiro, assim como o cheiro insuportável do perfume, uma água de colônia provavelmente fabricada em Sochi, algo entre a água de rosas e o cominho. Ela o encarou de volta quando ele passou o dedo sob a renda da camisola e lentamente foi desenhando um círculo em torno do

mamilo esquerdo. Treinada como pardal, sabia perfeitamente que o reflexo pilomotor provocado pela descarga de oxitocina estava apenas contraindo a derme dos mamilos, mas, aos olhos de Vlad, o conquistador, mamilos duros eram um inequívoco sinal de prazer.

– Depois que Triton confirmar que Zyuganov é o traidor – prosseguiu Putin –, quero que você se livre dele, que não tem mais nada para nos oferecer. Tornou-se um fugitivo. Um estorvo, mais do que qualquer outra coisa.

“Ah, mas que gracinha”, pensou Dominika. Ao mesmo tempo que o boçal apalpava os seios dela, pedia que ela cometesse um assassinato em nome do Estado. Não contente em mamar nas tetas da pátria-mãe, pretendia, mais uma vez, difamá-la. Ele agora sequer piscava. Crispava os lábios como se tivesse um chocolate na boca, esperando por sua resposta. Deixando-se levar por um odioso impulso, provavelmente o mesmo que séculos antes levava Messalina a lubrificar as mãos com óleo para massagear Cláudio sob a toga, ela estendeu o braço e pousou a mão entre as pernas do presidente.

– Matar Triton? – murmurou.

Então era isso que caberia a ela como a mais nova integrante daquele pequeno clube?

As narinas do homem latejaram quando ela começou a tatear a seda do pijama à procura da *laska* presidencial, aparentemente adormecida.

– Depois quero que você acerte suas contas com o coronel Zyuganov – acrescentou Putin.

Dominika detectou algo, provavelmente o que estava procurando. Ainda adormecido.

– O que o senhor...?

Com seus dedos calejados, o presidente apertou-a de leve no seio para silenciá-la, e ela achou que era o caso de retribuir com um gesto semelhante, lá onde estava sua mão. Nada se mexia no mar de seda.

– Ele não precisa voltar para a Rússia – insinuou Putin, recolhendo a mão.

Dominika cogitou se devia fazer o mesmo. Não, ainda não.

– Temos homens no Departamento Cinco que fazem essas coisas – comentou ela, acariciando-o com o polegar, mas sem obter o efeito desejado. Estaria perdendo o toque de pardal? Dificilmente. Havia sido uma das melhores da turma naquilo que as matronas da Escola de

Pardais chamavam de “quiromania”.

No canto do quarto, Marta e Udranka olharam uma para a outra e balançaram suas espectrais cabeças.

– Prefiro que você cuide disso – insistiu Putin. – Como será promovida a chefe da Linha KR assim que voltar de Paris, acho cabível que se incumba desta ação pessoal.

“Ação pessoal”, o eufemismo predileto do venerável Stalin para o homicídio puro e simples. Tratava-se de uma típica arapuca palaciana: promoção; acesso ao Kremlin; dinheiro fácil. Depois disso ela pertenceria a eles, dificilmente conseguiria se desvencilhar do laço escamoso daquelas serpentes de cabeça preta. Não fazia sentido que coubesse justamente a ela liquidar aqueles dois, mas o déspota a seu lado, por mais afável que aparentasse ser, não precisava fazer nenhum sentido para impor sua vontade. Ela estremeceu só de pensar no que lhe reservava o futuro: bastaria cumprir aquela primeira ordem para que ficasse eternamente sob as garras de Vladimir Putin. Era irônico que, pelo menos nos últimos cinco minutos, fosse ele quem estivesse sob as garras dela, ainda que não desse nenhum sinal de que estava gostando.

Chefe da Linha KR. Toda a contrainteligência do serviço ficaria sob seu comando, o que significaria um acesso sem precedentes no mundo da espionagem. Nathaniel, Gable, Forsyth e Benford ficariam de queixo caído quando soubessem da novidade. E seu cabeçudo padrinho acabara de lhe dar a oportunidade para sair do país e contar a eles pessoalmente. Antes de qualquer outra coisa, no entanto, ela precisava impedir que Zyuganov conseguisse fazer contato com Triton. Uma vez em Paris, bastaria ligar para o número Sentry para que Nate viesse imediatamente a seu encontro e eles encontrassem juntos uma solução para tudo aquilo. Juntos.

O súbito desejo pelo americano lembrou-a de que ela ainda estava com a mão sobre o colo do presidente. Nada se lia no rosto dele, mas algo já se mexia sob a seda do pijama, aliás mexia muito, como se o homem fosse capaz de despertar seu companheiro com um simples comando da mente. Com a prática que tinha, ela estimou dimensões abaixo da média, mas suficientemente rígidas. Sua vontade foi gritar quando ele ergueu o braço e voltou a acariciá-la no seio, roçando-o de leve com o dorso dos dedos. Em vez disso ela baixou os olhos e abriu um sorriso.

– E então? – perguntou ele placidamente, encarando-a. – Está disposta a fazer o que pedi?

Notando um volume bem maior entre as pernas do homem, Dominika logo se deu conta de que sentenças de morte o excitavam sexualmente. Numa fração de segundo ela pesou os dois lados da questão: num dos pratos da balança colocou a perspectiva de muitas décadas de valiosíssimas informações para a CIA; no outro, uma miserável existência como integrante daquele bando de ladrões assassinos, uma longa estrada que começava justamente naquele quarto e naquela punheta presidencial.

– Sr. Presidente, faço o que for preciso para ajudar o senhor e o meu país – anunciou afinal, mas com uma centelha no olhar em que um observador mais atento poderia ler: “Você não é o meu dono.”

Putin retribuiu com um raro sorriso. No qual um observador mais atento poderia ler: “Claro que sou, minha querida.” Em seguida, como se quisesse dar provas do seu prodigioso autocontrole, ficou de pé, despediu-se com um leve aceno da cabeça e foi embora sem nada fazer ou dizer. Dominika, por sua vez, ficou apenas olhando enquanto ele lentamente fechava a porta às suas costas. Com a mão formigando, exaurida pelo que havia acontecido nos últimos sete minutos, ela deixou o corpo afundar nos travesseiros e sorriu quando Marta e Udranka começaram a aplaudir do sofá. Elas agora estavam acompanhadas de Hannah, que disse: “*Pode ir se preparando, garota, temos muito trabalho pela frente.*” Que bom que ela tinha aquelas três sempre por perto. E muito em breve teria Nate também.

Sobre o consolo da lareira, o relógio que duzentos anos antes batera as horas para o grão-duque Constantino agora tilintou para ela também, como se anunciasse a partida para a corrida rumo a Paris.

PATICHKI – ESPETINHOS DE CARNE

Montar os espetos com cubos de carne marinados em vinagre, depois passá-los numa mistura de farinha de rosca, curry, sal e pimenta. Molhar em ovos batidos, passar novamente pela farinha de rosca e pressionar os cubos para que a mistura grude na carne e o espeto fique bem compacto. Após dourá-

los em óleo quente, distribuí-los numa assadeira com manteiga e cebola picada e terminar o cozimento em forno baixo. Servir com salada e molho *adjika*.

CAPÍTULO 39

SEB ANGEVINE PRECISOU SE RECOMPOR

Putain de bordel!
exatamente

Ninguém.

odurelnii

lail

soupe

Nebilo u baby hlopot tak kupila porosia

rezidenturi

de facto

podia jurar

ela

operadora

*até lá não possuímos
nenhuma base legal para deter Angevine e Vikki Mayfield*

rezident

provas



nunca mais

Dominika Vasilyevna Egorova

***SOUPE À L'AIL* – SOPA DE ALHO**

Ferver caldo de galinha. Refogar uma boa quantidade de alho amassado em gordura de pato (ou azeite), juntar ao caldo com um *bouquet garni* e deixar em fogo brando. Retirar o *bouquet*, depois acrescentar claras batidas, deixá-las cozinhar e retirar a panela do fogo. Misturar as gemas, acrescentá-las à sopa, temperar com sal e pimenta. Colocar uma fatia de pão italiano dormido no fundo das tigelas individuais, salpicar com parmesão, depois jogar a sopa por cima. As claras cozidas podem ser cortadas em pedaços menores.

CAPÍTULO 40

ANGEVINE ESTAVA À PORTA DA embaixada russa em Paris. O trânsito no Bulevar Lannes era uma insanidade: no pico da manhã as duas pistas geralmente tranquilas da avenida se transformavam num inferno de carros praticamente parados, monóxido de carbono, buzinas e franceses mal-humorados. A fuga havia transcorrido sem nenhum obstáculo. Nenhum alerta chegara ao aeroporto de Baltimore, onde, num impulso, ele embarcara num voo direto rumo a Amsterdã para depois tomar um trem rápido até a Gare du Nord. Graças ao Acordo de Schengen de 1995, que abolia o controle de passaporte entre os países integrantes da União Europeia, o único registro da viagem seria o nome que ele havia deixado na lista de passageiros do voo tomado nos Estados Unidos. Dificilmente conseguiriam rastreá-lo em solo europeu. Além disso, levando-se em conta o histórico de outros desertores ao longo das últimas décadas, certamente assumiriam que ele havia fugido para Moscou.

Uma vez em Paris, ele fora direto para o apartamento de uma tia viúva na Île Saint-Louis, a ilha em forma de losango que era vizinha da sua irmã maior e mais famosa no rio Sena, a Île de la Cité. A velha era irmã do seu falecido pai, já meio surda e gagá. O mais importante de tudo era que tinha um sobrenome diferente. Jamais o encontrariam ali. O apartamento em si, que ficava no número 11 do Quai de Bourbon, era apertado, cheirava a gatos e repolho, transbordava de jornais velhos e adornos de cerâmica, mas nem por isso deixava de ser aconchegante. A empoeirada janela do quarto de hóspedes dava para a Rive Droite, e dela era possível avistar, logo depois das árvores, as lucarnas do Hotel de Ville, a prefeitura da cidade. Dali também se ouvia perfeitamente o carrilhão da catedral de Notre-Dame, que ficava logo ao lado. Se sentira-se totalmente em casa ao se ver instalado no apartamento da tia,

confiante de que poderia continuar *operando* dali, já imaginando os russos trocando seu codinome de Triton para Lázaro após o milagre do seu reaparecimento.

Bem, isso havia sido na véspera. Com um braço dolorido, ele agora estava na calçada, olhando através das grades de ferro para o brutamontes que o havia enxotado da área consular da embaixada para a rua, arrastando-o pelo braço sob o olhar admirado dos franceses que ali estavam para pleitear seu visto. Sua vontade era passar uma bela descompostura no grandalhão, dizendo que eles não faziam ideia do erro que estavam cometendo, mas os curiosos já começavam a rodeá-lo, e ele não queria chamar mais atenção para si. Já havia berrado com a recepcionista no interior do prédio, repetindo seu sobrenome inúmeras vezes, soletrando-o, exigindo ser recebido pelos superiores dela, afirmando ter vínculos profissionais com madame Zarubina em Washington. O nome da *rezident* não significava nada para a moça (a jovem esposa do vice-cônsul), mas ela já tinha alguma experiência com aquele tipo de maluco que volta e meia aparecia por ali, atraído pela imponência do prédio, convicto de que participava de alguma missão importante e misteriosa, quase sempre falando de alienígenas ou espiões. Para aplacá-lo, ela anotou o número de telefone que ele insistiu em deixar, mas ao mesmo tempo apertou um botão oculto sob o balcão e numa questão de segundos o segurança brutamontes surgiu do nada para tirá-lo dali.

À hora do almoço, enquanto saboreava uma deliciosa *blanquette de veau* na vizinha Brasserie Alaux, a recepcionista contou ao marido todo o episódio com o mais recente biruta a bater na sua porta. O vice-cônsul já tinha ouvido falar de Zarubina, mas não lembrava exatamente o quê, sabia apenas que a mulher tinha algo a ver com o “pessoal lá de cima”. E, em se tratando do “pessoal lá de cima”, todo cuidado era pouco. De volta à embaixada, ele pegou o nome e o número de telefone rabiscados pelo maluco no bloco da mulher, subiu com eles para o andar da *rezidentura* e tocou a campainha no portão gradeado no corredor. Esperou por uns trinta segundos, depois foi atendido pela matronal Zyuganova, que surgiu no portão sem nada dizer. Corria à boca miúda que a mulher havia sido uma das favoritas de Andropov, que o homem a havia levado arrastada sob sua asa ao deixar a KGB para assumir a secretaria-geral do Partido. “Uma verdadeira bolchevique”, pensou o

vice-cônsul. Uma raça em extinção. Em poucas palavras ele explicou o que estava fazendo ali, depois deixou o papel na caixa de correio junto ao portão.

– Caso seja importante – disse, e curvou-se numa discreta mesura.

– Obrigada, camarada – agradeceu Zyuganova.

Nada se lia no rosto dela.

“Camarada, eu?”, pensou o vice-cônsul, e foi embora.

Zyuganova copiou o número num bloco de anotações, depois levou o papel original para o *rezident*. De modo geral, ele não gostava de discutir assuntos operacionais com aquela mulher, aquela *apparatchik* que parecia ter fugido de algum museu da era soviética e que lhe fora imposta pelo alto-comando da central como consultora política, mas dessa vez, ao saber que o maluco havia mencionado Zarubina, ele ouviu com atenção. Todos já sabiam da morte da Costureira em Washington (as fofocas circulavam mais rapidamente do que os relatórios de inteligência), então era possível que aquilo tivesse alguma importância. Ekaterina Zyuganova ajeitou o elaborado penteado, muito em voga nos tempos de Khrushchev, depois disse que era preciso agir com rapidez: a *rezidentura* de Paris deveria entrar em contato com o americano e marcar um encontro com ele o mais rápido possível. Não contou que tinha falado com o filho e sabia tudo a respeito de Triton, tampouco ressaltou a importância do assunto para o rebento, que certamente seria inocentado da morte de Pletnev e restituído na vice-diretoria caso conseguissem pegar o informante da CIA.

O *rezident* de Paris não estava gostando nada daquilo. Preocupava-se sobretudo com a própria pele. Ultimamente, andava aflito com as pressões de contrainteligência que vinha sentindo nas ruas por parte do DST, o serviço interno dos franceses. Via sinais de perigo por toda parte. Ninguém sabia ao certo o que havia acontecido em Washington, mas, quando alguém como Zarubina morria, a coisa nunca era boa. Pois agora isto: um maluco caindo de paraquedas na embaixada e pedindo para falar com o SVR. Muito estranho. O mais provável era que fosse um agente duplo plantado pelos americanos. Os ianques eram agressivos, decerto estavam de conluio com os franceses. Aquilo cheirava a emboscada.

Zyuganova percebia claramente todos os receios do carreirista que suava à sua frente, mas estava determinada a fazer Yasenevo andar. Se o

rezident não quisesse agir, poderia ela mesma informar Moscou sobre o maluco que aparecera ali e deixar que *eles* decidissem. Em consideração à sua condição de veterana e ao que sobrava da influência que um dia ela tivera sobre Yasenevo, o homem acabou cedendo e redigindo junto com ela um telegrama urgente para a central. Talvez eles tivessem de aguardar um dia inteiro pela resposta. Impaciente, Zyuganova esperou apenas uma hora antes de ligar para o filho e contar a ele tudo que havia acontecido.

– Vou para Paris agora mesmo – avisou ele, e pediu o número deixado por Triton.

– Você não vai a lugar nenhum. Recebeu ordens pra não sair do país.

Tinha plena consciência do perigo que seu filhinho estava correndo, sabia que era importante, senão *essencial*, que ele andasse rigorosamente nos trilhos para sair vivo daquela confusão. Sobreviver no SVR não era fácil. Ela conhecia de perto o *chudovische*, o monstro subterrâneo que num piscar de olhos despertava do seu sono leve e subia à tona para devorar os pecadores. Nos seus quarenta anos de serviço, havia sido uma funcionária exemplar, obedecendo prontamente a todas as ordens recebidas, recitando a cartilha de olhos fechados, derrotando os muitos Herodes à sua volta para ocupar o lugar que era seu no Colégio da KGB, nos quadros do Comitê Central e no gabinete do presidente do Partido.

Portanto, foi com um misto de susto e irritação que Ekaterina Zyuganova recebeu o filho um dia depois, quando, mal barbeado e malvestido, ele bateu à sua porta no elegante subúrbio parisiense de Neuilly. Os olhos vidrados eram os mesmos que ele exibia nos tempos de Lubyanka, antes das crises de descontrole que faziam dele um homem imprevisível e cruel. A central já havia emitido um alerta para a *rezidentura*, informando que Aleksei Zyuganov estava a caminho de Paris, tendo violado a orientação dos corregedores do SVR ao usar seu passaporte civil para embarcar no aeroporto de Vnukovo. Caso ele aparecesse na embaixada, dizia a mensagem, a ordem era para que fosse imediatamente levado para o aeroporto Charles de Gaulle e despachado de volta no primeiro voo com destino a Moscou. Ainda não era visto oficialmente como um fugitivo, mas, para Ekaterina, uma coisa era certa: ele estaria arruinado se não acatasse cegamente aquelas últimas ordens da central, qualquer que fosse o fim da história com Triton. Para salvar a pele do filho, ela só tinha uma coisa a fazer: entregá-lo ao *rezident*.

Zyuganov não estava mais pensando com clareza, muito menos com inteligência. Simplesmente obedecia a uma necessidade animal de descobrir o nome do tal informante, disposto a fazer o que fosse preciso para esse fim, inclusive sair do país à revelia das ordens recebidas e correr o risco de cair numa arapuca armada pelos americanos. No centro daquela sala tão bem decorada, sua mãe agora berrava como se estivesse diante de algum subordinado no Comitê Central, inconformada com a burrice do filho quarentão, furiosa que ele tivesse ignorado os seus conselhos de mãe, que tivesse desobedecido ao Estado. *Goviniuk!* Bosta na cabeça, esse era o problema dele.

Ekaterina foi até o telefone da mesinha lateral e discou o número da embaixada, que ficava logo ali, do outro lado do Bois de Boulogne. Os seguranças chegariam em dois minutos para levar Aleksei embora, nem que para isso tivessem de prendê-lo num cesto de roupa suja. Ela se identificou para a telefonista e pediu para falar com o *rezident*. Mas não falaria. Surpreendida por um violento murro na lateral do pescoço, deixou o telefone cair e desabou irremediavelmente no chão. Ao erguer o rosto, deparou com aquele olhar de açougueiro que milhares de prisioneiros já tinham visto nos porões de Moscou, mas que nenhuma mãe gostaria de ver no rosto do seu *malchik*, do seu filhinho querido. Zyuganov arrancou o telefone do fio.

Com as forças que tinha, Ekaterina ficou de pé, massageou o pescoço dolorido e saiu cambaleando para o quarto, onde havia outro telefone. No entanto, antes que pudesse alcançá-lo, foi violentamente empurrada pelo filho e se esborrachou na cama à sua frente, berrando o mais alto que podia na esperança de tirá-lo daquilo que parecia ser um surto psicótico. Zyuganov logo avistou sobre a cama um vestido coberto com a embalagem plástica da lavanderia; sem pensar duas vezes, arrancou-a do cabide e usou-a para sufocar a mãe, embrulhando a cabeça dela para depois enforcá-la na altura do pescoço. Com os olhos arregalados, Ekaterina agora jogava a cabeça de um lado para o outro, desesperadamente sugando pela boca o pouco ar que lhe restava. Seu filho anão mantinha-se firme onde estava, sentado de pernas abertas em cima dela, encarando-a a poucos centímetros de distância. Relaxou apenas quando cessaram os chutes, quando sentiu no corpo da mãe aquele derradeiro tremor que conhecia tão bem. Reerguendo-se, imediatamente vasculhou todos os bolsos dela e não demorou para

encontrar o que procurava: o número de telefone deixado por Triton. Sabia que precisava sair dali o quanto antes. Revirou algumas gavetas, depois correu para a rua.

Ao deixar o prédio, viu um Peugeot dobrar a esquina. A placa diplomática e a cara amarrada dos ocupantes não deixavam dúvida de que se tratava de um carro da embaixada russa. Encontrariam Ekaterina, mas não teriam como associá-lo à morte dela. Era bem provável que a polícia francesa o procurasse mais tarde. Mas isso não tinha nenhuma importância, ele pensou irracionalmente. Assim que provasse que Dominika Egorova estava a serviço da CIA, poderia retornar a Moscou para receber, triunfante, as desculpas oficiais, as congratulações presidenciais e a promoção desde muito devida. Talvez fosse o caso de arrastar Triton consigo para que Putin o pendurasse depois na sua parede de troféus.

Apertando o passo, ele desceu pela Rue de Longchamp e tomou o metrô na estação Pont de Neuilly, rumo ao centro da cidade. Já no trem, planejou ligar para Triton de um dos telefones públicos da Galeries Lafayette que ficava no Bulevar Haussmann. Em seguida, num toca-discos imaginário, colocou para tocar um LP recém-gravado com a torrente dos últimos acontecimentos: o traidor Soloviov havia sumido do mapa; Egorova era hóspede pessoal do presidente; o encontro de Triton em Washington havia implodido; Zarubina estava morta; Triton reaparecera em Paris, pedindo para fazer contato; Ekaterina o avisara disso e agora lá estava ele na capital francesa, todas as contas já devidamente acertadas com a mãe. Antes do fim do dia ele já teria falado com o informante americano. Os problemas com Putin evaporariam no ar, bem como o processo instaurado pela corregedoria após o episódio com Yevgeny.

O que ele não sabia era que o presidente da Federação Russa tinha seus próprios planos.

BLANQUETTE DE VEAU

Em água com manteiga, cozinhar cebolas-pérola e cogumelos fatiados até que fiquem macios e brilhantes. Cobrir cubos de vitela com água, junto com

cebolas grosseiramente picadas, cenoura, aipo e um *bouquet garni*. Esperar ferver, depois baixar o fogo e deixar cozinhando até a carne amaciar. Coar os cubos, reservar o caldo, descartar os legumes e o *bouquet*. Preparar um creme *roux*, incorporar ao caldo e ferver até engrossar. Juntar os cubos de vitela, as cebolas, os cogumelos, creme de leite, sal e pimenta e deixar cozinhando. Incorporar gemas batidas, mas não deixar ferver. Acrescentar suco de limão e servir com purê de batatas ou arroz branco.

CAPÍTULO 41

DOMINIKA FINALMENTE ESTAVA LIVRE DOS

ele

ela

siloviki

Por que não pergunta a ele?, disse Udranka, olhando para a rua pela janela do quarto.

parchivii.

tocou
Duchka



apostar

whippet

As doze regras de Gondorf

tour de force

agora

rottweiler



arrondissements

bar à vin

=====

Bratok

não posso

ele

eu

eu



Ela discutiu a situação com Marta, Udranka e Hannah, todas reunidas com ela na cama, uma congregação de Rusalki. Eles sabem o que estão fazendo, disse Hannah, a operadora. Paciência, disse Marta, a sábia. Você está reclamando de barriga cheia, disse Udranka, a emocional; é uma grande sorte que você tenha alguém pra amar e te amar de volta.

tiuremshchik

frisée

cassoulet maison

pelmeni

solianka pirojki

Davai, davai, davai...

CAMEMBERT COM CEBOLAS CARMELIZADAS

Retirar o queijo da caixinha de madeira e fazer uma incisão em forma de X sobre a casca. Inserir lascas de alho e gravetos de tomilho e colocar o queijo de volta na caixa, acrescentar um fio de azeite (ou de vinho branco, ou de vermute), colocar numa assadeira e deixar em forno médio até que o camembert derreta bem. Servir com cebolas fatiadas e caramelizadas em manteiga e vinagre balsâmico.

CAPÍTULO 42

APÓS UM BOM TEMPO DE

pense

braços

vem!

voce

antes

Rodina.

=====

muito mais

bateau-mouche



Sistema

Marta e Udranka observavam junto da água, cantando feito duas sereias Rusalki. Hannah vinha em silêncio às suas costas.

agora

plof

Ne bouge pas



Ma femme

Ma femme?

Elle était mourante. Morte? Ma femme?

mourante

morte

bateau-mouche

Esperar

Bratok

exatamente

duchka

vinha

opus magnum

milhares

fogo

Laranja mecânica

Eeshala tah akhareh ohmret gerieh bakonei.

CAPÍTULO 43

PUTIN DESPACHAVA EM SUA SALA no Palácio do Senado. Vestindo um terno azul-marinho, camisa azul-clara e uma gravata que ficava entre o azul e o prata, ele agora tamborilava os dedos curtos sobre a mesa enquanto lia o relatório urgente e confidencial que o SVR havia preparado sobre o acidente ocorrido dois dias antes na usina de enriquecimento de urânio em Natanz, no Irã. Na pasta também estavam incluídas as imagens obtidas pelo satélite YOBAR do Ministério da Defesa. Fotos com filtro infravermelho mostravam uma quilométrica coluna de fumaça que subia da usina para se espichar na direção sudeste, uma nuvem tóxica que mataria indistintamente todos que encontrasse pelo caminho, fossem eles iranianos, afegãos ou paquistaneses. O satélite dispunha de um radar de abertura sintética capaz de recriar o que havia do outro lado da fumaça: a nova Unidade C havia derretido e despencado por inteiro, deixando em seu lugar um enorme caldeirão radioativo. Uma nota de rodapé informava que as temperaturas produzidas pelo fogo haviam alcançado níveis semelhantes aos da erupção do vulcão Kelud na ilha de Java em 2014.

“Paciência”, pensou Putin, jogando a pasta na caixa de mármore Koelga reservada para os documentos já lidos. Ele não estava nem aí. Pelo contrário: quanto maior a confusão, quanto maior o desequilíbrio geopolítico, melhor para a Rússia. Talvez o tal incêndio fosse obra dos americanos ou dos israelenses, mas também era possível que aqueles babuínos persas não tivessem a competência necessária para lidar com o urânio. De qualquer modo, os russos já haviam sido integralmente pagos pelo piso, e Govormarenko já distribuía os “dividendos” entre todos os “investidores”. Mas o melhor ainda estava por vir: quando os iranianos enfim decidissem reerguer a usina queimada, a Rússia estaria lá para fornecer todos os equipamentos necessários e toda a tecnologia. A preços de ocasião.

E eles que tentassem intervir no Cáucaso. Dificilmente conseguiriam

alguma coisa por lá. A população russa estava na palma de sua mão: noventa por cento aprovavam as investidas militares recentemente realizadas na Ucrânia; 95 por cento acreditavam, ou melhor, *sabiam* que a situação era a mesma nos enclaves russos no Cáucaso, na Moldávia, na Estônia, na Lituânia e na Letônia. Novas oportunidades acabariam por se apresentar. Era sempre assim.

Ele teria que ficar de olho nos oligarcas, que vinham reclamando de prejuízos com as sanções dos bancos ocidentais. Nada que não pudesse ser resolvido com meia dúzia de indiciamentos e prisões por corrupção. Em todo caso, essas sanções perderiam boa parte do seu efeito com os negócios astronômicos que ele fecharia com a China, a Índia e o Japão nas áreas de petróleo e gás natural. Além disso, ele continuaria a bater de frente com a OTAN: as condições nunca haviam sido tão boas para acabar de vez com aquela palhaçada, o que seria um belo troco pela dissolução da União Soviética. Com a OTAN fora do jogo, ele não teria mais que se preocupar com aquela proposta absurda dos americanos de implantar um sistema de defesa antimísseis na Polônia e na República Tcheca.

Quanto mais Vladimir Putin contemplava sua condição de senhor feudal, mais excitados ficavam seus brios eslavos. Suas opiniões eram revelações incontestáveis da Verdade. Sozinho ele vinha conseguindo manter os bárbaros do outro lado do muro. Logo, logo, a Rússia voltaria a ser temida mundialmente. Temida e respeitada. E se para isso fossem necessárias medidas extremas, paciência: não seria a primeira vez que as ruas da Ucrânia ficariam empestadas de órfãos. Aquilo era dele, ai de quem dissesse o contrário.

Alçando voo, sua alma deixou para trás as muralhas do Kremlin, sobrevoou a Praça Bolotnaya, onde as massas haviam protestado em vão, depois foi planando sobre o rio até sobrevoar o V cinzento do presídio de Lefortovo, onde os traidores eram trancafiados para morrer; tirando partido de uma corrente de ar, subiu ainda mais e avistou de longe Lubyanka, onde os guerreiros do FSB protegiam a todos com suas espadas e seus escudos, e mais adiante viu também o telhado de Tolstói em Khamovniki, depois a fachada dórica do Conservatório de Moscou, onde Sofronitsky, o pianista de Deus, havia encantado a tantos mortais sem jamais ter pisado fora da *Rodina*; dali a pouco já passava pelos

bosques de Mednoye, onde Vasili Blohkin executara 7 mil homens em 28 dias, depois pelos pinheiros de Yasenevo, do outro lado dos quais ficavam os muitos prédios do quartel-general do SVR: planando em torno do mais alto deles, um espigão de metal e vidro, aproximou-se de certa janela e atravessou as cortinas para aterrissar na sala e finalmente fechar nela as suas asas de albatroz.

Sem se dar conta daquela espectral visita, a nova chefe da Linha KR ajeitou uma mecha dos cabelos atrás da orelha, depois jogou na caixa de saída à sua esquerda um detalhado relatório sobre o acidente na usina nuclear de Natanz.

AGRADECIMENTOS

ESCREVER UM LIVRO É UMA TAREFA SOLITÁRIA

duas vezes

SOBRE O AUTOR



JASON MATTHEWS

Operação Red Sparrow

editoraarqueiro.com.br





Operação Red Sparrow

Matthews, Jason

9788580418200

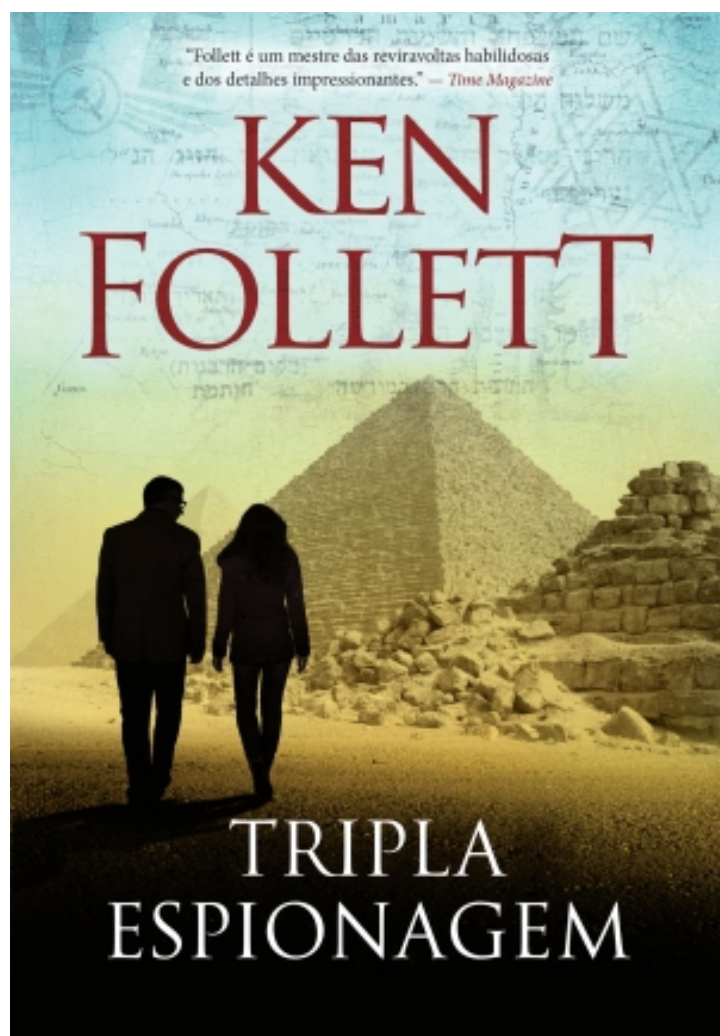
432 páginas

[Compre agora e leia](#)

**LANÇADO ORIGINALMENTE NO BRASIL
COMO *ROLETA RUSSA***

"Poucas vezes li um romance tão rico em detalhes. Entre manobras para confundir o inimigo e armadilhas sexuais, fugas mirabolantes e transmissões secretas, Jason Matthews oferece ao leitor uma cartilha sobre o romance de espionagem do século XXI." - Charles Cumming, *The New York Times*

Compre agora e leia



Tripla espionagem

Follett, Ken

9788580419498

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

PUBLICADO ANTERIORMENTE NO BRASIL
COMO *TRIÂNGULO*

Baseado numa história real, *Tripla espionagem* é um
suspense sobre um dos acontecimentos mais
eletrizantes do século XX

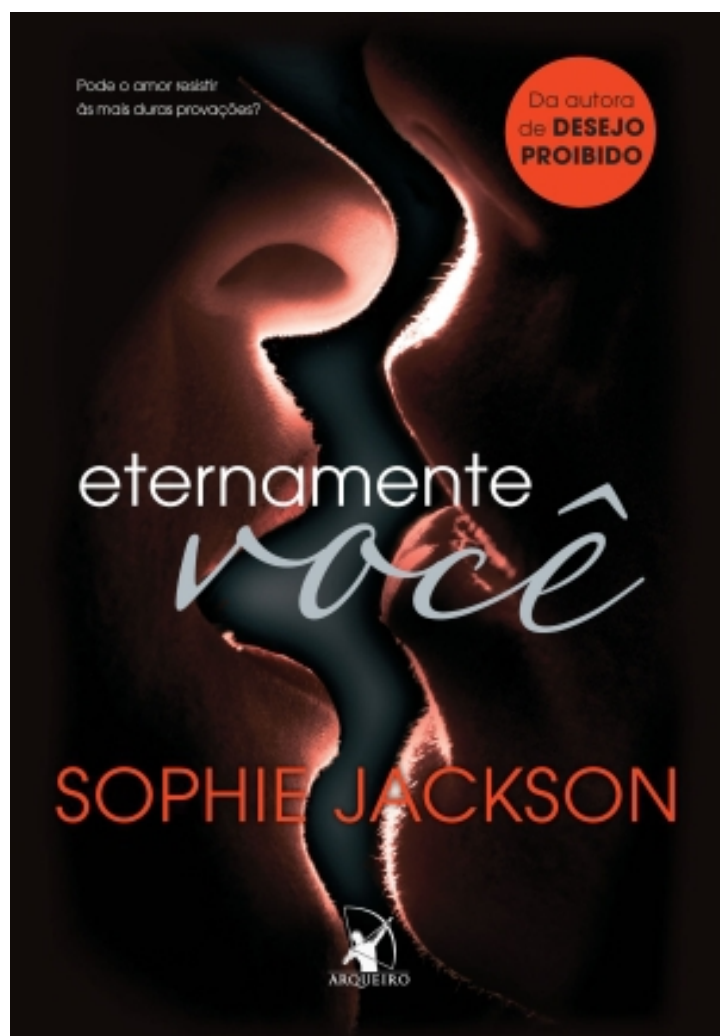
"Follett é um mestre das reviravoltas habilidosas e dos detalhes impressionantes." — *Time Magazine*

"Um confronto de fazer a terra tremer." – *The New York Times*

"Magistral. Um gol de placa." – *The Philadelphia Inquirer*

"Altamente engenhoso. Fascinante." – *The Washington Post*

[Compre agora e leia](#)



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.

Compre agora e leia



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

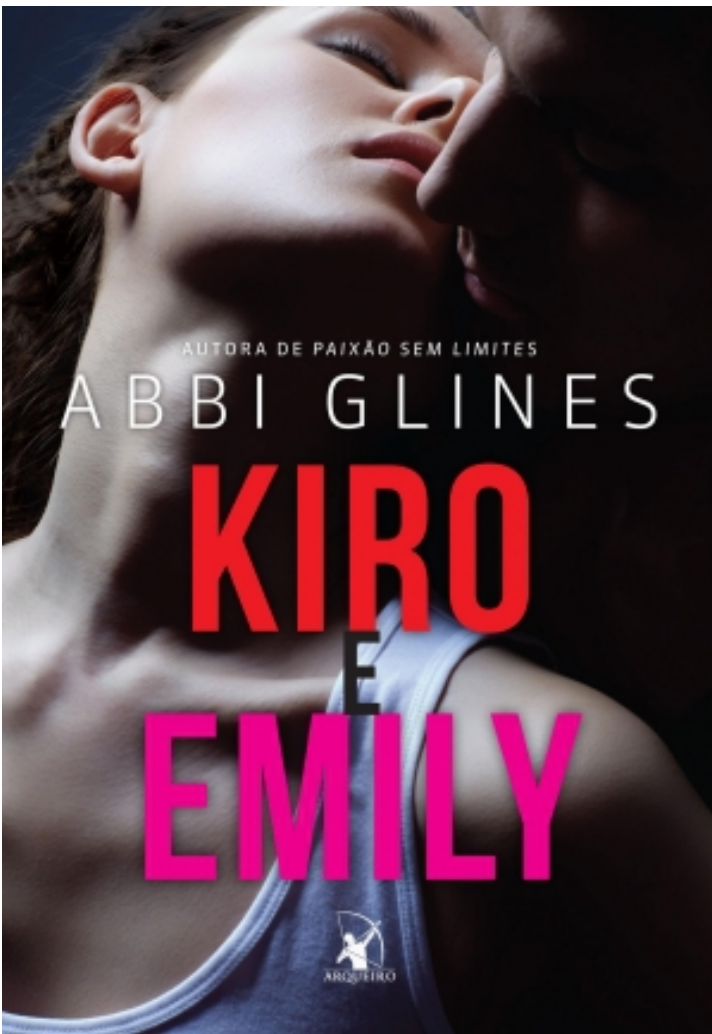
[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância.

Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improvisado e convidados surpresa.

Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)



Kiro e Emily

Glines, Abbi

9788580416107

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

bad boy

A

primeira chance

Compre agora e leia